

A watercolor painting in shades of pink, purple, and yellow, depicting two figures from behind. The figures are standing on a textured, light-colored ground. The style is soft and painterly, with visible brushstrokes and a gentle color palette.

**O ESPAÇO VIVIDO:
LITERATURA E ANTROPOLOGIA EM RUY DUARTE DE CARVALHO**

LAURA REGINA DOS SANTOS DELA VALLE

Imagem: Aquarela de Ruy Duarte de Carvalho (fonte: Jornal Círculo RDC)

LAURA REGINA DOS SANTOS DELA VALLE

**O ESPAÇO VIVIDO:
LITERATURA E ANTROPOLOGIA EM RUY DUARTE DE CARVALHO**

PORTO ALEGRE

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**O ESPAÇO VIVIDO:
LITERATURA E ANTROPOLOGIA EM RUY DUARTE DE CARVALHO**

LAURA REGINA DOS SANTOS DELA VALLE

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ANA LÚCIA LIBERATO TETTAMANZY

Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira e Luso-Africanas, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Dela Valle, Laura Regina dos Santos

O espaço vivido: Literatura e Antropologia em Ruy Duarte de Carvalho / Laura Regina dos Santos Dela Valle. -- 2015.

117 f.

Orientadora: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Ruy Duarte de Carvalho. 2. Literatura. 3. Antropologia. 4. Espaço vivido. 5. Experiência. I. Tettamanzy, Ana Lúcia Liberato, orient. II. Título.

*...à memória
de meu querido pai,
que deixou de nos alegrar
com sua presença,
mas permanecerá em
nossos corações.*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande de Sul, pelo ensino público e de qualidade, que me permitiu alcançar mais este degrau rumo à minha formação.

A CAPES pela bolsa de estudos, uma assistência fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha mãe Lúcia, a mulher mais lutadora que já conheci. Venceu o câncer, superou a perda de meu pai, e ainda encontrou forças para não me deixar desistir dos sonhos que persigo desde a infância.

Ao meu esposo João Batista Dela Valle pelo amor incondicional, pelo ombro amigo e pela cumplicidade, fruto dos nossos vinte e três anos de companheirismo.

Aos meus filhos Filipe Dela Valle e Cássio Dela Valle, que cresceram junto comigo nessa trajetória acadêmica.

Aos meus irmãos Carla, João e Helenice, por estarem sempre por perto nas muitas vezes de que precisei.

Aos meus cunhados Márcio e Edna, que considero como irmãos, dois exemplos de perseverança.

À minha querida amiga Tânia Nunes, uma alma superior que tem iluminado a minha vida.

Aos meus amigos...colegas de pesquisa (Mauren, Cristina, Bruna, Sofia, Clara, Marina e Liana) pelas discussões que tanto contribuíram para o meu crescimento intelectual.

E, principalmente, à Ana Lúcia Tettamanzy, minha professora, orientadora, amiga... Uma adorável “metamorfose ambulante” que possui uma alma de poeta, tal qual Ruy Duarte de Carvalho.

“O que me lembro é de durante a noite em que fiquei sozinho, enquanto me interrogava sobre o que fazia ali e sobre o que já tinha escrito e haveria de escrever e dava conta de que o ‘meu livro’, aquele que andava a procurar desde a minha adolescência e decidira por fim escrevê-lo para poder contar-me a mim mesmo [...] esse livro jamais eu o faria, e nem podia, porque estava a vivê-lo.”

Ruy Duarte de Carvalho (2000)

RESUMO

Este trabalho propõe observar, principalmente na análise da obra *Vou lá visitar pastores* (2000), a relação do autor Ruy Duarte de Carvalho com o espaço vivido. A pesquisa se estende com menos profundidade às outras obras do autor – *Como se o mundo não tivesse leste* (2008), *Os papéis do inglês* (2007), *Actas da Maianga* (2003), *As paisagens propícias* (2005), *Lavra* (2005), *A câmara, a escrita e a coisa dita...*(2008), *A Terceira Metade* (2009) e *Desmedida* (2010) – , com o objetivo de traçar um breve panorama biográfico de Duarte, devido à sua inscrição pessoal tanto na poesia quanto nos enredos. Observei que, para o autor, o espaço transcende os limites da realidade física, visto que também é o lugar da criação e da ficção. Para o outro esse espaço vivido representa a extensão da própria vida, pois essa relação de pertencimento estabelece um acordo coletivo entre esses sujeitos e o lugar. Ruy Duarte empenhou grande parte de sua vida no estudo dessas relações, propondo-se a ir lá viver com eles. Com isso, busquei analisar tais questões, pois a partir de experiências desse tipo tem-se mais autoridade para dizer do outro, conforme pôde ser verificado no cotejo entre a minha experiência e a do autor. Nesse sentido, observei ainda a implicação que a Literatura e a Antropologia tiveram para o desenvolvimento de tal projeto de escrita, bem como a maneira de Ruy Duarte se apropriar desses discursos para criar seu próprio estilo literário. Além disso, intentamos dar visibilidade à obra desse importante autor angolano, visto que seu estudo é de suma importância para a compreensão das culturas africanas. Para dar conta de tudo isso, tornou-se necessário um diálogo com inúmeros teóricos de diferentes áreas do saber, dentre os quais se destacam: James Clifford, Walter Benjamin, Gaston Bachelard, Homi Bhabha, Roland Barthes, Rita Chaves, Laura Cavalcante Padilha, Antonio Candido, Frantz Fanon, Rodolfo Kusch, François Laplantine, Ella Shohat/Robert Stam e Paul Zumthor.

Palavras-chave: Ruy Duarte de Carvalho. Espaço vivido. Experiência. Antropologia. Literatura.

ABSTRACT

This research proposes to observe Ruy Duarte de Carvalho's relationship with the lived space, especially in view of the work *Vou lá visitar pastores* (2000). Due to his personal inscription in both poetry and plots, the research superficially extends to other works of the author - *Como se o mundo não tivesse leste* (2008), *Os papéis do inglês* (2007), *Actas da Maianga* (2003), *As paisagens propícias* (2005), *Lavra* (2005), *A câmara, a escrita e a coisa dita...*(2008), *A Terceira Metade* (2009) e *Desmedida* (2010) - in order to trace a brief biographical overview of Duarte. We note that, for the author, the space transcends the limits of physical reality, since it is also the space of creation and fiction. For the 'other', this lived space is the extension of life itself, because this relation of belonging establishes a collective agreement between the subjects and the place. Ruy Duarte committed much of his life in the study of these relations, and therefore was willing to go live with them. Therewith, we sought to examine these issues, because from such experiences one has more authority to report about the "other", as evidenced in the comparison between the experiences of the author and mine. In this sense, the implications that Literature and Anthropology have had for the development of such a writing project were also observed, as well as the way Ruy Duarte incorporates these discourses to create his own literary style. In addition, we seek to give visibility to the work of this important Angolan author, since his work is of great importance for the understanding of African culture. To account for all that, we set up a dialogue with numerous theorists from different disciplines, among which we highlight: James Clifford, Walter Benjamin, Gaston Bachelard, Homi Bhabha, Roland Barthes, Rita Chaves, Laura Cavalcante Padilha, Antonio Candido, Frantz Fanon, Rodolfo Kusch, François Laplantine, Ella Shohat / Robert Stam and Paul Zumthor.

Keywords: Ruy Duarte de Carvalho. Lived space. Experience. Anthropology. Literature.

SUMÁRIO

PARA COMEÇAR A DIZER	10
1 RUY DUARTE DE CARVALHO: QUANDO O DITO É VIVIDO E O VIVIDO É DITO... ..	17
1.1 QUANDO A HISTÓRIA FALA POR SI	17
1.2 QUANDO A ESCRITA FALA POR SI	23
1.3 QUANDO A EXPERIÊNCIA FALA POR SI	26
2 RUY DUARTE DE CARVALHO: DE QUEM HÁ O QUE DIZER... ..	32
2.1 QUANDO O ASSUNTO É VIAJAR... ..	33
2.2 QUANDO O ASSUNTO É A ESCRITA DE SI... ..	36
2.3 QUANDO SE FALA DE POESIA... ..	39
2.4 QUANDO SE FALA DE POLÍTICA... ..	43
3 HISTÓRIAS E FICÇÕES: QUANDO OS DISCURSOS SE CONFUNDEM... ..	48
3.1 SOBRE O LUGAR DA ANTROPOLOGIA... ..	48
3.2 SOBRE O LUGAR DA LITERATURA... ..	54
3.3 SOBRE O LUGAR INCERTO DA NARRATIVA DE RUY DUARTE DE CARVALHO... ..	61
4 VOU LÁ VISITAR PASTORES: E A NARRATIVA ACONTECE	69
4.1 SOBRE MEMÓRIAS E COLOCAÇÕES	71
4.2 SOBRE VIAGENS E ENCONTROS	76
4.3 SOBRE ETNOGRAFIAS E TORRENTES	82
4.4 SOBRE DECIFRAÇÕES E DESAFIOS	86
5 A VIDA REINVENTADA: E SE ENTRA NO JOGO... ..	90
5.1 QUANDO AS HISTÓRIAS SE CRUZAM... ..	91
5.2 QUANDO A VIDA E O ESPAÇO SE ENTRELAÇAM... ..	94
5.3 QUANDO SE APRENDE A OUVIR... ..	102
...E A HIPÓTESE DE UM DESFECHO	106
REFERÊNCIAS	111
ANEXOS	116

PARA COMEÇAR A DIZER.....

Que autor, de fato, não terá sonhado escrever um livro
que seja quem for o venha abrir numa hora qualquer
para encontrar aí uma cumplicidade que
talvez nem sempre lhe tenha assistido
ao longo de seu próprio destino [...].

Ruy Duarte de Carvalho (2005)

Dizer de Ruy Duarte de Carvalho é, basicamente, a razão deste trabalho. Quando o conheci, por meio de sua obra, encontrei a cumplicidade a que ele se refere no excerto da epígrafe acima, e que escolhi para introduzir este estudo. Ele não foi apenas um autor de Literatura Angolana, mas um visionário com a rara capacidade de aliar visão e competência: “Era a clássica estória daquele que entra no jogo antes de tempo e depois, quando chega a hora de jogar, já não acha graça, já está mas é noutra.” (CARVALHO, 2007, p. 155). E, como todo grande gênio, não foi compreendido em seu próprio tempo: “o que poderá pensar-se, saber-se, reconhecer-se, de um rinoceronte sozinho, no meio da estepe e sem ninguém a vê-lo?” (CARVALHO, 2007, p. 156).

A comparação metafórica que ele faz de si mesmo revela a plena consciência de sua condição. Devido a tal desconhecimento, também deixou de alcançar, em vida, o devido reconhecimento ao seu trabalho em âmbito global. No Brasil Ruy Duarte ainda é minimamente estudado, havendo poucos trabalhos referentes à sua obra, sendo que se limitam, quase sempre, às obras *Os papéis do inglês* (2007) e *Desmedida* (2010) por serem as que têm edição brasileira recente. A maior parte da produção literária do autor já está esgotada, inclusive em Portugal, na editora (Cotovia). Esses fatores também contribuem para a manutenção desse desconhecimento acadêmico em relação ao Ruy.

O levantamento da fortuna crítica em relação ao autor, parte integrante deste estudo, demonstrou que no Sul do Brasil esse desconhecimento é ainda maior, pois são muito escassos os artigos produzidos em relação a Duarte, dissertações e teses praticamente não há. Desse modo, observamos que o maior fluxo dessa produção ocorre em São Paulo (USP) e Niterói (UFF), pois as professoras Rita Chaves e Laura Cavalcante Padilha, respectivamente, têm sido referências importantíssimas

para evidenciar a relevância da obra deste grande autor angolano. Elas, inclusive, já orientaram e continuam orientando dissertações e teses em relação a Ruy Duarte. Com isso, este trabalho também intenta diminuir o vazio acadêmico em relação à produção deste importante poeta e ficcionista angolano na região Sul do Brasil.

Sendo assim, o livro de Duarte escolhido para servir de base para este trabalho é *Vou lá visitar pastores*, por ser pouco conhecido. Apesar de ter sido publicado em 1999 (Cotovia) e 2000 (Gryphus), não teve reedição, estando esgotado há algum tempo. Nele, o autor praticamente inaugura sua trajetória ficcional¹, pois o fio da narrativa, iniciado no *Pastores*² continua nas obras seguintes a ele (principalmente na Trilogia *Os Filhos de Próspero*³). Essa questão impossibilita que se restrinja o estudo apenas à obra citada, tornando-se necessário um diálogo mais amplo com o todo de sua produção literária. Sem, contudo, deixar de dar a devida atenção a *Vou lá visitar pastores*, que terá, inclusive, um capítulo dedicado à sua análise.

O estudo em questão pretende pensar a relação do autor com o espaço vivido, sendo que esse espaço não contempla apenas o aspecto geográfico, mas se estende ao tempo e à escrita/narrativa – do outro e de si mesmo. Nesse sentido, ele atua como “personagem” que participa do enredo junto àqueles que observa, e ainda, que vivencia e experimenta as sensações e emoções que esses espaços reais e subjetivos lhe oferecem. Diana Irene Klinger afirma que “O autor é considerado como sujeito de uma *performance*, de uma atuação, um sujeito que ‘representa um papel’ na própria vida real” (KLINGER, 2007, p. 55, grifos da autora). A partir dessa ideia também farei uma pequena relação entre a minha experiência em trabalho de campo, durante a Graduação em Letras (2008-2009) na UFRGS e a do autor no deserto da Namíbia.

¹ A sua primeira aventura na ficção foi o livro *Como se o mundo não tivesse leste*, em 1977. O autor refere que cedeu à tentação de escrevê-lo porque gostaria de dizer coisas que pela via da poesia já não era mais possível. Contudo, tratou-se apenas de um ensaio, pois ainda não tinha passado pela Antropologia, ciência que lhe permitiu desenvolver o estilo próprio de sua narrativa posterior. (CARVALHO, 2008).

² Ruy Duarte refere-se à obra *Vou lá visitar pastores* desse modo reduzido em alguns momentos. E, como neste trabalho adotamos a mimese de alguns aspectos da obra do autor como recurso que visa enfatizá-los, justifica-se o seu uso aqui e em outros pontos subsequentes.

³ A Trilogia *Os Filhos de Próspero* é composta pelos seguintes livros de Ruy Duarte de Carvalho: *Os Papéis do Inglês* (2000), *As Paisagens Propícias* (2005) e *A Terceira Metade* (2009). Todos pela Editora Cotovia, de Portugal. O primeiro deles teve edição brasileira pela Companhia das Letras em 2007.

A atuação de Ruy, a transumar pelos espaços e pelos discursos, nos revela a necessidade de evidenciar alguns campos do saber – Literatura e Antropologia – que permitiram o seu trânsito. Logo, o estudo de desses saberes nos permitirá expandir a compreensão da relação do autor com essas áreas, além de servir como suporte para as reflexões delineadas nos capítulos que seguem. Também vislumbraremos o rico potencial que a imbricação interdisciplinar entre esses saberes tende a propiciar, tendo-os como ponto de partida para a análise.

Sendo assim, este trabalho será dividido em cinco capítulos, além deste texto introdutório, que funcionarão de maneiras distintas. Apesar disso, são partes que dialogam entre si por se tratarem de diferentes maneiras de “dizer” da vida e da experiência de Ruy Duarte de Carvalho. O que os distingue é o fato de assumirem funções diferentes na abordagem dos assuntos estudados. Cada capítulo possui o seu próprio objetivo, dentro do objetivo maior, já mencionado.

Cabe ainda destacar que me apropriei de alguns recursos estilísticos singulares de Ruy Duarte empregados na obra *Vou lá visitar pastores*, com o objetivo de evidenciar as sutilezas de sua escrita. Um deles é o formato dos títulos e subtítulos, que funcionam como um mote, uma pista sugestiva em relação ao que será descrito. Outro recurso, utilizado com menos frequência neste trabalho devido à sua natureza, são os muitos pontinhos, que suscitam a reflexão no leitor.

A razão do primeiro capítulo é apresentar a trajetória de Ruy Duarte de Carvalho, uma espécie de levantamento biográfico menos rigoroso. O título *Ruy Duarte de Carvalho: quando o vivido é dito, e o dito é vivido...* parte do pressuposto de que o autor mantinha uma relação muito tênue com a oralidade; seus modos de dizer, dos outros e de si mesmo na escrita, revelam um sujeito que se manteve fiel às suas ideologias do início ao fim de sua vida:

E julgo, chegado a esta altura da vida, não poder deixar de ter que entender que o mundo, por toda a parte e não só aqui, se urde e se produz recorrendo sempre, ou quase sempre, ao uso e ao abuso da boa-fé dos outros. Temo não conseguir nunca chegar, mesmo velhinho, a conformar-me com isso e a tornar-me no sujeito bem acabado, dissimulado, pirata, adaptável e finalmente adaptado que nunca, durante toda a vida, consegui ser. (CARVALHO, 2005b, s/n).

Conforme observa-se nas palavras do autor, para dizer de sua vida é preciso ter em mente que ele, durante toda a sua existência, assumiu uma postura de

resistência aos projetos que, de algum modo, fundam-se no propósito da apropriação. Sendo assim, este capítulo tenderá a organizar-se de maneira a revelar tais traços divergentes de sua personalidade. Por conseguinte, o capítulo será composto de três subcapítulos: *Quando a história fala por si...*; *Quando a escrita fala por si...* e *Quando a experiência fala por si*.

O primeiro deles mostrará a história do autor desde o seu nascimento. A questão histórica se tornará mais saliente nesta parte porque esse período carrega as marcas das constantes guerras em Angola. E, como foi essa a terra escolhida por Ruy Duarte para viver a maior parte de sua vida, torna-se relevante abordar esse tema em consonância com sua própria biografia.

Já o segundo subcapítulo vai dizer sobre a relação do autor com a escrita. Para tal intento trataremos do momento da vida de Duarte em que ele transitou entre os muitos discursos e saberes (Cinema, Antropologia, Literatura), sem nunca ter-se conformado com apenas um deles. Nessa fase Ruy Duarte produziu muitas reflexões acerca do verdadeiro papel do escritor frente a realidades que o confrontam, incitam e também seduzem.

No último subcapítulo, ainda sob a pretensão de revelar a biografia de Ruy Duarte, chegaremos ao momento de sua vida em que a experiência de “ir lá visitar pastores” norteará seus últimos projetos. Nos seus últimos quinze anos, ele passa, pelo menos seis meses por ano, com o povo Kuvale do deserto do Namibe. Nesse sentido, visamos demonstrar a importância dessa vivência para a sua própria inserção no mundo. E, sendo assim, encerrar o capítulo que, assim como os demais, não será estruturado conforme o modelo clássico, pois, se assim fosse, não faria jus ao espírito aventureiro de Ruy Duarte de Carvalho.

Então, o segundo capítulo, intitulado *Ruy Duarte de Carvalho: de quem há o que dizer...*, explorarei a fortuna crítica do autor. Contudo, a estrutura dessa parte seguirá os mesmos moldes anteriores, sempre inventando formas de “dizer” de Ruy Duarte, sem perder de vista a totalidade do trabalho. Assim sendo, a divisão acontecerá em quatro subcapítulos: *Quando o assunto é viajar...*; *Quando o assunto é a escrita de si...*; *Quando se fala de poesia...* e *Quando se fala de política...*, que abordarão as questões mais suscetíveis de reflexões acerca da globalidade da obra do Ruy.

No que se refere à estrutura desse capítulo, como já foi mencionado, ao invés de fazer uma relação exaustiva de autores que já falaram de Duarte, será feita a

divisão por assuntos: viagem, autoficção, poesia e política. Isto se justifica por serem estas as temáticas mais exploradas na obra do autor. Sendo assim, trarei a fortuna crítica para dentro do tema, promovendo um debate ensaístico. E, além disso, esse formato, que se repetirá em praticamente todas as partes deste trabalho, tornar-se-á também o seu diferencial. Cabe mais uma vez argumentar que a pesquisa da fortuna crítica revelou um vasto campo para o desenvolvimento de estudos sobre Ruy Duarte, já que tal recorrência tem se mostrado bastante discreta nas instituições de pesquisa do Brasil.

No capítulo três, *Histórias e ficções: quando os discursos se confundem...*, pretendo dar conta dos estudos sobre os saberes imbricados na narrativa de Duarte: a Antropologia e a Literatura. Para esse fim será dividido em três partes: *Sobre o lugar da Antropologia...*; *Sobre o lugar da Literatura...* e *Sobre o lugar incerto da narrativa de Ruy Duarte de Carvalho...*. No sentido de ampliar o conhecimento sobre essas ciências, será feita uma análise histórica de suas constituições epistemológicas. Esse estudo visa a entender a importância que cada uma delas logrou e ainda logra para suas respectivas áreas. Para tal resultado, alguns autores como François Laplantine, James Clifford, Roberto Acízelo de Souza, Terry Eagleton, Roland Barthes e Antonio Candido, entre outros, serão de suma importância.

Desse modo, o primeiro e o segundo subcapítulos terão um viés cientificamente mais convencional, diferente do terceiro, em que discutiremos o caráter literário da obra do autor. Nesse sentido, a estrutura voltará a assumir a forma antes descrita: despretensiosa e descomprometida com aqueles academicismos tão criticados por Ruy Duarte de Carvalho. Contudo, isso não significa desprezo à escrita ou ao rigor acadêmico da reflexão, somente a certas convenções que nos tiram a liberdade da criação.

E, apesar de ser um capítulo, aparentemente, mais convencional, veremos que há uma razão para que ele seja apresentado desse modo: partir da compreensão particular da Antropologia e da Literatura, para, então, atingirmos o entendimento de que ambas as áreas estão presentes na obra do autor. Desse modo, ficará evidente a impossibilidade da rotulação, ou do enquadramento. A partir de tal constatação, observaremos que a singularidade da obra de Ruy Duarte se constitui justamente dessa peculiaridade.

O quarto capítulo *Vou lá visitar pastores: e a narrativa acontece...* tratará da obra expressa nesse título, pois o estudo desse livro tornou-se a principal fonte de análise da experiência de Ruy Duarte de Carvalho no contato direto com o outro, para este trabalho. Ao adentrar o terreno da narrativa toma-se conhecimento desse mundo diferente (o deserto) e somos convidados a viajar com o autor por esses múltiplos espaços. Pelo olhar de Duarte conhecemos os pastores Kuvale⁴, como vivem (ou sobrevivem) e como se relacionam com o mundo ocidental, tão distinto do seu.

Esse capítulo será dividido em quatro subcapítulos: *Sobre memórias e colocações...*; *Sobre viagens e encontros...*; *Sobre etnografias e torrentes...* e *Sobre decifrações e desafios*. Tal divisão é uma proposta de leitura do próprio estilo do autor, na obra citada, que nos traz ideias novas em cada parte do livro. Neste, a viagem é a motivação para a ficção, e, à medida que adentra os espaços mais remotos do deserto do Namibe, Ruy Duarte segue nos contando histórias e revelando paisagens fantásticas. Além disso, a leitura dessa obra é essencial, pois, além de mostrar detalhadamente o funcionamento da sociedade Kuvale, permite-nos analisar o próprio autor nessa relação interativa.

Por fim, o quinto capítulo, *A vida reinventada: e se entra no jogo...*, que mais uma vez terá como foco a experiência. Contudo, dessa vez eu e Ruy Duarte compartilharemos esse espaço, ou seja, eu também entrarei no jogo. Nele farei uma reflexão sobre a experiência que tive no trabalho de pesquisa *A vida reinventada: pressupostos teóricos para análise e criação de acervo de narrativas orais*, durante a Graduação em Letras (2008-2012), em consonância com a experiência do escritor, durante as suas andanças pelo deserto do Namibe.

Essa será a última parte deste trabalho e terá três subcapítulos: *Quando as histórias se cruzam...*; *Quando a vida e o espaço se entrelaçam...* e *Quando se aprende a ouvir...*. Apesar de parecer uma parte fora de contexto, é preciso esclarecer que esta dissertação surgiu da experiência que tive na pesquisa. Quando conheci o projeto literário do Ruy logo me identifiquei, pois tinha presenciado algo parecido ao realizar o trabalho de campo no bairro Restinga/Porto Alegre e entrar em contato com uma realidade diferente da minha.

⁴ “Constituem uma sociedade pastoril acionada por instituições comuns a muitas outras sociedades pastoris africanas, dispostas a sul e sudeste das nossas, depois largamente a leste e pela costa oriental acima até às Etiópias” (CARVALHO, 2000, p. 22).

Sendo assim, esse capítulo também será dividido em temas transversais: “o cruzamento de histórias” – minhas, do Ruy, dos narradores da Restinga, dos pastores Kuvale; “o entrelaçamento das vidas com o espaço vivido” – tanto na Restinga, quanto no deserto; e, “o aprendizado da escuta” – função primordial para quem se propõe a realizar um trabalho que resulte do contato direto com o outro. A razão da escrita deste capítulo surgiu porque achei que essa história também precisava ser contada, pois, em parte, é a razão da existência do próprio trabalho.

No primeiro subcapítulo serão apresentadas as minhas observações e percepções sobre as vivências que o trabalho de campo na Restinga me proporcionou, em comparação com as de Ruy Duarte de Carvalho no deserto do Namibe. Já no segundo será retratada a relação dos sujeitos com o espaço vivido, ou seja, veremos que essa relação torna-se a extensão da própria vida. Por fim, no terceiro proporei uma discussão sobre a arte de ouvir o outro, pois acredito que essa habilidade precisa ser desenvolvida, principalmente em trabalhos que envolvam etnografia.

Portanto, a proposta deste trabalho é fundar-se no “dizer”: dizer do Ruy, do outro, de mim mesma. A união desses capítulos permitirá que se trace um panorama que, apesar de breve, poderá corroborar para o reconhecimento da importância do poeta e ficcionista Ruy Duarte de Carvalho para a constituição da Literatura Angolana Contemporânea.

1 RUY DUARTE DE CARVALHO: QUANDO O DITO É VIVIDO E O VIVIDO É DITO...

O mundo de lá de fora deixa de ser mais importante que este...

Ruy Duarte de Carvalho

1.1 Quando a história fala por si.

Falar sobre um autor com uma trajetória como a de Ruy Duarte de Carvalho torna-se difícil pela impossibilidade de evidenciar a grandeza de sua obra. Apesar disso, talvez pela complexidade da escrita, ainda há poucos estudos envolvendo a vasta produção literária desse autor. Mesmo na Antropologia, onde sua importância é grandemente reconhecida, isso não tem ocorrido. Observa-se que, ao transitar pelos discursos (literário, antropológico, histórico) Ruy Duarte não se enquadra em nenhum deles exclusivamente, ao contrário, sua trajetória mostra um sujeito que fez questão de não se adaptar, mas de viver intensamente o que dizia sem se preocupar com as convenções sociais.

Ruy Duarte de Carvalho nasceu em Santarém (Portugal, 1941); ainda criança foi com sua família para Angola, para a cidade de Moçâmedes (atualmente Namibe), onde passou grande parte de sua infância e adolescência. Aproximadamente nos anos 1950 retornou à sua cidade natal para frequentar o curso de Regente Agrícola, retornando depois disso para Angola e passando a trabalhar nas matas do Uíge. Em 1961 a UPA⁵ promoveu a insurreição nas plantações de café do norte do país. Esse fato, aliado às invasões das prisões de Luanda pelo MPLA, no mês anterior, tornou-se o responsável pela eclosão da guerra colonial, conforme Carvalho (2003). Sobre a experiência vivida, ele ainda comenta:

Sobrevivi à justa e a tempo de me refazer de tanta perplexidade e do quadro de horror geral em que me tinha visto envolvido, fruto quer da feroz insurgência, quer da perversa e ainda feroz repressão à insurgência, quando a seguir, numa noite em Luanda, a atravessar as ruas da baixa, houve quem me desse a saber, pela via de uns versos, de uma alma de Angola que vinha pronta sob medida para eu ajustar à razão de Angola que o pesadelo do norte tinha acabado de me dar a entender. E a partir daí

⁵ União dos Povos Angolanos, posteriormente chamada FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola.

passsei a invocar esse novo nascimento para ver se conseguia forjar algum sentido para a condição de órfão do império a que a vida, apercebi-me logo, me iria destinar. (CARVALHO, 2005b, s/n)⁶.

O autor credita à beleza dos versos a sua conscientização interior de pertencimento a esse país, sua alma fazia parte do lugar que escolheu para viver, não ao império português. Em contraste com os horrores da guerra percebeu a beleza da simplicidade, convencendo-se de que seu destino se entrelaçava com o de Angola. Por esse motivo tornou-se natural desse país em 1975, quando passou a haver cidadania angolana.

Entretanto, diferente de muitos autores angolanos, optou por se manter um pouco distante dos movimentos de insurgências nacionalistas propriamente ditos. Isso, porém, não quer dizer que não se envolveu. Em suas produções percebemos o caráter de denúncia dos problemas causados pela disputa de poder: conflitos partidários no primeiro momento (FNLA, MPLA e UNITA); e no momento pós-independência, denúncia da marginalização sociocultural sofrida por alguns grupos angolanos, causadas pelas elites do país.

Na poesia, produzida a partir dos anos 1970, Ruy Duarte já evidencia aquilo que acabou se tornando o seu grande projeto de vida:

[...]
 A voz vem do ser.
 A voz vem do sangue
 a voz vem das vozes
 caídas na luta
 perdidas no cerco
 do tempo cumprido
 nas dobras do pranto.

A voz vem de um grito
 vertido no peito da raça humilhada
 que é grande e preserva
 a força de erguer
 de encontro ao passado
 a voz do presente
 gritada com a rubra
 certeza de ter
 para dar ao futuro
 a glória soberba
 da voz da vitória.
 (CARVALHO, 2005, p. 101)

⁶ Parte da autobiografia que Ruy Duarte de Carvalho escreveu para o Jornal de Letras em 12 de agosto 2005, republicado na ocasião de sua morte. Disponível, entre outros, em:< <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/uma-especie-de-habilidade-autobiografica>>. Acesso em 27 abr. 2014.

Observamos que o autor demonstra um pensamento fora de seu tempo, pois ele se coloca como uma figura mediadora, ou seja, uma espécie de mensageiro daquilo que o outro tem a dizer. Podemos entender que, para o autor, não é possível falar pelo outro, pois o que ele tem a dizer não pode ser dito apenas com palavras. A voz desse outro vem de sua história, de sua vida, de suas crenças. Desse modo, com Ruy Duarte os espaços do discurso e da interação são, principalmente, democráticos e coletivos.

A primeira publicação poética de Ruy Duarte de Carvalho *Chão de Oferta* ocorreu em 1972. Nessa obra já é possível perceber traços de seu projeto artístico-literário:

Venho de um sul

Eu vim ao leste
dimensionar a noite
em gestos largos
que inventei no sul
pastoreando mulolas e anharas
claras
como coxas recordadas em maio.

Venho de um sul
medido claramente
em transparência de água fresca de amanhã.
De um tempo circular
liberto de estações.
De uma nação de corpos transumantes
confundidos
na cor da crosta acúlea
de um negro chão elaborado em brasa.
(CARVALHO, 2005, p. 35).

O Sul é o espaço geográfico escolhido pelo autor para desenvolver sua pesquisa. O poema acima ilustra o projeto de vida de Duarte, à base do seu discurso artístico, acadêmico e literário. É nesse ambiente que, como afirma Laura Cavalcante Padilha, “o híbrido romancista-etnógrafo leva seus leitores a conhecer saberes em diferença, cujo sentido se mantém vivo no mundo globalizado em que vivemos.” (PADILHA, 2012, p. 139). Esses saberes locais, evidenciados pelo antropólogo, se opõem aos saberes excludentes do discurso colonial, ainda vigentes na ocasião.

Entre os anos 1975 e 1981 o autor buscou conciliar a literatura com o cinema. Nesse período, além de continuar publicando poemas, realizou inúmeras incursões

pelo interior de Angola. O objetivo dessa empreitada era captar e registrar imagens de um país ainda desconhecido, até mesmo para os próprios angolanos. Assim como na poesia, o olhar de Ruy Duarte continuava voltado para o Sul de Angola, tendo como propósito a valorização e a legitimação das identidades angolanas.

Desse modo, o Sul tornou-se o seu espaço de aprendizado, diálogo e interação, sendo referenciado reiteradas vezes em toda a criação do artista (arte, cinema, literatura). É o local onde a história pode ser reinventada, onde a beleza e a pureza ainda parecem reinar: “É este um local, e sobretudo um horizonte, circular perfeito assim, em que inscrevo desde sempre uma boa parte da minha ficção pessoal” (CARVALHO, 2000, p. 110). Pode-se dizer que o autor busca no Sul o oposto do que encontra no restante de Angola, como se ali ainda fosse possível sonhar, esquecer a guerra e cultivar a tradição local.

A partir do início da década de 1980, Ruy Duarte começou a abandonar a carreira cinematográfica para dedicar-se à ciência antropológica. Apesar disso, a experiência adquirida com o cinema permeou toda a sua criação literária, principalmente no desenvolvimento de seu novo ofício: o saber antropológico e etnográfico. Conforme o autor:

Quando vi que afinal não dava mesmo para continuar a querer fazer cinema, nem aquele que eu queria nem aliás qualquer outro, escrevi um texto acadêmico para juntar a um dos filmes que tinha feito no Sul e obtive com isso o diploma da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris, que me deu imediato acesso à condição de doutorando. Foi então o tempo da Samba e dos Axiluanda, de um fora de Luanda dentro de Luanda, e das teses. (CARVALHO, 2005b, s/n).

A Antropologia foi a ciência que motivou a concretização do projeto que Duarte já vinha ensaiando há muito tempo. O saber antropológico permitiu a aproximação do autor com os povos pastoris do Sul de Angola, possibilitando a compreensão de sua cultura. Nesse contexto a narrativa ficcional torna-se a nova forma encontrada pelo autor para registrar a experiência vivida, uma espécie de ferramenta por meio da qual, conforme esclarece Rita Chaves, “o escritor vai buscar a sua plasticidade” (CHAVES, 2012b, p.145). Desse modo, ele estabelece “uma correspondência entre a mobilidade dos temas a serem trabalhados, o quadro cultural em que situa as ações narradas, as marcas da contemporaneidade (...) e as potencialidades do chamado gênero plebeu”. (CHAVES, 2012b, p. 145).

A partir de 1987, além dos ofícios de escritor e antropólogo, Ruy Duarte passou a exercer também a função de professor de Antropologia Social na Universidade Agostinho Neto, em Luanda. E, após alguns anos de vida acadêmica, passou a dedicar grande parte de seu tempo à pesquisa com o povo Kuvale:

E a partir de 92 arranjei maneira de ir estar, todos os anos, cinco meses com os pastores do Namibe. Decidi então passar a disponibilizar essa informação sem ter de escrever naquele tom da escrita académica ou de relatório, porque disso já tinha tido a minha dose. E foi assim que adoptei a maneira do *Vou lá visitar pastores* que depois me pôs na pista de uma meia-ficção em que venho insistindo nos últimos anos. (CARVALHO, 2005b, s/n).

Ruy Duarte acabou transpondo para a escrita o reflexo de seu espírito aventureiro e livre. Disponibilizando seu material de pesquisa sem se preocupar com convenções acadêmicas, acabou criando um estilo único, híbrido, situado entre a literatura e a antropologia, como suas próprias palavras no trecho acima: “a maneira do *Vou lá visitar pastores*”. Podemos dizer que a partir dessa obra torna-se evidente o imbricamento dos discursos antropológico e ficcional, também recorrente em obras posteriores do autor: *Os papéis do Inglês* (2000), *As paisagens propícias* (2005), *Desmedida* (2006) e *A Terceira Metade* (2009).

Há que se destacar também a escrita criativa de Ruy Duarte. A ficção não se restringe ao relato vivenciado, mas ele se inclui no panorama da narração e, ao se autoficcionalizar, acaba se integrando ao espaço narrado, tornando-se personagem de si mesmo:

Quem andava por ali, nessa altura, a cavalgar um land-rover pelas pradarias do Muhunda e do Brutuei? Era eu, bem entendido, mas não o mesmo que está agora a contar-te uma história. A minha corrida atrás de uns papéis, do meu pai mas que podiam ser também os do Inglês da estória do Galvão, gera a acção de que há-de resultar uma segunda estória. Será da minha acção enquanto personagem, assim, que resulta essa outra estória que é, afinal, a da minha elaboração da própria estória do Galvão. Vou ter que contar-me, tratar-me, pois, enquanto personagem dessa estória. E essa então será, comigo a actuar lá dentro e a primeira inscrita nela, a tal estória que tenho para contar-te. E quem narra não há-de ter, ele também, que dar-se a contar? (CARVALHO, 2007, p. 36).

O excerto, retirado da obra *Os papéis do Inglês*, ou a meia-ficção a que o autor vinha perseguindo quando escreveu o seu texto autobiográfico em 2005, revela um sujeito que brinca com a sua própria condição de autor e narrador. O

antropólogo se apresenta como figura múltipla, uma espécie de observador: do outro, da paisagem, de si mesmo. Nesse desdobramento literário ele assume diferentes papéis: é aquele que observa, que escreve, que questiona, que vivencia os acontecimentos. O resultado é uma narrativa que convida o leitor a conhecer a Angola de sua criação “não pelo saber do etnógrafo, mas pelo comprometimento do cidadão e escritor” (PADILHA, In. LEITE, 2012, p. 138).

O trabalho de ir registrar *in loco*, empreendimento da vida do antropólogo, fundamentava-se no propósito de estabelecer uma relação horizontal com os diversos fatores e povos envolvidos no processo pós-colonial; pois, para a sociedade angolana em ascensão, alguns grupos não tinham visibilidade porque não correspondiam à figura do que deveria ser o cidadão angolano, naquele momento fundador da Independência de Angola. Em oposição a isso, Ruy Duarte afirma:

O curso de uma colocação inteiramente pessoal [...] talvez me tenha conduzido à posição finalmente vantajosa de ter vivido tudo como cidadão comum, cozinhado na marmita do desconcerto local, e geral, e pela ebulição do “vale tudo” e do “salve-se quem puder”, e logo assim marcado por todas as subjectividades, as próprias e as alheias. Pelo que, neste momento, me considero em excelentes condições para *dizer de Angola* e destinar o que poderei dizer tanto aos de “fora”, porque estive dentro, como aos de “dentro”, porque andei por dentro daquele “dentro” de que a maioria dos protagonistas da disputa política – confinados a Luanda ou destacados para palácios ou colocados em criptas e fortalezas administrativas nas capitais de Província –, de todo praticamente ignoram os termos da vida “real”, que é o de uma Angola virada e vidrada sobre si mesma, à imagem das dificuldades das maiorias minoritárias, afinal. (CARVALHO, 2003, p. 56-7, grifos do autor).

Ele critica os rumos da política em Angola, e “enxerga um país urbano contaminado pelos conflitos da globalização”. (TETTAMANZY, 2012, p. 5). Para Ana Lúcia Liberato Tettamanzy o autor se inscreve no panorama dos escritores que desenvolvem “uma forma íntima e dilacerada de escrever Angola nesses tempos pós-coloniais, resultante de um olhar que opera simultaneamente a partir de dentro e de fora de sua cultura.” (TETTAMANZY, 2012, p. 5). Sendo assim, o autor se sente autorizado para “dizer de Angola”, pois sua experiência de campo fala por si, ao contrário de muitos intelectuais, principalmente representantes políticos, que falavam em nome da sociedade angolana sem conhecer a verdadeira realidade da maioria minoritária.

1.2 Quando a escrita fala por si.

Ruy Duarte optou por andar na contramão, e seu modo de dizer e declarar isso foi por meio de sua obra. Nesse contexto, tal como seu posicionamento contrário à ordem estabelecida, elegeu a viagem como meio de mostrar uma Angola desconhecida para os habitantes do centro. Estar lá com os pastores, apreender o seu universo particular e tentar dissolver os preconceitos que foram criados sobre esse povo, tornou-se o empreendimento de sua vida. A narrativa escrita pelo antropólogo, difícil de classificar, retrata os pormenores da vida dos pastores Kuvale; um povo em trânsito, tal qual o autor. Assim como analisa Osvaldo Silvestre:

A obsessão com o espaço resiste contudo – e essa é uma das suas mais fortes dimensões políticas – às figuras da fixação ou da radicação. Não por acaso, os espaços privilegiados na obra de RDC são habitados por povoações nómadas, o que torna ainda mais denso o nó que articula espaço, temporalidade e sujeito. A transumância arrasta, na obra de RDC, uma temporalização do espaço e dramatiza interminantemente o papel epistemológico do sujeito, que tenta conhecer em trânsito, o espaço. Assim, o espaço como a geografia, torna-se noção e proposta [...] (SILVESTRE, 2006, p. 26).

O trânsito é a força motriz que impulsiona a vida no cenário geográfico dos pastores Kuvale. Ruy Duarte se inscreve nesse espaço traçando uma trajetória narrativa que nunca se esgota em apenas um livro. O autor engendra um modo criativo de propor teias narrativas que fazem as obras conversarem entre si, de modo que há um trânsito dialógico entre elas. Um dos inúmeros exemplos do que foi mencionado pode ser visto na seguinte passagem de *Os papéis do Inglês*: “Não falei já disso nos *Pastores...*? Não terei até falado já deste *Tymbanda*?” (CARVALHO, 2007, p. 33). No meio de uma história sobre um *Tymbanda* que regressava à casa com um número grande de bois, o autor faz uma pausa para perguntar ao leitor se já não tinha contado aquela história no livro *Vou lá visitar pastores*. Segundo Rita Chaves “Há, sem dúvida, uma bem urdida combinação entre rigor e invenção, de modo que cada livro remete a pontos anteriormente trabalhados, sem deixar de sugerir mudanças que serão radicalizadas no próximo.” (CHAVES, 2006, p. 282).

A escrita de Ruy Duarte se insere no espaço das representações culturais angolanas como um discurso único e diferenciado. Pela ação narrativa o autor reelabora a escrita, transformando-a em um espaço que tematiza as formas e os

modos de inserção de posicionamentos: de si próprio e do outro, junto à sociedade angolana. Desse modo, sua trajetória o conduz à ocupação de um lugar autoral específico dentro das relações de poder dessa sociedade. Podemos dizer que seu fazer literário é a ferramenta que utiliza para questionar a realidade, “retoma o passado como causa social ou precedente estético; ele renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e irrompe a atuação do presente” (BHABHA, 2007, p. 27).

Partindo desse pressuposto Diana Irene Klinger aponta o retorno do autor e a virada etnográfica como sendo tendências das narrativas pós-modernas que aparecem para questionar o tema da representação. A autora ainda afirma:

Deixando de lado qualquer pretensão de objetividade e de neutralidade “científicas”, os textos da antropologia pós-moderna narram experiências subjetivas de choque cultural [...]. Esta antropologia, pós-moderna e antipositivista, que reflete tanto sobre seu objeto quanto sobre o sujeito da escrita etnográfica, forma parte de um paradigma epistemológico segundo o qual não há conhecimento independente do ato cognitivo que o constitui. Ou seja, a antropologia, ao mesmo tempo que se transformou numa “língua franca” transversal aos diferentes campos das humanidades e da teoria atual, sofreu ela mesma uma virada, ao colocar a questão da escrita e do sujeito, redefinindo assim as polaridades sujeito-objeto. (KLINGER, 2007, p. 15).

Podemos dizer que, de acordo com a antropologia pós-moderna a escrita etnográfica não é mais objetiva. Desse modo, subjaz a ideia de que as produções dos antropólogos deixaram de trazer explicações sobre o outro observado, passando a mostrar a interpretação do pesquisador acerca da cultura em evidência no trabalho de campo. Antes disso, observamos que as produções escritas por exploradores em expedição à África refletiam ideias e concepções correspondentes às visões ocidentais, movidos pelo pensamento colonial a respeito do outro que tinham diante de si.

Nesses termos, Ruy Duarte de Carvalho sempre teve uma postura mais de acordo com a concepção pós-moderna da escrita etnográfica, em oposição ao pensamento colonial vigente anteriormente, pois o mundo narrado pelo autor não pode ser visto pelo olhar da objetividade. Percebemos, conforme James Clifford, que “os aspectos dialógicos, situacionais, da interpretação etnográfica tendem a ser banidos do texto representativo final.” (CLIFFORD, 2011, p. 40). Sendo assim, as reflexões subjetivas acabam tomando o lugar da descrição da vida do outro, que não

levava em conta as relações de sentido que se desenvolvem nesse tipo de experiência. Em função disso Clifford defende:

A antropologia interpretativa, ao ver as culturas como conjuntos de textos, frouxa e, por vezes, contraditoriamente unidos, e ao ressaltar a inventiva poética em funcionamento em toda representação coletiva, contribuiu significativamente para o estranhamento da autoridade etnográfica. [...] Consequentemente, nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser considerados inocentes. Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois – e muitas vezes mais – sujeitos conscientes e politicamente significativos. (...) Um modelo discursivo de prática etnográfica traz para o centro da cena a intersubjetividade de toda fala, juntamente com seu contexto performativo imediato. (CLIFFORD, 2011, p. 41).

O contexto performático é parte imprescindível do modelo etnográfico baseado na discursividade, conforme observamos em Clifford. Sendo assim “todos os níveis significativos num texto, incluindo-se teorias e interpretações, são reconhecidos como alegóricos, torna-se difícil privilegiar um deles, aquele que daria conta dos demais” (CLIFFORD, 2011, p. 66). A consequência desse processo é a representatividade coletiva, podendo “atribuir ao discurso nativo um *status* semi-independente no conjunto do texto, interrompendo o privilegiamento da monotonia da representação ‘científica’.” (CLIFFORD, 2011, p. 66).

A partir dessa afirmação podemos dizer que a escrita de Ruy Duarte de Carvalho possui esse diferencial, pois ele combina muito bem a escrita etnográfica com a escrita de si. O resultado dessa hibridização narrativa é a evidência da representatividade do outro como sujeito que fala, e não de alguém de quem apenas se ouve falar. O que se observa é a presença de um duplo performático onde a individualidade do sujeito da escrita se encontra em harmonia com a subjetividade do outro. Isso é perceptível frequentemente na obra *Vou lá visitar pastores*, como podemos verificar no trecho abaixo:

Sei tudo de cor pela sintonia fora, servindo à toa pela mais completa e árida incultura musical, e falta de ouvido e tudo, mas sei exatamente quando, em que preciso som, de tal décor emerge algum pastor vagante, que avança para mim e depois me conduz já dali para a frente para fazer-me ouvir, entre os seus e o seu gado, e à beira do seu fogo, todo o derrame do segundo andamento, a torrente morosa da história a revelar-se, memórias, migrações, pastagens alcançadas após longas viagens, percursos seculares, milenares até, rumos traçados por gerações há muito extintas,

legados os destinos ao tempo que há para vir. Um largo sem margens. (CARVALHO, 2000, p. 111).

O autor tematiza o seu próprio papel de escritor, do mesmo modo que reformula a categoria do outro. Diana Klingler postula que esse tipo de reformulação possui uma dupla motivação: “primeiro, porque o outro, excluído socialmente [...] tem começado a falar – e inclusive escrever – por si mesmo. E segundo, porque o outro não é mais o outro radical e puro (se é que alguma vez foi), do qual Lévi-Strauss ainda sentia saudade” (KLINGER, 2007, p. 70). No caso do povo Kuvale, a exclusão social é fato recorrente, já que costumam ser comumente discriminados em Angola. São acusados de gatunos e vadios, entre outros “tantos clichês mais ou menos etnográficos” (CARVALHO, 2000, p. 28). Apesar de que tal ocorrência não é motivada pelas razões explicitadas por Klingler, mas pelo fato de ignorarem profundamente os valores ocidentais. Ruy Duarte ainda afirma:

Sociedades como essa são por todo o Mundo estrategicamente ignoradas, olhadas de longe, apenas porque assim talvez se revelem mais inócuas enquanto aberrações, anacronismos, descuidos da história que a história se encarregará de resolver, integrando, na melhor das hipóteses e se não houver resistência, ou aniquilando, dominando, dissolvendo, igualizando e anulando, por fim. (CARVALHO, 2000, p. 28).

Observamos que o autor relata a situação discriminatória aceita e cristalizada no imaginário da sociedade angolana e, conseqüentemente, revela opiniões universais a respeito de grupos que continuam fiéis aos seus hábitos e tradições, como é o caso dos Mucubais. Nisso, percebemos a dupla atuação performática por meio da escrita do autor: a atuação do narrador/escritor como personagem de si mesmo em meio aos personagens reais e atuantes em uma sociedade muito bem organizada, mesmo que não reconhecida pela sociedade nacional.

1.3 Quando a experiência fala por si...

A experiência é a base da escrita de Ruy Duarte de Carvalho, dela emerge a força arrebatadora da narrativa. Nesse contexto a viagem se configura como um terreno fértil para a prática dessa experiência, o panorama cultural em que a história acontece:

O que me lembro é de durante a noite em que fiquei sozinho, enquanto me interrogava sobre o que fazia ali e sobre o que já tinha escrito e haveria de escrever e dava conta de que o “meu livro”, aquele que andava a procurar desde a minha adolescência e decidira por fim escrevê-lo para poder contar-me a mim mesmo o que sempre quisera saber sobre os Kuvale e ninguém o sabia, esse livro jamais eu o faria, e nem podia, porque andava a vivê-lo. (CARVALHO, 2000, p. 126-127).

A relação entre o autor e os pastores resultou na própria narrativa, a história vivida. A intensidade discursiva emana da interação ou integração em que homem, espaço, paisagem e natureza se fundem num processo de construção coletiva. Para Ruy Duarte esses elementos constituem a vida da sociedade Kuvale, não há individualidade, mas interesses comuns e partilhados. A apreensão dessa realidade só é possível por meio da vivência e do respeito ao conhecimento local, pois, segundo o autor, o pastor “conhece, interpreta, sabe lidar com o meio em que está integrado, digo bem, integrado” (CARVALHO, 2000, p. 128).

Pelo olhar do antropólogo observamos a materialização desse corpus cultural que ainda se mantém vivo na escrita, terminando por possibilitar o acesso à memória coletiva desses grupos. Nesse contexto, Ruy Duarte se revela um maestro a orquestrar com perfeita harmonia as relações observadas entre o homem e a natureza. E, pelas percepções da vida do povo Kuvale, Duarte percebe a si mesmo como autor e narrador da experiência, tanto sua quanto do outro. Para Rita Chaves:

O trabalho de Ruy Duarte de Carvalho vai procurar remover o visto e/ou esperado e caminhar na direção nem sempre cômoda da ruptura, com reflexos visíveis na estruturação de seu discurso sobre Angola, sobre os angolanos, sobre si próprio e sobre o Outro, em suas mais variadas materializações. (CHAVES, 2005, p. 2).

Podemos dizer que Ruy Duarte realiza a construção simbólica de um mundo em transformação, revelando atores sociais inseridos em seus contextos de vida que escrevem e reescrevem a sua própria história cultural. Dentro dela interpretam, organizam e dão sentido à sua existência. Para perceber as sutilezas da vida de uma sociedade com tamanha complexidade não basta ater-se às fenomenologias científicas e visitas rápidas, mas é preciso viver a vida do outro, estar lá, experimentar. Disso emana a autoridade etnográfica de Duarte, pois ele se dispôs a

viver junto deles tanto para dizer de suas vidas, quanto para denunciar as injustiças que sofreram e ainda sofrem.

No final do prefácio do livro *Aviso à navegação*⁷ Ruy Duarte faz uma dedicatória aos seus colaboradores, em que podemos perceber a importância do trabalho para a sua própria existência: “De qualquer maneira dedico-o às pessoas do Namibe, ou para aí viradas, que me têm feito confiança e me ajudaram a trabalhar. E a frequentar o Sul, razão que me é vital.” (CARVALHO, 1997, p. 3). Nesse mesmo texto o autor levanta questões relacionadas à escrita, ou verbalização da sua experiência, expondo as suas próprias ansiedades e subjetividade:

Julgo que o texto que elaborei é, dada a sua forma, o seu conteúdo, a discriminação dos temas e dos aspectos tratados, uma tentativa de intervenção dirigida a todas as formas de intervenção. Tendo arranjado tempo e maneira, pondo de parte outras formas de emprego do tempo e outras maneiras de lhe tirar rendimento, para navegar tais terrenos, e conhecê-los, julgo estar em condições de fornecer alguns "avisos à navegação". Não se tratou, para mim, de cruzar aquelas "águas" para dizer que tinha lá estado ou recolher amostras de superfície para aferi-las ao que já sabia antes, ou a tabelas já estabelecidas. Mergulhei nelas à procura de dados e de elementos que não constavam de fontes anteriores. [...] Fiz, portanto, se quiser insistir na metáfora e não temer passar por pretencioso, serviço de navio oceanográfico investido na prospecção de águas virgens. E ninguém nega, penso, a utilidade, a necessidade, da pesquisa oceanográfica quando se pensa pescar e às vezes em grande. Por outro lado, porque a minha diligência não me transformou em "escafandrista", e fui lá ver para poder dizer, intervir, posso também, pelas exactas razões cívicas que mencionei atrás, olhar à volta e transitar da análise de uma sociedade pastoril em particular à das actuações possíveis junto da globalidade pastoril ou agropastoril do nosso país. E o que falta fazer a partir dos materiais que recolhi, da informação que acumulei e das notas que, entretanto produzi, fá-lo-ei a seguir se, entretanto, e para sobreviver, não tiver que dispersar-me por outras actividades mais rentáveis. (CARVALHO, 1997, p. 97-98).

A metáfora que compara a sua aventura na Província do Namibe às navegações está relacionada ao fato de que ele, assim como os navegadores que se embrenhavam mar adentro sem saber o que iriam encontrar, também desbrava um espaço desconhecido, já que seu objetivo era procurar dados e elementos ainda inexistentes. Essa é apenas uma das peculiaridades da escrita de Ruy Duarte que, conforme comenta Clifford Geertz “são eles mesmos interpretações [...]; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de fictio –

⁷ Nesta obra o autor descreve sucintamente o “povo Kuvale da Província do Namibe com um relance sobre as outras sociedades agropastoris do sudoeste de Angola.” (CARVALHO, 1997, p.1).

não que sejam falsas, não-factuais ou apenas experimentos de pensamento.” (GEERTZ, 1989, p. 25-26).

Contar a experiência vivida tem se tornado uma característica em evidência na escrita contemporânea, no entanto na ficção de Ruy Duarte isso é feito de modo inusitado, desterritorializando o próprio leitor, a começar pela indefinição do gênero. Apesar da inquietação provocada, o texto faz com que o leitor se esforce mais para conseguir adentrar nas camadas mais profundas da intenção discursiva, consequência, de acordo com Rita Chaves, do uso de uma linguagem “densa, singularizada pela recusa a certos facilitarismos tão ao gosto do mercado.” (CHAVES, 2005, p. 2). Além disso, a autora também afirma que não há “a repetição de fórmulas poéticas conhecidas nem o esforço de inovações que, ao atingir um determinado grau de veracidade, pode se voltar contra a própria obra e afastar o leitor.” (CHAVES, 2005, p. 2).

Tudo isso alavancado pela experiência da viagem, pelas transumâncias do discurso e pela poeticidade das transcrições da realidade narrada. Esta, algumas vezes, é interrompida pela necessidade momentânea de discutir o seu fazer. Um exemplo disso ocorre em *Vou lá visitar pastores* (2000, p.75), quando após longas descrições físicas e meteorológicas, repentinamente emerge do texto uma interessante “angústia de antropólogo”. A narrativa da perigosa chuva é subitamente suspensa por um sentimento constante de inquietação que leva o autor a uma autorreflexão sobre a sua atividade de antropólogo. Esse tipo de ruptura textual, característico da literatura, é constante em suas etnografias. Observamos que essas marcas do estilo do autor são recursos em que a capacidade explicativa supera a descrição objetiva. Do mundo empírico surge a subjetividade, como neste excerto: “as circunstâncias colocaram-me numa daquelas situações que te obrigam a olhar para dentro de ti mesmo sem o amparo ou proteção dos argumentos comuns” (CARVALHO, 2000, p. 105).

A experiência e a memória são a base da existência de qualquer ser humano ou sociedade, e para que essa existência tenha significado precisa ser retida em algum tipo de registro. Ruy Duarte de Carvalho dedicou a sua vida a essa causa, a tornar viva para o mundo a história dos Kuvale, antes esquecidos e desconhecidos até mesmo para os seus conterrâneos. E, ao nos revelar a experiência do outro, revela a si mesmo como um grande mestre a tecer enredos, sobre isso ele afirma que “é nesse mosto espesso que se desenvolvem as temperaturas extremas das

fermentações da alma e das destilações do espírito, dos desdobramentos do querer e da consumação das metamorfoses do ser.” (CARVALHO, 2000, p. 106). A definição de ‘enredo’ descrita pelo autor revela a subjetividade de sua própria experiência, nesse caso o “antropólogo” dá lugar ao “poeta”, evidenciando mais uma vez o grande diferencial de sua obra. Isso também pode ser visto no seguinte trecho:

Não haverá quem não se confronte, quando tal ocorre à sua maneira, com o curso da sua própria existência, e ao fazê-lo o transforme em discurso. Para uso próprio a maioria das vezes, mas de qualquer forma marcado por tempos, por ritmos, projeções, “arrêts sur image”, acelerados, fundidos, um filme, enfim. A consciência, julgo, faz-se de memória, de identificação de fatores, de retenção de conceitos, arrumações, ponderações, conjecturas e avaliação de probabilidades, e esse é um dado universal, inerente à condição de pessoa, parece-me. Não haverá assim quem não seja operador de ficções e a realidade, essa, esvai-se, ficou mais é a experiência, inscreveu-se a história. Direi, amanhã, ou não direi, rezarei só para mim, é mais o que retive, não o que vivi. Mas há circunstâncias, tentava dizer eu, que mais do que o produto da memória te impõem a evidência de um presente nítido que te situa no próprio lugar da tua ficção, sujeito incauto desembarcado inteiro no exacto contexto do seu próprio delírio. (CARVALHO, 2000, p. 106-107).

Ruy Duarte faz uma longa reflexão sobre a sua própria experiência, é como se ele tentasse entender a si mesmo, o porquê de insistir na realização de um trabalho do qual ninguém mais se importava. Em *Os papéis do inglês* há um momento em que o autor recebe a visita (no Sul) de seu primo Kaluter com a sobrinha e uma amiga dela. Em certa ocasião a jovem sobrinha do Katuter pergunta o que ele está a fazer ali, deixando-o desconcertado e pensativo, gerando mais uma reflexão sobre seu próprio papel ou sobre a importância do seu trabalho.

Observamos que essa pergunta o persegue, pois não há uma resposta plausível para ela, a não ser que sentia a necessidade de realizar aquele projeto, pois, caso contrário ninguém mais o faria. A opinião geral a seu respeito, a considerá-lo maluco por realizar um trabalho quase sem remuneração, perturbava-o: “o que o meu primo Kaluter não perdoava, aquilo que o ofendia, era ver-me pobre e a viver e a mover-me à custa de bolsas, de subsídios, de apoios, de ‘esmolas’.” (CARVALHO, 2007, p. 107).

Contudo, nenhuma crise existencial foi capaz de fazer Ruy Duarte desistir de seus objetivos, o que observamos é que tais coisas tão somente serviram para reforçar suas convicções:

Como se estivesse finalmente à beira de saber o que tinha para dizer (porque nunca se sabe o que se tem exatamente para dizer, não é?) a propósito de tudo, desse sempre falar, tendesse para isso, confirmasse, explicitasse. Não haveria por certo de corresponder a qualquer resposta, explicação, proposta ou programa, mas seguramente a uma interrogação, a um explodir de dúvidas, a uma fundação da dúvida, do mistério, e tudo talvez, muito prosaicamente, a exprimir em poesia. E não seria pois a agressão do meu primo Kaluter que, evidentemente, o poderia afectar sobremedida, mas a consciência de que ela havia de corresponder à expressão de um senso comum, de um sentimento mais geral sem cor nem latitude. (CARVALHO, 2007, p. 110).

Sendo assim, percebemos que Ruy Duarte de Carvalho visava à desestruturação, à ruptura com padrões acadêmicos pré-definidos para evidenciar a alteridade. Tudo isso num jogo em que o narrador e seus protagonistas compartilhavam experiências e memórias. O autor se preocupou em registrar, deixar um legado, não para preencher espaços em bibliotecas, mas para disponibilizar esse conhecimento àqueles que também compartilhassem o desejo de conhecer experiências desse tipo.

O objetivo deste capítulo foi apresentar Ruy Duarte, sua trajetória, sua intensa experiência de vida. Esta somente teve fim aos sessenta e nove anos, quando foi encontrado sem vida em sua residência, na cidade de Swakopmund, na Namíbia. Sua obra é uma fonte riquíssima de conhecimento para quem nutre o desejo de entender a alteridade. De certa maneira, parafraseando o autor, ao dizer dele estive a dizer muito mais de mim mesma, pois me encontrei e me vi em seu discurso.

2 RUY DUARTE DE CARVALHO: DE QUEM HÁ O QUE DIZER...

Dizendo-te dos outros estarei a
dizer-te inevitavelmente muito
mais de mim mesmo.

Ruy Duarte de Carvalho (2000)

Ruy Duarte de Carvalho foi um autor que construiu uma trajetória literária notável, mas pouco conhecida se o compararmos a outros autores africanos em evidência, como Mia Couto ou Pepetela, por exemplo. Durante a Graduação nunca sequer ouvi falar em Ruy Duarte, apesar de ter cursado a disciplina de Literaturas Luso-Africanas. Por sugestão de minha professora e, atualmente, orientadora do Mestrado, resolvi estudá-lo, e me encantei não só pela sua maneira de escrever, mas também pelo seu modo de relacionar-se com a vida e com o outro. Detentor de uma personalidade curiosa e fascinante e produtor de um trabalho de igual teor, Duarte entregou-se a ele de um modo apaixonado e profundo.

Sendo assim, ao escolhê-lo para desenvolver minha dissertação de Mestrado realizei várias pesquisas, então percebi que ele tem sido razoavelmente estudado em outras Universidades brasileiras e significativamente estudado em Portugal, por autores específicos. A Professora Rita Chaves, da Universidade de São Paulo tem desenvolvido um extenso trabalho sobre a vida e a obra de Ruy Duarte de Carvalho, além de orientar muitas dissertações e teses sobre o autor. Do mesmo modo a Professora Laura Cavalcante Padilha, da Universidade Federal Fluminense, também tem apresentado publicações relacionadas ao autor e orientado trabalhos de Pós-Graduação. Em Lisboa a Professora Marta Lança, além de publicar artigos sobre Ruy Duarte, criou o portal BUALA que dedica um espaço especialmente a ele. Há, ainda, outros teóricos que buscaremos evidenciar neste capítulo.

2.1 Quando o assunto é viajar...

não há tempo sem espaço e sem movimento,
é essa a condição de todas as percepções
e de todas as relatividades.

Ruy Duarte de Carvalho (2000)

A viagem em Ruy Duarte parece ser uma temática que fascina os estudiosos, pois observamos que muitos trabalhos falam sobre isso. Tal referência se justifica por ser a viagem uma espécie de identidade do autor, conforme afirma Marta Lança: a “vida inteira viajante, Ruy Duarte cultivava da viagem o arrebatamento e a emoção, atravessando, gerindo, procurando as proximidades e diferenças.” (LANÇA, 2010, p. 222). A autora ilustra poeticamente o principal aspecto da personalidade de Duarte, pois viver em trânsito era a sua motivação.

De modo semelhante Rita Chaves comenta que “Os múltiplos sentidos da mobilidade e a direção do sul são pontos presentes no projecto intelectual de Ruy Duarte de Carvalho” (CHAVES, 2012, p. 127). Essa é uma questão bastante relevante, visto que a importância dessa movência tem como referente o Sul de Angola, mais precisamente os pastores que habitavam essa região. Assim como também esclarece Chaves em outro momento: “Em *Vou lá visitar pastores*, a ideia manifesta-se já no título, metaforizada na visita a uma terra distante, muito bem sugerida pelo advérbio ‘lá’. E são muitas as viagens aí contempladas.” (CHAVES, 2005, p. 4). A obra citada pela autora pode ser vista como uma metáfora da viagem, já que ela acontece de modo objetivo e subjetivo, simultaneamente.

Em relação ao que foi citado anteriormente, Laura Cavalcante Padilha alia a seguinte ideia: “O convite para que o leitor se faça, ele também, um viajante, aparece na antecena dos Pastores, quando, em sua pele de autor, o romancista diz ser a obra a descrição/narração – etnográfica? Romanesca? – de uma viagem” (PADILHA, 2012, p.138). Nesse sentido Ruy Duarte convida seu interlocutor, que tanto pode ser seu amigo ou o próprio leitor, a viajar junto com ele no texto: é a viagem subjetiva da linguagem. Contudo, o convite para seguirmos com ele nesse percurso não se configura ao acaso, conforme Padilha:

A acidez crítica do sujeito da enunciação quer atingir o receptor do enunciado, para que este repudie a representação mascarada da cultura dos pastores Kuvale, bem como os modos de vida e os mores simbólicos e ontológicos em que tal cultura se sustenta, apesar – como é afirmado em

outro trecho do romance – do desconhecimento ou até mesmo das certezas emanadas de outra forma de império” (PADILHA, 2012, p. 139).

Desse modo, a viagem é o pretexto do autor para que o conhecimento da realidade Kuvale pudesse ser lentamente construído no imaginário do seu interlocutor, ao mesmo tempo em que ia desconstruindo supostas imagens etnocêntricas pré-construídas. Sendo assim, “A marcha para o conhecimento do universo pastoril Kuvale é um quase convite para que declaremos guerra a esse modo de governação, máscara de diversas formas de colonialidade que continuam a estar onde sempre estiveram.” (PADILHA, 2012, p. 139).

Além disso, o deslocamento se inscreve, no panorama geral da obra de Ruy Duarte de Carvalho, como cenário das representações possíveis: a viagem no espaço e no texto. Sobre essa questão Ana Lúcia Liberato Tettamanzy esclarece que “A dupla inscrição do deslocamento é explicitada em vários dos textos ensaísticos do autor, que reflete sobre sua privilegiada condição de antropólogo e poeta/escritor” (TETTAMANZY, 2012, p. 8). Do mesmo modo Rita Chaves também analisa essa questão na obra do autor:

Passamos a saber que a viagem, mais uma vez no exercício literário de Ruy Duarte de Carvalho, mescla-se à escrita, misturando-se aos refinados processos que integram as suas estratégias de representação. No plano temático e/ou no nível da estrutura de suas obras, os deslocamentos inscrevem-se como presença determinante, como pudemos já verificar em títulos diversos como *Vou lá visitar pastores*, *Os papéis do inglês*, *Actas da Maianga* e *As paisagens propícias*. A novidade aqui é, então, o alcance do movimento: a narrativa sai de Angola, ultrapassa as fronteiras físicas do continente, que o escritor já pôs em causa em *As paisagens propícias*, e chega ao Brasil, fazendo do nosso território o seu campo de observação, não só para ver a nós, os brasileiros – que ele começou a conhecer muito antes do primeiro contato direto com o país –, mas também para ver como angolano, subvertendo uma ação que se vem disseminando há décadas: o gesto de olhar a África para se compreender o Brasil. (CHAVES, 2010, p. 18-19).

A obra referida por Chaves no final do excerto acima é *Desmedida – Luanda-São Paulo- São Francisco e volta – crônicas do Brasil*, nela a temática da viagem é a base da narrativa. Sendo assim, esse livro admite muitas derivas, se considerarmos as múltiplas qualidades e personalidades do narrador multifacetado: viajante, etnólogo, cineasta, além de cronista/ensaísta nas suas sarcásticas críticas e interrogações sobre a legitimidade da história oficial. Essa foi uma das poucas obras

de Duarte publicadas neste lado do oceano, e, desse modo, acabou suscitando muitas leituras. Sobre o livro Rita Chaves ainda comenta:

O longo título é indicativo de duas faces determinantes na estrutura da narrativa. Trata-se, percebemos logo, de um livro em que a viagem é um de seus aspectos mais destacados e a modalidade crônica vai definir a condução da escrita, numa combinação que nada tem de insólito. A associação entre a crônica e a viagem foi sempre cultivada e surpreenderia ainda menos aqueles que sabem que o autor é também um antropólogo, profissão em que são inerentes os laços de parentesco entre os deslocamentos e a escrita (CHAVES, 2006, p. 280).

A obra apresenta certa história inscrita num panorama cruzado pelos destinos de Angola e Brasil, como no período da ocupação holandesa, ou os momentos do passado histórico brasileiro que servem para explicar o presente angolano. “Um relato de viagem sobre o Brasil seria apenas mais um não fosse a diferença de perspectiva que essa narrativa inaugura. Trata-se agora não de um viajante do centro atrás de novidade no reino da botânica ou da zoologia.” (CHAVES in LEITE, 2012, p. 150). Nesse contexto “Ruy vem do outro lado do Sul e vem se confrontar com a contemporaneidade que ele sabe atravessada por todas as contradições que há no mundo.” (CHAVES, 2012b, p. 150).

Em *Desmedida* é explícita a importância da viagem, comprovando mais uma vez que Ruy Duarte de Carvalho era também um transumante como os pastores do deserto da Namíbia. Ele passou toda a sua vida em trânsito, pois “mais que o achado vale sempre a busca” (CARVALHO, 2007, p. 177). Para o autor a viagem tornou-se a razão de todos os acontecimentos e motivações, resultando em uma curiosa e interessante produção literária; assim como define Manuela Ribeiro Sanches⁸:

São todos textos de viagem. Viagem de antropólogo a caminho do terreno, narrando a um interlocutor privilegiado as suas experiências, contando os pastores kuvale a um amigo em Londres, ou o Brasil ao amigo pastor. Diálogos, monólogos, a acompanhar trânsitos entre Lisboa, Luanda, Nova Iorque, entre Angola e o Brasil. Viagens não só entre lugares, mas também entre textos que com ele viajam, o inspiram: desde estudos sociológicos ou antropológicos, a romances, narrativas de viagem, ensaios filosóficos, todos eles adquirem essa mobilidade nómada que o analista dos pastores kuvale parece partilhar com os seus ‘objectos de estudo’. Viagens entre o terreno,

⁸ Em texto intitulado “Outros lugares, outros tempos. Viagens pela colonialidade com Ruy Duarte de Carvalho”, apresentado em mesa-redonda que integrou a Exposição “Dei-me a um exaustivo labor...”, realizada no Centro Cultural de Belém (Lisboa), em fevereiro de 2000.

as sociedades 'tradicionais' e as 'modernas', entre 'centros' e 'periferias', rio acima, no Brasil, evocando Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, bem como Cendrars, deixando-se fascinar pelo aventureirismo de um Sir Richard Burton (Desmedida). Viagens entre livros, mergulhando em textos ou em reflexões ensimesmadas, o Eu a virar-se sobre si mesmo e as leituras, hesitando entre o mundo interior, para logo se abrir ao pormenor empírico de uma certa luz, um certo relevo, em que lê modos de entender o mundo em geral. (SANCHES, 2008, p. 4).

Para finalizar Sanches ainda comenta a viagem em Ruy Duarte de Carvalho considerando-a como alternativa possível de se olhar o mundo, mas “menos segundo uma equidistância a confirmar certezas, do que decorrendo de um envolvimento múltiplo que leva a que a subjectividade surja na sua dimensão mais auto-reflexiva e menos segura de si.” (SANCHES, 2008, p. 4). Por tudo que foi visto nesse capítulo, podemos inferir que a viagem constitui uma temática abundante e rica na obra de Duarte, posto que, como explicitamos no início deste texto, constitui a própria personalidade do autor que se manifesta na escrita.

2.2 Quando o assunto é a escrita de si...

Vou ter que contar-me, tratar-me, pois,
enquanto personagem dessa história.

Ruy Duarte de Carvalho (2007)

A autoficção encontra o seu lugar na obra de Ruy Duarte de Carvalho devido, talvez, aos constantes questionamentos sobre seu próprio fazer literário, sobre si mesmo como personagem enredado pelas malhas da narrativa, sobre a sua função ética como escritor e contador de histórias reais. Essas questões têm se mostrado um vasto campo para análises teóricas em diferentes áreas do saber como antropologia, literatura, história. Observa-se que Ruy Duarte desenvolve uma narrativa muito interessante e diferente de tudo que já havíamos presenciado. É a “meia-ficção”, referida pelo autor na Conferência da Gulbenkian⁹:

..... estou a sair da Namíbia onde de há cinco meses a esta parte tenho usufruído do luxo de poder dedicar-me exclusivamente a um livro que

⁹ Intervenção do autor na Conferência da Gulbenkian a 27 /10/2008 cujo título geral era: “Podemos viver sem o outro?” e foi publicada no livro com o mesmo título, vários autores, pela Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Disponível em:<

estou escrevendo é um livro de meia-ficção, na sequência de outros em que tenho tentado essa modalidade, e cuja ação se desenvolve em grande parte no sudoeste de Angola e no noroeste da Namíbia, onde subsistem precisamente populações que eu posso identificar com o tal OUTRO absoluto que tenho vindo a referir..... (CARVALHO, 2008, s/n).

Essa modalidade criativa desenvolvida por Duarte tornou-se a sua marca estilística; nela a realidade e a ficção (dele e do outro) se confundem e se entrelaçam. Tal questão pode ter se originado na sua experiência pessoal, pois o autor passou parte de sua vida vivendo com o “outro” e, ao falar desse outro, acabou falando também de si mesmo como personagem integrado no meio do grupo. Ana Lúcia Tettamanzy retoma essa questão do seguinte modo: “temos na escrita de Ruy Duarte um narrador e também um personagem de si mesmo, como concretamente as referências intertextuais e autobiográficas permitem perceber em vários de seus textos, que imbricam os limites de ficção e realidade.” (TETTAMANZY, 2012, p. 9).

Semelhantemente Rita Chaves acrescenta que na narrativa de Ruy Duarte ocorre a materialização do “gesto de encarar o passado como local em que se fundam os condicionamentos do presente” (CHAVES, 2010, p. 14), como uma atividade memorialística. Além disso, a autora ainda observa que se trata de “um tipo de memorialismo que supera o plano do pessoal e converte-se numa forma de autobiografia coletiva.” (CHAVES, 2010, p. 14). Nesse sentido, o que está em jogo não é o plano pessoal do autor atravessado pela presença do outro, mas o plano coletivo do outro influenciado pela presença do autor. Desse modo, ele se inscreve nessa realidade, tornando-se personagem de si mesmo como bem menciona Tettamanzy no parágrafo anterior.

Tudo isso corrobora para ratificar a postura ética de Ruy Duarte, conforme podemos verificar a seguir: “.....o narrador em que me constituo continua a não ser capaz de colocar-se naquela situação em que o autor se apodera da consciência do outro..... apenas disponibiliza o que o outro lhe terá feito saber de si mesmo” (CARVALHO, 2008, p. 23). Observamos que o narrador não representa a sua figura real institucionalizada, mas a figura de um sujeito que, ao adentrar no espaço do outro se torna personagem de si mesmo para conseguir soltar as amarras institucionais. Para ilustrar o exposto, Laura Padilha esboça um belo panorama em relação à escrita do autor:

No romance de Ruy Duarte, a linguagem é retomada como espaço de recuperação do sujeito como ser histórico e social e o narrador é um verdadeiro contador de histórias “da própria ficção do mundo” e seduz pela palavra. Sua voz é múltipla, inclui no seu relato, como já dissemos, a própria experiência, mas sobretudo a experiência alheia. Com o domínio da palavra, vai astuciosamente conduzindo o leitor a achar o fio que lhe permita passar atento pelos caminhos textuais densamente construídos. Para o leitor, encontrar a significação dos papéis e tesouros guardados no labirinto do texto representa a possibilidade do encontro com a sua própria história, a compreensão de si mesmo e do mundo que o rodeia, já que a experiência da leitura lhe proporciona o questionamento e a recriação. (PADILHA, 2010, p. 162).

O texto trata da obra *Os papéis do inglês*, mas as questões levantadas pela autora podem ser aplicadas ao conjunto da obra de Duarte, já que o todo possui características semelhantes em relação à escrita. Principalmente no que se refere ao narrador, que pode ser identificado por características específicas, assim como refere Padilha. Uma delas é a capacidade de delimitar o espaço da experiência pessoal do autor e o da experiência alheia. Contudo, esse processo se constrói de maneira harmoniosa, como relata Luís de Quintais em texto publicado no Jornal RDC¹⁰:

O Ruy reivindica uma espécie de fusão do eu na paisagem. As suas etnografias são sempre auto/hetero-etnografias em que o interior e o exterior se anulam, em que a metáfora se faz carne, em que o olhar não é um dispositivo de construção da distância. (QUINTAIS, 2008, p. 5).

Podemos ainda ir além, pois percebemos que a fusão referida pelo autor ultrapassa os limites da paisagem e se mistura à vida do outro. Conforme acrescenta Tettamanzy “A experiência de campo, ou o estar junto, constituem, portanto, suporte da escrita etnográfica que utiliza a configuração narrativa como forma de produção de pensamento.” (TETTAMANZY, 2012, p. 7). Desse modo, o autor cumpre sua função de autor comprometido com a causa daqueles que vivem e se movimentam pelas margens, ou seja, representa a “paradoxal posição de sujeito periférico que domina os instrumentos ocidentais” (TETTAMANZY, 2012, p. 15) para advogar em defesa deste “outro”.

¹⁰ Elaborado para apresentar a exposição sobre a vida e a obra do autor intitulada *Dei-me portanto a um exaustivo labor* - Ciclo Ruy Duarte de Carvalho no CCB (Lisboa), ocorrida de 12 a 17 de fevereiro de 2008.

2.3 Quando se fala de poesia...

O poeta acorda,
possui-se do que vê.

Ruy Duarte de Carvalho (2000)

Outro aspecto bastante produtivo para a análise crítica da obra de Ruy Duarte de Carvalho é a poesia. Apesar de não ser extensa, pois à medida que começou a escrever ficção foi deixando de escrever poesia, é de uma riqueza inquestionável. Segundo afirma Marli Paz de Souza¹¹ “Ruy Duarte movimentava as palavras, buscando, assim, revitalizar a linguagem, como que descerrando seus mistérios ocultos, revelando-se a poesia.” (SOUZA, 2007, p. 40). A obra poética do autor encontra-se reunida em *Lavras*, publicada em 2005, e há muito vem sendo objeto de análises e reflexões. Em relação à escolha do título dessa obra Cláudia Oliveira Cardoso sugere que não se trata de algo aleatório, pois:

Em primeiro lugar, o ato de lavrar, cultivar a terra, é um ato simbolicamente sagrado, pois estabelece uma ligação transcendente do homem com a terra e o céu. Preparar o solo, plantar e colher compõem um ciclo de fertilidade, de gestação do alimento do corpo e, por consequência, do espírito. O ato de escrever, por sua vez, pode ser comparado à lavra, na medida em que, ao selecionar as palavras que irão compor o poema, preparando assim o solo da folha em branco, os poetas ensejam colher imagens plurissignificativas, capazes de reconfigurar a realidade. A poesia é, sobretudo, tempo, que se renova a cada ciclo e faz germinar novas ideias e percepções, como em qualquer lavoura. (CARDOSO, 2011, p. 3).

Parece bem apropriada a definição da autora para o título da obra poética de Ruy Duarte, pois, conhecendo a sensibilidade estética do autor, sabemos que os elementos que compõem suas obras são sempre carregados de múltiplos sentidos. Ou seja, resultam de um apurado trabalho de artífice que, conforme Rita Chaves, possui um olhar poético capaz de reconhecer que “precisa, simultaneamente, exercitar a percepção que o ofício reclama e extrair a carga simbólica que ali se guarda.” (CHAVES, 2005b, p. 121).

Além disso, a poesia de Ruy Duarte possui uma função social mobilizadora de diversos elementos. Rita Chaves enfatiza que no plano da memória “o exercício

¹¹ Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Literatura e Cultura.

poético reassume a função quase mágica, em termos de abstração e egoísmo, de reacordar sentidos, retecendo malhas caracterizadas pelo corte – fendas que situam o homem no espaço desconcertante do desencontro.” (CHAVES, 2005b, p. 122). Desse modo, percebemos que a poesia do autor não é feita apenas para o louvor lírico, já que não se esgota em si mesma. A força que emana do fazer poético faz com que ela se movimente “em direção ao outro, a poesia se define como uma energia que acredita e, portanto, busca a aliança com o outro, força mítica que, na pluralidade do tempo poético, vai assumir diversas formas.” (CHAVES, 2005b, p. 122).

De modo semelhante, Márcia Santos dos Nascimento evidencia que tal função poética também se estende à paisagem, mostrando a harmoniosa relação entre homem e natureza:

Este poeta-etnógrafo realiza uma reconstrução, em etnopaisagens, nas malhas das letras do corpo cultural que se mantém vivo, transformando-se em espaços profícuos para a inscrição, por intermédio da oralidade, da língua e desse corpo textual africano na escrita. Nesse sentido, a palavra torna-se um dispositivo para acessarmos a memória coletiva dessas comunidades e esse poeta, instrumento de sonoridade para orquestrar as relações entre homem e a natureza. (NASCIMENTO, 2010, p. 69).

Nesse contexto o poeta evoca elementos da memória, do tempo e da vida cotidiana, revelando “o potencial literário da realidade” (CHAVES, 2005b, p. 123). Podemos inferir que Ruy Duarte potencializa sua energia criadora para produzir uma poesia inspirada na vida e nas relações observadas. O autor busca no passado histórico os elementos para situar o presente. Este fornece subsídios para a realização da arte literária, que recupera os elementos citados para transformá-los e remodelá-los em função do fazer poético. Com isso, verificamos que, também na poesia, Duarte realiza uma trajetória transumante em busca de possíveis modos de efetivar a comunhão das vozes do sul. Rita Chaves reforça que o autor parece destinado mesmo a ser “um caminhante, lúcido na tarefa heroica de percorrer todas as paisagens” (CHAVES, 2005b, p. 122). Nesse sentido, a autora considera que o modo como Duarte avança em tempos desfavoráveis a esse tipo de comunhão indica a realização de uma epopeia poética; e ainda:

O processo de juntar realidade e poesia, resgatando do repetido e insólito jogo da vida o sentido mágico que o cotidiano pode turvar, constitui uma

tarefa que exige o domínio e, não raro, a fabricação dos instrumentos necessários à expressão das verdades que se querem anunciar. É nesse instante que a sondagem lírica afia as suas armas e, associando-se ao terreno épico, aponta para um dos signos da modernidade literária: a diluição das fronteiras entre prosa e poesia. (CHAVES, 2005b, p. 123).

A transposição das fronteiras, citadas pela autora no excerto acima, mostra o trânsito de Ruy Duarte entre poesia e prosa. Entretanto, Chaves também argumenta que isso não assinala o empobrecimento de sua poética, mas revela a “manifestação do notável domínio do poeta.” (CHAVES, 2005b, p. 125). Com isso, observamos que Duarte, mesmo antes de enveredar para prosa de forma mais contundente, já evidenciava sua maestria ao lidar com histórias de vida, ainda na escrita poética. Nela, assim como bem observa Chaves, há a “comunhão da poesia com a terra e com a consagração de um universo que ele escolheu como espaço privilegiado para demarcar a sua viagem.” (CHAVES, 2005b, p. 125). É essa comunhão que faz o autor se sentir tão de dentro daquele universo que o exterior a ele já não serve mais como referência, conforme ele mesmo relata na obra *Vou lá visitar pastores* (2000).

Tais evidências da singularidade do autor são fatores preponderantes para a sua condição de desbravador de um espaço ainda pouco explorado na literatura angolana. Ruy Duarte foi um dos primeiros escritores a olhar para o Sul, mais precisamente para o deserto do Namibe. Semelhantemente, Rita Chaves acrescenta que “A adesão do poeta a temas próprios daquele campo que se cola ao seu ângulo de visão revela o à vontade com que ele transita pelas *anharas* que elegeu como solo de sua poesia.” (CHAVES, 2005b, p. 125). E acrescenta:

Essa organização artística, adensada pela nitidez das referências do universo ainda pouco percorrido, mesmo pelos poetas angolanos, tem por base um conjunto de princípios que amplia a complexidade da literatura, sobretudo na representação estética de uma dicção que escapa aos limites da fala luandense, recorte até então privilegiado no panorama literário de Angola. (CHAVES, 2005b, p. 125).

Podemos inferir que Duarte procurou seguir o propósito de evidenciar outras vozes, por isso sua vida transumante. Consequentemente, exercitou a prática de conhecer uma realidade cambiante e híbrida, “como um jogo em que se deve aprender a natureza heterogênea do real” (CHAVES, 2005b, p. 126). Os elementos

simbólicos dessa realidade vão sendo gradativamente incorporados ao discurso poético; e, assim, vislumbramos, pelo olhar do autor, as encenações de manifestações da vida cotidiana, das histórias ancestrais, da relação do sujeito com a oralidade e a escrita. O objetivo, conforme entendemos, é a construção da memória coletiva do outro frente à alteridade. Para Rita Chaves a ligação entre experiência e poesia, evidenciada no trabalho do autor, mostra “o desempenho do poeta como um narrador cuja voz exprime uma relação telúrica com o universo escolhido” (CHAVES, 2005b, p. 128).

Em outro texto Chaves destaca que Ruy Duarte difere-se por sua formação como cineasta e antropólogo que faz com que, ao frequentar os terrenos propícios para o desenvolvimento de suas habilidades, eleja “como matriz a tradição oral, com a qual ele estabelece um diálogo produtivo cujo resultado é o conjunto de manifestações que o próprio material sugere.” (CHAVES, 2004, p. 4). São essas questões que estabelecem o alto grau de sofisticação semântica encontrada na poesia do autor, pois são “textos poeticamente trabalhados, são cantos que decorrem da capacidade de leitura de um poeta que articula as referências com a invenção que a poesia exige.” (CHAVES, 2004, p. 4).

Tais questões revelam a complexidade criativa e multifacetada, engendrada e registrada em sua poética, conforme esclarece Chaves (2005b, p. 135). De modo que:

A sensibilidade precisa do cineasta e o interesse cuidadoso do antropólogo não se desintegram na composição do poeta, renunciando, antes, o perfil multiplicador de uma produção que ainda aposta na esperança, por que acredita no processo em que o artista vem investindo seu talento e sua crença. (CHAVES, 2005b, p.135).

Sendo assim, reconhecemos na poesia de Duarte os mesmos processos de construção e reconstrução de referências coletivas e intersubjetivas que continuam povoando sua produção narrativa, posteriormente. Isto posto, podemos dizer que o projeto de vida do autor é uma constante em seu trabalho, e os diferentes modos de apresentar isso, no decorrer do tempo, só agregam ainda mais valor à múltipla capacidade intelectual desempenhada por Ruy Duarte. Ou, conforme Chaves (2004), o tempo só faz acentuar tal capacidade.

2.4 Quando se fala de política...

Fazedores de opinião...
 Por toda a parte os há
 e por toda a parte se revelam,
 manifestam, no espaço
 e nos terrenos que o poder,
 que os poderes, lhes consignam...

Ruy Duarte de Carvalho (2003)

Em se tratando de Ruy Duarte de Carvalho, falar de política é falar das guerras, ou melhor, é falar das consequências de tanta guerra no imaginário de um povo que viveu e sofreu tudo isso. O autor faz alusão a muitas guerras: externas e internas; inicialmente pela dominação, posteriormente pelo poder. Esse tema povoou sua produção de modo mais explícito nos ensaios e nas narrativas, de modo mais sutil na poesia. Contudo, a guerra não passa de um mote para suscitar outras reflexões sobre a ordem política em Angola e seu modo de governar voltado para as elites. Com isso, percebemos que alguns teóricos se debruçaram sobre essas questões na obra de Duarte. Neste subcapítulo evidenciaremos alguns trabalhos que tratam da temática explicitada.

Como já pôde ser visto até aqui, é evidente a contribuição da Professora e Pesquisadora Rita Chaves, da USP, para os estudos que contemplam o conjunto da obra de Ruy Duarte de Carvalho. No Brasil tem sido ela a maior responsável pela divulgação do trabalho de Duarte, assim como a publicação de algumas de suas obras neste país, como por exemplo: *Desmedida*, *Os papéis do inglês* e *Vou lá visitar pastores*. Apesar de seus trabalhos sobre a obra de Duarte, Chaves teve contato direto com o autor durante suas visitas ao Brasil, o que serviu para reforçar ainda mais suas boas impressões sobre ele. Sendo assim, no andamento deste capítulo, procuramos fazer uma leitura da fortuna crítica da obra de Duarte, o que revelou Rita Chaves como sendo a pesquisadora que mais tem se dedicado à análise global da produção intelectual do autor.

Por esse motivo também tem sido ela a teórica mais citada em todos os subcapítulos deste trabalho, e neste último não será diferente. Sobre o modo como Ruy Duarte manifestou seu posicionamento político, Chaves afirma que “Ao buscar a Angola localizada no sul e no interior, ele procura inverter a perspectiva dominante,

abalar uma hegemonia que afronta o próprio projecto nacional em nome do qual se lutou e se escreveu tanto.” (CHAVES, 2012b, p. 146). Podemos dizer que essa foi a bandeira de luta do autor e que sempre o manteve na contramão do projeto político nacional, como pode ser observado no trecho:

Porque em relação à reelaboração recente, e nossa, do passado colonial, e até pré-colonial, não custa verificar que nem todas as configurações sociais e grupais angolanas se têm visto atribuir a mesma ordem de protagonismo, de incidência dinâmica no curso da história e mesmo de legitimidades de hegemonia transportadas para o presente, verificando-se apenas, às vezes, a manobra de uma operação (ou de uma volta), adaptada aos interesses dominantes de agora... (CARVALHO, 2008, p. 71).

As constatações levantadas pelo autor denunciam as manobras políticas que visam mascarar as verdadeiras intenções, que continuam a serviço da dominação. Conforme Chaves, “A necessidade de relativizar os paradigmas da superioridade do pensamento dominante é uma questão fundamental para ele que, das teorias pós-coloniais, acolhe a hipótese de superar o primado da hegemonia ocidental.” (CHAVES, 2012b, p. 147). Isso nos chama a atenção para uma característica peculiar em Ruy Duarte: seu modo particular de lidar com a questão política revela a ausência de ingenuidade ao tratar de assuntos desse tipo. Segundo Chaves, “A incerteza convicta que o move seria incompatível com a ingenuidade exercitada por outros viajantes.” (CHAVES, 2012b, p. 149). Tal questão pode ser verificada nas palavras do autor:

Os poderes actuais herdaram dos poderes coloniais não só o lugar de decisão mas também o ângulo da visão. E nem a cena podia ser outra, porque afinal os instrumentos cognitivos que uns e outros utilizaram e utilizam, independente da forma como o fizeram ou fazem, são os mesmos (as elites a quem foi transmitido o poder – de uma maneira ou de outra – foram, naturalmente, as mais ocidentalizadas. Como se o ocidente tivesse estendido um espelho à África no qual os africanos são hoje obrigados a ver-se). (CARVALHO, 2008, p. 43).

Ruy Duarte não poupou críticas à forma como as políticas governamentais foram e ainda são conduzidas em Angola. Para o autor as elites apenas reproduziam o mesmo discurso dominador, disfarçado de libertário. A ideia exposta dialoga com o pensamento de Rita Chaves sobre a consciência política de Duarte: “O pós-colonial tem para ele outro sentido, isto é, o de um tempo aberto a novas formulações, o de

um tempo que, sem ignorar o peso do império, propicia que já não seja a metrópole ou os seus herdeiros a definir caminhos.” (CHAVES, 2012b, p. 155). De modo semelhante Laura Padilha também observa que Duarte, assim como outros de seu tempo, representa uma geração de autores que “são convocados para sustentar as coordenadas de uma nova colocação geográfica percebida como capaz de trazer de volta o sentido de um projeto de nação que se perdeu.” (PADILHA, 2012, p. 137). Ainda sobre essas questões, Manuela Sanches defende a importância da obra de Ruy Duarte para se pensar a pós-colonialidade:

Quando releio os seus textos, sobre eles reflicto, neles reencontro propostas que, escritas a partir de outros lugares ou de lugares idênticos – África, Europa, Brasil –, me suscitam interrogações semelhantes, formas de ler o passado e o presente em que me revejo mais facilmente do que em outros autores. Como poucos escritores de língua portuguesa, Ruy Duarte de Carvalho faz da condição pós-colonial um tema recorrente na sua obra. (SANCHES, 2008, p. 4).

Contudo, apesar de se tratar de um autor que produziu muitas reflexões acerca do tema citado, ele não chega, ainda, a circular entre os pensadores da pós-colonialidade. Seria, pois, relevante pensar a condição pós-colonial “a partir de um autor ausente de antologias de circulação global sobre a matéria.” (SANCHES, 2008, p. 4). Sanches afirma que o “pós” é, antes de tudo, um questionar, “um ponto de partida para um itinerário incerto (...), é uma perspectiva que se recusa as certezas de uma subjectividade segura, consciente de si” (SANCHES, 2008, p. 4). Sendo assim, conhecemos o leque de incertezas que permeia a lógica da condição pós-colonial no mundo acadêmico, e nesse quesito Duarte parece bastante seguro de seu posicionamento. Em relação a isso Sanches ainda acrescenta:

Há na escrita de Ruy Duarte de Carvalho algo que se furta a qualquer rótulo, mas que antecipa muitas das reflexões que noutros lugares se fizeram de modo afim, uma lucidez inquietante, uma amargura a raiar o cepticismo radical – mas não será esta condição da primeira? –, um constante autoquestionamento e auto-reflexividade que a sua escrita paraláctica, de longas frases, entremeadas por longos parênteses, a justificar e a questionar o que antes afirmou, vem confirmar. (SANCHES, 2008, p. 4).

A autora faz uma breve descrição do estilo Ruy Duarte de Carvalho de escrever, de se posicionar como cidadão angolano por opção que conhece a história de lutas de seu povo, e, sendo assim, sente-se autorizado a falar:

O que eu verdadeiramente desejo neste momento, como cidadão angolano, é que as eleições que aí hão-de-estar a vir cheguem a ser bem disputadas e que entretanto as partes envolvidas vão planejando alguma forma de concerto que possa ser encarada e posta em acto após a revelação dos resultados eleitorais. Concerto não apenas entre figurões, figuras e partidos mas também entre esses e os figurantes em cena, entre o poder e as populações, minoritárias ou não, que todas afinal o são. Um concerto que contemplasse também a relação entre as pessoas, democraticamente entendidas como tal, e as elites que é suposto as representem e decidam por elas quer dentro das comunidades quer nos terreiros do poder central. Um concerto que tivesse em conta os termos efectivos de um interesse comum. Caso contrário tudo fica difícil de conceber, até a própria ideia de nação. A existência de uma nação, que é ainda entre nós um objetivo e de que tanto necessitamos para sobreviver, e até para nos podermos pensar, pressupõe, da parte dos governos, a percepção de denominadores e de plataformas de interesse comum que conjuguem, articulem, aproveitem e gratifiquem quantas expressões de sociabilidade, de cultura e de culturas tiverem para governar. Caso contrário, (...) continuo a não ver muito bem qual é entre nós o espaço e o lugar dos partidos e do multipartidarismo no concerto das culturas em presença. (CARVALHO, 2008, p. 34, 35).

Por toda a sua vida Duarte persistiu no sonho de ver a construção de uma nação igualitária, voltada para os interesses dos “figurantes”, e não apenas dos “figurões”, como sempre foi. Assim como também constata Sanches, há verdadeiramente “em Ruy Duarte de Carvalho uma forma de escrever o mundo nosso contemporâneo que permite leituras que coincidem, antecipam algumas das mais brilhantes propostas que o pensamento sobre a pós-colonialidade permitiu.” (SANCHES, 2008, p. 4). De modo semelhante, Rita Chaves afirma que “Ruy Duarte busca elementos para melhor compreender Angola em seu projecto de nação, considerando-a num universo maior de relações, do qual nem Angola nem os angolanos podem estar ausentes.” (CHAVES, 2012b, p. 156).

Em suma, Ruy Duarte de Carvalho se insere em um “Projeto de Nação” marcado pela diversidade, fazendo de sua escrita um espaço em que a heterogeneidade angolana também se inscreve. Em suas obras percebemos uma Angola diferente daquela descrita nos discursos coloniais, pois o atual espaço angolano abarca uma realidade composta por inúmeras possibilidades de interação social. E, sendo assim, é possível ver que Duarte se encaixa no grupo dos autores modernos que vai além do quadro da experiência visível e imediata, atuando como

mediador entre a sociedade e a política; conforme ilustra muito bem Sanches: “Sem certezas, nem garantias, a não ser uma: a de que Angola, os seus pastores, o ‘terceiro mundo’ têm de caber num projecto capaz de reinventar a (pós)modernidade, além de qualquer utopia.” (SANCHES, 2008, p. 4).

3 HISTÓRIAS E FICÇÕES: QUANDO OS DISCURSOS SE CONFUNDEM...

...talvez porque toda a literatura tenha talvez que abrir-se sempre ao que há para além, à aventura e ao mundo e porque escrever é sempre partir...

Ruy Duarte de Carvalho (2008)

Neste capítulo procuraremos situar as ciências antropológica e literária no âmbito da obra de Ruy Duarte de Carvalho. Como já pôde ser observado na sequência deste trabalho, Duarte configura-se como um autor em que o hibridismo disciplinar permeia, praticamente, toda a sua obra. Apesar de ter trilhado por inúmeras áreas do conhecimento, percebemos que foram a Antropologia e a Literatura as que mais lhe demandaram trabalho e produção. Com isso, faz-se necessário retomar cada uma dessas áreas, esclarecendo a importância que tiveram para a produção científica de seus respectivos campos do saber. Para terminar destacaremos, também, a importância que tiveram para a formação da narrativa de Ruy Duarte.

3.1 Sobre o lugar da Antropologia...

Situar a Antropologia em seu contexto histórico, destacando as mudanças de pensamento que causaram transformações efetivas em suas bases teóricas, é meu objetivo neste subcapítulo. Essa ciência, apesar de não representar o foco principal desta pesquisa de Mestrado, é importante para entendermos o universo cambiante da obra de Ruy Duarte de Carvalho. Contudo, ao contrário do autor, que foi um brilhante antropólogo, somos apenas aspirantes a estudiosos dessa ciência; com isso, o estudo a ser desenvolvido terá como base teórica alguns conhecidos e consagrados nomes da Antropologia: François Laplantine, James Clifford, Clifford Geertz, entre outros.

A Antropologia surgiu pela necessidade do homem de refletir sobre si mesmo e sobre sua relação com a sociedade, e isso, conforme Laplantine (2007, p. 13), é algo tão antigo quanto a humanidade. No entanto, o projeto de sua fundação como ciência do homem é algo recente. Laplantine afirma que “apenas no final do século

XVIII é que começa a se constituir um saber científico [...] que toma o homem como objeto de conhecimento, e não mais a natureza” (LAPLANTINE, 2007, p. 13). O autor ainda esclarece que a partir desse ponto o espírito científico começa a pensar em aplicar ao homem os métodos até então utilizados apenas nas ciências físicas e biológicas.

Esse evento marcou definitivamente a história da Antropologia e suas consequências, de acordo com Laplantine (2007, p. 13), não podem ainda ser mensuradas. Sendo assim, o autor reforça que somente no século seguinte é que o seu projeto como disciplina científica começou a adquirir legitimidade. Nesse projeto o observador e o objeto observado eram concebidos com uma dualidade radical, já que as sociedades estudadas faziam parte de eras passadas, separadas no tempo e no espaço. O autor ainda acrescenta que tais civilizações, objeto de estudo da Antropologia, referiam-se a sociedades “primitivas” não-ocidentais, que algumas décadas depois, começaram a desaparecer devido à própria evolução social.

Eventos como a revolução industrial inglesa e a revolução política francesa causaram uma mudança radical na sociedade, nisso a “Europa se vê confrontada com uma conjuntura inédita. Seus modos de vida e suas relações sociais sofrem uma mutação sem precedente.” (LAPLANTINE, 2007, p. 64). Essas transformações marcaram o final do século XVIII e foram registradas nos trabalhos de Hegel e Rousseau, como também afirma Laplantine (2007, p. 64). Entretanto, conforme o autor, somente no século XIX observou-se o surgimento de um “contexto geopolítico totalmente novo: é o período da *conquista colonial*, que desembocará em especial na assinatura, em 1885, do Tratado de Berlim¹²” (LAPLANTINE, 2007, p. 64, grifo do autor).

São esses os fatores responsáveis pela constituição da antropologia moderna, momento em que os antropólogos passam a acompanhar de perto a vida dos colonos. Laplantine afirma que:

Nessa época, a África, a Índia, a Austrália, a Nova Zelândia passam a ser povoadas de um número considerável de emigrantes europeus; não se trata mais de alguns missionários apenas, e sim de administradores. Uma rede de informações se instala. São os questionários enviados por pesquisadores das metrópoles (em especial da Grã-Bretanha) para os quatro cantos do mundo, e cujas respostas constituem os materiais de reflexão das primeiras grandes obras de Antropologia que se sucederão em

¹² Documento que “rege a partilha da África entre as potências europeias e põe um fim às soberanias africanas.” (LAPLANTINE, 2007, p. 64).

ritmo regular durante toda a segunda metade do século. (LAPLANTINE, 2007, p. 64-65).

Os pesquisadores eruditos do século XIX (Maine, MacLennan, Tylor, Morgan e Frazer) foram os responsáveis pelo “estabelecimento de um verdadeiro corpus etnográfico da humanidade” (LAPLANTINE, 2007, p. 65). É importante entender essa questão, pois a colonização vai adotar tal perspectiva para atuar, ou seja, o “selvagem” do século XVIII se tornará o primitivo (ancestral do civilizado, cujo destino é reencontrá-lo). Esse tipo de Antropologia – também conhecida como Evolucionista – associa-se ao conhecimento da origem da humanidade, traçando um paralelo entre as “formas mais simples de organização social e de mentalidade que evoluíram para as formas mais complexas das nossas sociedades.” (LAPLANTINE, 2007, p. 65).

É visível o paradoxo entre o tipo de Antropologia descrito e o que conhecemos atualmente, contudo, foi a Antropologia Evolucionista que abriu caminho para que essa ciência se constituísse como um saber legitimamente científico. Esse modo de concepção privilegiou o Darwinismo Social que considerava a sociedade europeia da época como o apogeu de um processo evolucionário, e, conseqüentemente, as sociedades aborígenes eram tidas como exemplares primitivos. E, assim, defendia o conceito de “civilização” para classificar, julgar e, posteriormente, justificar o domínio de outros povos.

Podemos dizer que esse modo de ver o mundo a partir do conceito civilizacional de superior, ignorando as diferenças em relação aos povos tidos como inferiores, deu origem ao etnocentrismo. É a chamada “Visão Etnocêntrica”, o conceito europeu do homem que se atribui o valor de “civilizado”, e que exclui da cultura o que está fora desse projeto. Tais pontos de vista foram largamente defendidos por De Pauw e Hegel, conforme afirma Laplantine (2007, p. 66).

Somente no início do século XX é que começa a ocorrer a verdadeira revolução na disciplina antropológica. Laplantine observa que a partir desse momento o pesquisador compreende que “deve deixar seu gabinete de trabalho para compartilhar a intimidade dos que devem ser considerados não mais como informadores a serem questionados, e sim como anfitriões que o recebem e mestres que os ensinam.” (LAPLANTINE, 2007, p. 75). Desse modo, institui-se o trabalho de campo, como ainda hoje é chamado, que orientou a abordagem da nova geração de

etnólogos, os quais passaram a realizar longas estadias em meio às populações globais.

Dentre os muitos etnólogos que contribuíram para a elaboração da etnografia e etnologia contemporâneas, destacaram-se, conforme evidencia Laplantine (2007, p. 77), o americano de origem alemã Franz Boas e o polonês naturalizado inglês Bronislaw Malinowski. Laplantine ainda reforça que esses etnógrafos causaram uma autêntica virada na prática antropológica. Boas foi o precursor da ideia de que o significado de um costume somente se justifica se estiver relacionado ao contexto particular no qual se inscreve, e se for o produto direto da investigação do próprio antropólogo/observador.

A importância de Malinowski é inegável, com ele “a antropologia se torna uma ‘ciência’ da alteridade que vira as costas ao empreendimento evolucionista de reconstituição das origens da civilização, e se dedica ao estudo das lógicas particulares características de cada cultura.” (LAPLANTINE, 2007, p. 81, grifo do autor). Isso pode ser constatado, assim como refere Laplantine, na obra de Malinowski intitulada *Os argonautas*, em que ele mostra que os costumes dos Trobriandeses, apesar de serem muito diferentes dos nossos, possuem significação e coerência únicos, perfeitamente elaborados.

James Clifford afirma que “Malinowski nos dá a imagem do novo ‘antropólogo’: acocorando-se junto à fogueira; olhando, ouvindo e perguntando; registrando e interpretando a vida trobriandesa.” (CLIFFORD, 2011, p. 25, grifo do autor). O autor ainda reforça a importância desse trabalho por evidenciar aos leitores, não apenas as minúcias da vida trobriandesa¹³, mas também a exposição do trabalho do campo etnográfico, que até então era suprimida. Apesar das controvérsias e críticas empreendidas ao trabalho de Malinowski, Laplantine destaca que ele ensinou aos novos antropólogos a “não apenas olhar, mas a escrever, restituindo às cenas da vida cotidiana seu relevo e sua cor.” (LAPLANTINE, 2007, p. 85).

Contudo, a “antropologia precisava ainda elaborar instrumentos operacionais que permitissem construir um verdadeiro objeto científico.” (LAPLANTINE, 2007, p. 87). Pensando nisso, segundo Laplantine (2007, p. 86) pesquisadores franceses, pertencentes à “escola francesa de sociologia” se dedicaram a fornecer à disciplina

¹³ Malinowski morou vários anos com os Trobriandeses, na ilha de Kiriwina, que pertence ao grupo de ilhas nesse anel conhecido como as Ilhas Trobriand.

o quadro teórico e os instrumentos que ainda lhe faltavam. Foram eles Émile Durkheim e Marcel Mauss; o primeiro preocupou-se em mostrar o caráter específico do social, e a necessidade de emancipar a ciência social dos outros discursos sobre o homem; o segundo, semelhantemente ao anterior, postulou o reconhecimento estatutário da antropologia e uma exigência epistemológica pluridisciplinar.

Sendo assim, Laplantine (2007, p. 95) demonstra que, com esses autores, a Antropologia entrou em sua fase madura, restando-nos ainda verificar os avanços da ciência em seu desenvolvimento contemporâneo. O autor mostra que essa foi uma fase muito produtiva para a ciência antropológica, tornando-se impossível descrevê-la em poucas páginas. Isso inviabiliza um aprofundamento maior dessa fase, restando-nos a opção de fazer uma sucinta descrição. Com isso traçaremos um breve panorama, a fim de terminar de sistematizar a exposição histórica da antropologia, norteadora deste capítulo. Laplantine assegura que essa ciência, na contemporaneidade, oscila constantemente em torno de cinco polos que servem de modelos epistemológicos ou tendências de pesquisa (antropologia simbólica, antropologia social, antropologia cultural, antropologia estrutural e sistêmica e antropologia dinâmica). Destacaremos as mais significativas historicamente.

A antropologia simbólica “se empenhou essencialmente em mostrar a lógica precisa dos sistemas de pensamento mitológicos, teológicos, cosmológicos, que são os das sociedades qualificadas de tradicionais.” (LAPLANTINE, 2007, p. 111). Seus estudos contaram com os estudos sistemáticos do francês Marcel Griaule e seus colaboradores. De acordo com Laplantine esses estudiosos orientaram suas atenções para os seguintes aspectos:

O estudo das produções simbólicas (artesanato); a literatura de tradição oral (mitos, contos, lendas, provérbios...) e dos instrumentos através dos quais essas produções se constituem (particularmente as línguas); o estudo da lógica dos saberes (filosóficos, religiosos, artísticos, científicos) existentes num grupo (LAPLANTINE, 2007, p. 111-112).

O autor ainda destaca que a importância dessa tendência antropológica reside no fato de demonstrar a existência de outras formas de conhecimento, fora do saber científico constituído. Segundo Laplantine (2007, p. 114), foi por meio desses estudos que os protestos em defesa do direito à existência de identidades culturais e

espirituais¹⁴ tomam corpo. Esses preceitos são, de algum modo, comuns à antropologia social, contudo fornecendo subsídios para serem analisados no interior das sociedades, ainda vistas como primitivas.

Em relação à antropologia cultural, compartilha com a social o mesmo campo de investigação, ambas também utilizam um mesmo método: a etnografia. Além disso, são motivadas pela mesma ambição: “a análise comparativa.” (LAPLANTINE, 2007, p. 120). No entanto, Laplantine reforça que a primeira trata do “social tal como pode ser apreendido, através dos comportamentos particulares dos membros de um determinado grupo” (LAPLANTINE, 2007, p. 120); a segunda compara o social enquanto sistema de relações sociais. Além dessas tendências de pensamento surgiram ainda outras, mas de menos relevância.

Sendo assim, seguiremos para a parte final deste capítulo, situando a Antropologia no Contemporâneo, direcionando para o estruturalismo de Lévi-Strauss que foi o autor que marcou a história da Antropologia devido a uma série de rupturas radicais. Laplantine (2007, p. 134-135) descreve essas rupturas como segue: a ruptura com o humanismo e a filosofia, ou seja, o descentramento da ideia de sujeito transcendental; a ruptura em relação ao pensamento histórico, o evolucionismo; a ruptura com o atomismo, que considera os elementos da análise fora da totalidade; e, ruptura com o empirismo, pois o antropólogo se coloca não mais no nível da palavra, e sim da língua. Ainda segundo o autor:

Lévi-Strauss não ignora a diversidade das culturas – já que procurará precisamente dar conta dela – nem a história. Mas, de um lado desconfia de um ‘ecletismo apressado’ que “confundiria as tarefas e confundiria os programas”. E, de outro, considera que para compreender o movimento das sociedades é preciso não se situar ao nível da consciência que o Ocidente tem da história. Essa consciência histórica do ‘progresso’ não carrega consigo nenhuma verdade, é um mito que convém estudar como os outros mitos, isto é, estendendo no espaço aquilo que o historiador percebe como escalonado no tempo. (LAPLANTINE, 2007, p. 138-139).

Desse modo, a teoria estruturalista de Lévi-Strauss constitui-se a partir do campo do parentesco. Este pode ser visto como uma espécie de linguagem que deve ser analisada no nível das relações parentais. Nesse caso, as mulheres passaram a ocupar seu espaço como sujeitos dentro da cultura. Segundo Clifford

¹⁴ Defendido por Senghor como “metafísica negra”.

Geertz “O advento do estruturalismo [...] contribuiu bem mais para alterar a ideia que a antropologia fazia de si mesma do que a de seu objeto.” (GEERTZ, 2009, p. 41).

Por fim, cabe ainda sublinhar que Lévi-Strauss contribuiu sensivelmente para a mudança de olhar da antropologia em relação ao seu objeto, pois o novo território da etnologia procurou “estudar as formas de comportamento e sociabilidade mais descentradas em relação à ideologia dominante da sociedade global à qual pertence” (LAPLANTINE, 2007, p. 154).

3.2 Sobre o lugar da Literatura...

A literatura tem origem do latim *littera*, que significa letra. Desde a sua origem esteve relacionada à arte de ler e escrever corretamente, mas essa definição é apenas uma das inúmeras atribuídas à literatura com o passar dos anos. Esse fator é o grande responsável pelas mudanças referentes à interpretação desse conceito. Segundo Roberto Acízelo de Souza, a literatura “desde que se fez presente na civilização ocidental, tem sido objeto de teorização” (SOUZA, 2007, p. 10). Além disso, o autor afirma que ela deve ser considerada um produto cultural que surgiu com a própria civilização ocidental, devido ao fato de textos literários figurarem “entre os indícios mais remotos da existência histórica dessa civilização.” (SOUZA, 2007, p. 10).

O objetivo deste subcapítulo é situar a literatura no campo das ciências humanas, mostrar sua trajetória histórica e sua constituição empírica. Com isso, também observar os elementos que constituem uma obra literária, as formas de apresentação e recepção, etc. Para tal é importante que se considere os conceitos a respeito dessa temática de Roberto Acízelo de Souza, Terry Eagleton e Roland Barthes, entre outros. Sabemos que, ao longo de sua história, a literatura tem sido objeto de muitos estudos, contudo, é também objeto de muitas controvérsias. Esse saber tem acompanhado o processo de evolução cultural do homem, produzindo discussões acerca de sua própria constituição e função, relativas à época cultural e social de cada período histórico.

Acízelo de Souza (2007, p. 20) afirma que o estudo da literatura não ocorre por meio de apenas uma disciplina, mas há diversas vertentes e distintas entre si: poética, história da literatura, crítica literária, ciência da literatura, retórica e estética.

Apesar dessa diversidade, a disciplina que apresentou uma real mudança na forma em que a literatura era concebida foi a Teoria da Literatura. Souza esclarece que o termo surgiu em meados do século XX e alcançou prestígio com a obra *Teoria da Literatura* de Austin Warren e René Wellek. A partir disso o termo se difundiu e se consagrou, tornando-se o componente que designa atualmente “a disciplina que investiga a literatura” (SOUZA, 2007, p. 21).

A mudança mencionada no parágrafo anterior “consiste numa alteração de métodos, conceitos e propósitos” (SOUZA, 2007, p. 21). Com o objetivo de construir sua própria metodologia, a Teoria da Literatura entrou em conflito conceitual com uma disciplina consagrada no campo dos estudos literários, a história da literatura. Segundo Souza, “assim como esta é a referência oitocentista da área – isto é, predominante nos anos de 1800 –, aquela teve papel análogo nos anos de 1900, cabendo-lhe, pois, a condição de disciplina novecentista por excelência.” (SOUZA, 2007, p. 39). Contudo, o autor acrescenta que, após a fase de glória descrita, a Teoria da Literatura acabou sofrendo uma fase de declínio, após a década de 1990.

A indefinição quanto ao objeto de estudo e a dificuldade de se chegar a um senso comum foi, e pelo que observamos, continua sendo a grande barreira para elevar a literatura, ou qualquer disciplina originada dela, ao status de ciência. A Teoria da Literatura também se deparou com tal problema, mas Acízelo de Souza sublinha que uma corrente de pesquisa – o formalismo russo – “situou essa questão de maneira contundente e programática.” (SOUZA, 2007, p. 50). E, conforme ainda evidencia o autor, tal enunciação foi proferida pelo linguista russo Roman Jakobson¹⁵, que determinou que o objeto de estudo literário da disciplina passaria a ser a “literariedade”, seguindo o modelo estrutural da linguística.

No entanto, a aplicação do método estrutural não obteve, na literatura, o mesmo êxito que na linguística, sobretudo pelo fato de defenderem o princípio de análise imanentista, desconsiderando os fatos externos ao texto. Desse modo, Souza (2007, p. 55) afirma que houve uma reação a essa tendência, ou seja, linhas de pesquisa que “levavam em conta alguns aspectos da literatura irreduzíveis às formas textuais, ampliando suas análises às conexões entre o texto literário e outros processos sociais – ideológicos, históricos, culturais, econômicos, etc” (SOUZA, 2007, p. 55). O autor ainda destaca que:

¹⁵ Em trabalho defendido em 1919.

A valorização dessas linhas se prende a um reconhecimento que vem se generalizando desde fins dos anos de 1960: privilegiar o método linguístico, tendência predominante na primeira metade do século XX, resultou no mérito de superar tanto o impressionismo crítico quanto a superficialidade das orientações positivistas do século XIX; mas o apego intransitivo ao texto, consequência dessa atitude, acabou vedando o acesso a questões da maior importância. Daí o desenvolvimento de novas atitudes metodológicas, cujas análises não pretendem simplesmente desconsiderar o método linguístico, mas partir das insuficiências que ele revela. Tais análises tornam a teoria da literatura permeável a outros métodos de investigação, sobretudo os de base sociológica, antropológica, psicanalítica e histórica. (SOUZA, 2007, p. 55-56).

Considerando a diversidade de correntes de estudo, faremos uma breve descrição de algumas bases teóricas para fins de compreensão de qual o lugar da literatura atualmente, se é que isso é possível. Essa diversidade de orientações, como considera Souza, “deve ser vista como inerente à própria dinâmica dos estudos e pesquisas que, no seu afã de avançar o conhecimento, propõem modelos explicativos sempre aperfeiçoáveis” (SOUZA, 2007, p. 58). Sendo assim, temos as correntes textualistas, de base linguística; as correntes fenomenológicas, de base filosófica; e as correntes sociológicas, de base ético-política.

O primeiro método (textualista) privilegia o texto, propondo o estudo imanente da literatura; o segundo (fenomenológico), influenciado pelos filósofos Edmund Husserl e Martin Heidegger, propõe o estudo poético-reflexivo acerca do poético (subjetivo); o terceiro (sociológico), desempenha ações ético-políticas, fazem parte a crítica existencialista, a crítica marxista, a crítica sociológica e a estética da recepção.

Todos esses métodos, ou correntes, buscaram explicar a literatura e situá-la entre as ciências humanas. Contudo, Terry Eagleton afirma que “a história da moderna da teoria literária é a narrativa do afastamento dessas realidades” (EAGLETON, 2003, p. 270). Ainda segundo o autor, “Esses métodos nada têm de significativo em comum. Na verdade, têm mais em comum com outras ‘disciplinas’ – a teoria linguística, a história, a sociologia, e assim por diante – do que entre si.” (EAGLETON, 2003, p. 271). O que está em jogo é a manutenção de um discurso de que, por mais que nos debatamos, acabamos sendo reféns. Para Eagleton:

Os teóricos, críticos e professores de literatura são, portanto, menos fornecedores de doutrina do que guardiões de um discurso. Sua tarefa é preservar esse discurso, ampliá-lo e desenvolvê-lo como for necessário,

defendê-lo de outras formas de discurso, iniciar os novatos ao estudo dele e determinar se eles conseguiram dominá-lo com êxito ou não. O discurso, em si, não tem um significado definido, o que não quer dizer que não encerre pressupostos: é antes uma rede de significantes capaz de envolver todo um campo de significados, objetos e práticas. Certos escritos são selecionados como mais redutíveis a esse discurso do que outros; a eles dá-se o nome de literatura, ou de 'cânone literário'. O fato de esse cânone via de regra ser considerado razoavelmente, por vezes até mesmo eterno e imutável, tem um sentido irônico, porque como o discurso literário crítico não tem significado razoavelmente fixo, por vezes até mesmo eterno e imutável, tem um sentido irônico, porque como o discurso literário crítico não tem significado definido, ele pode, se assim quisermos, voltar sua atenção a mais ou menos qualquer tipo de escrito. (EAGLETON, 2003, p. 277).

Por meio das considerações do autor podemos dizer que os estudos literários, em graus diferentes de acordo com a vertente defendida, tendem a convergir para a manutenção do cânone literário. Com isso, esquecem-se que há outras maneiras de se falar sobre a literatura ou de produzir literatura, invalidando ou atribuindo juízos de valor a tudo quanto não pertença ao cânone pré-estabelecido. Essa relação de poder, presente no discurso crítico, articula-se em vários níveis, pois,

tem o poder de 'policar' a língua, de determinar que certos enunciados devem ser excluídos por não se conformarem ao que é considerado um estilo aceitável. O poder de policar a própria escrita, de classificá-la de 'literária' e de 'não literária', de perenemente grandiosa e de efemeramente popular. (EAGLETON, 2003, p. 279).

Observamos que o autor critica a forma rotulada de concepção da literatura, esclarecendo ainda que tal resultado possui "amplas implicações institucionais" (EAGLETON, 2003, p. 292). São os departamentos das Instituições de Ensino Superior que disseminam e separam "a 'literatura' implícita e efetivamente de outras práticas sociais e culturais." (EAGLETON, 2003, p. 293). Isso nos faz pensar em quais são os elementos que constituem uma obra literária, além daqueles que o cânone determina. Se não temos todas as respostas à questão levantada, reconhecemos na cultura uma fonte de possibilidades. Isso significa aceitar que a literatura também possui a função ideológica de mostrar a realidade.

Outro fator importante é entender o papel da linguagem nesse contexto. Roland Barthes considera que a literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder, para ele o ser humano pressupõe que todas as suas ações se direcionam para um mesmo caminho: a busca pela liberdade. Com isso, se considerarmos que

essa liberdade se opõe ao poder a que se submete, em se tratando da linguagem não é possível ser livre. A saída, pois, é utilizar uma fuga linguística, uma trapaça utilizando a própria língua: “Essa trapaça, salutar, essa esquiva [...], eu a chamo, quanto a mim: literatura” (BARTHES, 1978, p. 16).

Barthes (1978) também afirma que a literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas, ou seja, a literatura é livre para conferir novos significados às palavras. De modo semelhante Antonio Candido entende que:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p. 53).

No excerto acima observamos que Candido considera a linguagem o elemento essencial de uma obra literária, pois é capaz de determinar a sua literariedade. Esse elemento, Barthes classificou como linguagem literária, pois possibilita uma nova existência para as coisas representadas, sem, contudo, perder o vínculo com a realidade natural. A literatura permite a criação de novos universos, mas isso somente é possível pela ótica do escritor/autor. Sendo assim, podemos dizer que a literatura é vinculada à realidade, entretanto, escapa-lhe por meio da estilização de sua linguagem. Em relação a isso Marisa Lajolo salienta:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1981, p. 38).

Semelhante a Candido, Lajolo também observa que a linguagem é um elemento determinante na identificação de uma obra literária. Isso pode ser relacionado à função humanizadora que a literatura exerce no homem. Nesse sentido Antonio Candido (1972) identifica três funções desempenhadas pela literatura: a função psicológica, a formadora e a social. A primeira refere-se à capacidade e necessidade que o homem tem de fantasiar, no entanto, as fantasias

expressas pela literatura são um espelho da realidade, não se trata de um ato desprezioso. Para Candido, a partir dessa ligação com o real a literatura passa a exercer a função formadora, conforme podemos observar no trecho abaixo:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe. (CANDIDO, 1972, p. 805).

Na citação acima Candido evidencia o poder que a literatura exerce na formação humana. Nesse sentido, podemos perceber que essa ciência tem ocupado um lugar de destaque na vida do homem moderno, contudo, há controvérsias quanto ao modo como o trabalho com a literatura é conduzido, principalmente pelas Instituições de Ensino. Isso nos leva a pensar sobre a terceira função (social), que trata da forma como o sujeito/leitor é representado na obra literária; e, ainda, como a realidade do universo experimentado e vivido é transposta para a ficção.

Nesse sentido os Estudos Culturais se tornaram uma importante corrente de estudo para dar conta de questões que envolvem poder e autoridade nas relações com a alteridade. A ampliação do significado de cultura – do nível do texto e da representação subjetiva para as práticas vividas – permitiu, também, que o sentido de tais análises se ampliasse. No momento em que os Estudos Culturais se voltaram para as formas de expressão culturais desvinculadas do modelo eurocêntrico, ocorre a descentralização da legitimidade cultural. Em contrapartida, as culturas populares alcançam legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica.

Um importante pensador que se propôs a discutir essas questões na contemporaneidade é Kwame Anthony Appiah. O autor defende que:

A cultura pós-moderna é a cultura em que operam todos os pós-modernismos, ora em sinergia, ora em competição; uma vez que a cultura contemporânea [...] é transnacional, a cultura moderna é global – embora isso não signifique, de maneira nenhuma, que ela seja a cultura de todas as pessoas do mundo. (APPIAH, 1997, p. 201).

Para o autor há uma nítida distinção entre a cultura contemporânea e moderna, e ainda acrescenta que “Entender dessa maneira os vários pós-modernismos é deixar em aberto a questão de como suas teorias da vida social, cultural e econômica contemporânea se relacionam com as práticas efetivas que constituem essa vida” (APPIAH, 1997, p. 200). Assim como pudemos observar em Appiah, a compreensão efetiva desses fenômenos torna-se possível por meio da relação entre a teoria e a prática. Essa questão, na literatura, corresponde à discussão em torno dos problemas da representação.

Regina Dalcastagnè destaca que isso corresponde ao “espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocamos” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 78). A autora ainda enfatiza que as questões correlatas de legitimidade e autoridade também são discutidas na representação literária:

Tudo isso se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério. (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 78).

Para dar conta desse tipo de viés literário a poesia oral seria uma grande aliada, caso não tivesse sido relegada ao status da minoridade pela literatura escrita canonizada. Alguns autores – como, por exemplo, Paul Zumthor – tem demonstrado a importância de se legitimar essa corrente de estudo, pois a literatura escrita por si só não tem conseguido atender as demandas da contemporaneidade. Segundo Frederico Fernandes (2007, p. 25) “a poesia oral necessita de um direcionamento que a (re)coloque na berlinda da teoria literária, para que o valor poético iminente em seus textos possa ser investigado à luz de uma disciplina artístico-cultural”.

A poesia oral permite que pesquisadores da área vinculada à literatura possam realizar trabalhos que envolvam o contato com “outro”, já que esse tipo de trabalho só teve legitimação quando realizado pela Antropologia. Mas para que essa legitimação aconteça de fato a literatura precisa de despir dos muitos preconceitos em relação àquilo que deve ou não ser considerado literatura. É necessário repensar o cânone, pois, conforme enfatiza Rita Terezinha Schmidt:

Se os textos literários institucionalizados como canônicos foram decisivos para a figuração da nação ao promover modelos de identificação e subjetivação coletiva compatíveis com o princípio da horizontalidade de pertencimento e assim, dar sustentação estético-ideológica à história da comunidade imaginada, atualmente a recuperação de textos marginais problematiza essa história com a pergunta: história imaginada por quem? (SCHMIDT, 2010, p. 159).

Com isso, chegamos a uma questão importante para a discussão proposta neste trabalho: em que medida as questões levantadas a respeito da Antropologia e da Literatura influenciaram a narrativa de Ruy Duarte de Carvalho? Em busca dessa resposta seremos conduzidos à última parte deste capítulo, em que procuraremos situar a narrativa de Duarte dentro de áreas do conhecimento paralelas, como é o caso da Literatura e da Antropologia.

3.3 Sobre o lugar incerto da narrativa de Ruy Duarte de Carvalho...

O estudo da narrativa de Ruy Duarte de Carvalho mostra que é preciso disposição para ser um desbravador, pois implica percorrer caminhos quase nunca trilhados. Como já foi mencionado em momentos anteriores, a existência de trabalhos sobre sua produção narrativa ou poética é extremamente pequena, e, no Brasil esse número é ainda mais reduzido. A obra *Vou lá visitar pastores* (2000) tem sido objeto de poucos estudos, pois, além de não ter edição atual no Brasil, em Portugal está com a edição esgotada. Tudo isso contribui para que o autor e a sua obra permaneçam no anonimato. Sendo assim, os apontamentos feitos neste trabalho são fruto das percepções de uma consciência quase solitária.

Contudo, esses fatores não são razões de desmotivação, pois a sensação de estar abrindo caminhos legítimos de análise é muito instigante e desafiadora. A obra *Vou lá visitar pastores* é de natureza bibliográfica indefinível, sendo visivelmente reconhecido o seu caráter antropológico. Também é inquestionável seu valor literário, fruto das intersubjetividades do autor em inúmeras passagens do livro. Além disso, há também o narrador, que mais parece um conselheiro, preocupado com as supostas concepções ocidentais que seu amigo jornalista possa trazer na bagagem: “Mas serve-te primeiro do que eu te vier a dizer para tentares apreender a

realidade empírica que esta viagem te vai colocar concreta e à frente” (CARVALHO, 2000, p. 104).

Podemos dizer que a produção da obra *Vou lá visitar pastores* contempla o projeto de uma tendência moderna globalizadora. Nesse tipo de projeto, a literatura precisa exercer uma função social que contemple a realidade, não apenas dos povos em evidência, mas também daqueles que vivem à margem. Desse modo, identificamos o esforço de Ruy Duarte de Carvalho em mostrar tal realidade, visto que os livros de história e de literatura tendem a mascarar a verdade sobre a dominação. Um exemplo disso é a história que Duarte transcreve para o amigo jornalista:

Quando os Brancos chegaram ao Vale do Kuroka encontraram aí esse a quem hoje chamamos Kurokas, saídos dos antigos Kwepe. Para ocupar esses terrenos, os Brancos pediram ao soba deles, o Mulukwa, se podiam cultivar umas plantinhas aí, um terrenozito assim. O Mulukwa disse está bem, experimenta. E o Branco plantou o algodoeiro, pitanga e não sei mais quais os outros paus, foi embora, ficou só o empregado a tomar conta, o patrão foi buscar a guareta de aguardente. O Mulukwa, o patrão quando vinha era amigo dele, trazia-lhe as coisas, faz de conta era o troco, e ia afastando o terreno e plantando sempre à frente e de cada vez paga era aquela guareta de aguardente e uns panos de fazenda, o Mulukwa foi deixando o homem alargar e assim o homem chegou de receber já a metade do terreno todo. (CARVALHO, 2000, p. 61).

Observamos que o autor desenvolve um trabalho em que é nítido o seu engajamento em uma tendência literária comprometida com a função social. Walter Benjamin chama isso de “tendência política correta, que determina a qualidade da obra” (BENJAMIN, 1994, p. 121). A crítica de Benjamin dirigia-se à figura do autor como produtor dentro de um regime fascista, mas que pode ser perfeitamente aplicado ao projeto colonial na África. Sendo assim, temos a evidência do lugar que a obra de Ruy Duarte ocupa na Literatura, pois ele foi o primeiro autor a olhar para o Sul de Angola e revelar as vozes que, antes, foram condenadas ao esquecimento pela sociedade angolana.

O autor adotou um estilo transumante, sem se preocupar com métodos ortodoxos. A viagem sempre foi o seu combustível, a sua motivação, mais pessoal que acadêmica para desenvolver um trabalho que foi além dos limites intelectuais e tornou-se também o seu projeto de vida: “porque na vida é como uma viagem e o mundo, afinal, é igual por toda a parte...” (CARVALHO, 2008, p. 121). Na viagem de

sua escrita soube exatamente o lugar que queria ocupar, pois para ele há casos de livros que:

Resultam das paixões viajeiras de devoradores de espaços. Para estes, é o indizível da viagem que o conduz à literatura, e assim se sujeitam a um debate constante contra o texto que produzem porque este, ao escrever-se, não cessa de se fechar sobre si mesmo, e eis o viajante obrigado a dominar a forma, a encadear as imagens, a ordenar os conceitos, e a situá-los, quando para ele um texto é precisamente aquilo que não pode ser reduzido a contextos. (CARVALHO, 2008, p. 122).

Então, talvez impulsionado pela constante indagação sobre a origem da sua narrativa, se literatura de viagem ou relato etnográfico, produz profundas reflexões acerca de convenções acadêmicas que insistem em determinar o exato lugar de cada conhecimento, como se isso fosse possível:

Viagem e literatura andam juntas desde a confirmação desta, e a etnografia é da viagem que nasce. Retomando o curso da conversa diria ainda que a etnografia, fundada pela viagem, se instaura quando a exploração se detém, quer dizer, cessa a travessia e se instala a estadia sem que ainda se anulem nem as vertigens nem as tentações da viagem. A ficção da viagem. Porque de ficção se há de sempre tratar, se da viagem resulta um livro. (CARVALHO, 2008, p. 122).

Constatamos, de acordo com Duarte, que se torna inútil tentar separar a realidade da ficção, ou fazer juízos de valor sobre que tipo de narrativa pode ser considerada mais ou menos literária de acordo com o seu caráter criativo; fica evidente que, na prática, essas convenções se esvaziam. Conforme o autor, não há viagem sem ficção, o que importa é que a obra seja usufruída, mesmo que para “isso tenha que passar por um acordo entre o autor e o leitor, como se de livro de ficção não se tratasse.” (CARVALHO, 2008, p. 122). Ainda poderíamos acrescentar que a viagem segue seu curso à revelia das convenções.

Além disso, podemos inferir que a narrativa de Ruy Duarte é fruto da viagem, pois verificamos que, conforme já afirmou Walter Benjamin (1994), o viajante tem muita história para contar. Sendo Duarte a testemunha de histórias outras, por meio das inúmeras viagens pelo deserto do Namibe, fez delas “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1994, p. 205) com o mundo. Nesse sentido, o ‘outro’ se impõe como produtor e não como produto da narrativa, que “não está interessada em transmitir o ‘puro de si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório.”

(BENJAMIN, 1994, p. 205). Vejamos um exemplo disso no trecho de *Vou lá visitar pastores*:

Já tinha clareado e seguíamos agora atentos a atividade de uns passarinhos, volumosos de penas mas de pernas tão finas que o corpo que tinham não poderia deixar de ser um muito mínimo, afadigados à volta das moitas de capim que bexigam o chão de areia, a recolher com os bicos, nos vértices da inserção das folhas, o orvalho que a noite ali gerou, e é essa a água que lhes basta à vida, quando ouvimos o motor de um carro que vinha do lado de Moçâmedes (CARVALHO, 2000, p. 113).

A sensibilidade da narração foge àquilo que deveria ter sido, tão somente, uma descrição do tempo de espera por ajuda para o conserto do carro, no meio do deserto. Essas são as marcas impressas na narrativa de Duarte, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Tais marcas de sensibilidade e técnica fazem que sua escrita alcance um alto nível de sofisticação, tornando-se impossível considerá-lo um puro relato etnográfico. Subjaz no texto o caráter literário, que emerge da riqueza dos detalhes e da singeleza das formas.

Nesse sentido, observamos a influência de um grande escritor brasileiro (Guimarães Rosa), citado pelo próprio autor em seu livro de ensaios *a câmara, a escrita e a coisa dita...* (2008). O autor afirma que por meio da leitura de Guimarães Rosa desenvolveu “um enorme e definitivo respeito pela literatura” (CARVALHO, 2008, p. 14), e as percepções oriundas dessa leitura perdurariam pelo resto de sua vida, acabando por “urdir-se a partir da escrita e para a escrita” (CARVALHO, 2008, p. 14).

O autor comenta que a escrita de Guimarães possui um poder de persuasão tal que foi necessário evitar a sua leitura em períodos de escrita pessoal, conforme esclarece:

Mesmo sem recorrer às maneiras mais evidentes que são as suas, ou mesmo evitando-as, até, a sua maneira de escrever, a estrutura da sua sintaxe, é também uma maneira de pensar e fica-se, lendo-o, a tender para pensar também assim..... e a escrita que houver acabará por remeter à dele..... creio até que o próprio GR, se continuasse ainda hoje a escrever, não haveria de querer reler-se quando em tempo de escrita..... (CARVALHO, 2008, p. 16).

A força dessa influência devia-se ao fato de que Duarte encontrava na escrita de Guimarães um tipo “de ficção adequado à geografia e à sua substância humana”

(CARVALHO, 2008, p. 13), algo que lhe suscitava grande identificação. Ele conta que seu contato com a obra de Rosa ocorreu em 1961, tendo-lhe envolvido de variadas maneiras desde esse tempo:

Já nessa altura, e há muito tempo, as paisagens em que me reconhecia e a que a minha emoção respondia, que activavam a minha emoção, não eram aquelas onde nasci e mal conheço e me reconheço, eram as que dinamizavam e dinamizam até hoje o potencial e o espectro da parte emotiva da minha relação com as paisagens..... é por essas paisagens e pelas emoções que suscitam que afiro desde sempre as paisagens do resto mundo..... e nas paisagens que GR me descrevia eu estava a reconhecer aquelas que me eram familiares..... já porque de natureza a mesma que muitas das paisagens de Angola – e em algumas das paisagens de Angola eu reconhecia aquelas, enquanto lia – já porque a gente que ele tratava, gente de matos e de grotas, de roças e capinzais, era também, em Angola, aquela com quem durante muitos anos andei a lidar pela via do ofício e do viver. (CARVALHO, 2008, p. 13).

As considerações acima mostram que Ruy Duarte já possuía uma íntima ligação com a literatura, que antes ainda de Guimarães Rosa havia sido plantada e cultivada pela leitura que fez de José Luandino Vieira. Este, além de outros autores, foi a causa da tomada de consciência, que, conforme o autor, foi responsável por sua conversão à condição de angolano. Sendo assim, podemos dizer que Duarte agregou aspectos literários ao seu trabalho antropológico, criando seu estilo único de escrita. Nesse sentido, sua combinação interdisciplinar resultou em um hibridismo científico pouco comum, mas perfeitamente possível.

Para tanto o autor precisou dar-se “a um exaustivo labor” (CARVALHO, 2008, p. 22), pois se sentia inquieto de ver que pessoas de uma cultura tão distante da ocidental ou ocidentalizada agiam de modo tão diferenciado em relação à razão dominante. Isso o levou a fazer muitas travessias, tanto no espaço geográfico quanto no texto:

Partindo da poesia e entrando pela antropologia adentro pela ponte do cinema, deixando que a antropologia, por sua vez, me catapultasse para a ficção que ando finalmente a arriscar..... e se foi a poesia, passando pela ponte do cinema, que me transportou à antropologia, à apreensão fundamentada no conhecimento dito objetivo disponível sobre a substância humana com que a vida me implicou, foi de fato a antropologia – embora sem programa prévio mas sempre como via, também, de expressão e de intervenção – que me transportou à ficção (CARVALHO, 2008, p. 22).

As travessias da escrita de Ruy Duarte, pelo que se pode observar, cruzavam-se constantemente com a literatura, a começar pela poesia. Contudo, seu desejo de produzir falas locais sem correr o risco de sucumbir a imitações ou reduções – pois se assim fosse “correriam sempre o risco de não chegar a ser voz” (CARVALHO, 2008, p. 23) – fez com que ele encontrasse na antropologia o acesso a tal possibilidade de entender o que “poderia passar-se na cabeça e no coração de personagens determinadas – em termos de cultura – por lógicas, conceptualizações e representações que não exactamente as que determinavam o curso do mundo” (CARVALHO, 2008, p. 23) que predominantemente o envolviam.

Ana Paula Tavares comenta que o fato de a escrita de Ruy de Duarte parecer estar em constante movimento (trânsito) causa no leitor a sensação de estranhamento porque se encontra, segundo a autora:

Relacionada com a estratégia analítica a permitir formular as razões do cinema e as suas relações com a poesia, a tradição oral, o filmador e o filmado. É a abertura do texto ao mundo circundante, fazendo uso de todo o conhecimento para construir uma gramática das inquietações e elaborar uma obra que reconhecemos ímpar na maneira original como ainda hoje nos interroga, ausculta e esclarece. (TAVARES, 2012, p. 192).

É possível identificar o profundo envolvimento do autor com o universo narrado, pois ele assume, assim como também afirma Tavares (2012, p. 192), “a consciência dentro do texto”. Nesse sentido, “escreve as circunstâncias inquietantes que vê e de que é informado e que o levam a produzir ‘mais do que honestos relatórios’ a seduzir pela escrita os eventuais consumidores do seu texto.” (TAVARES, 2012, p. 192). Podemos inferir que a sedução descrita pela autora pode ser fruto da harmoniosa combinação entre a literatura e a antropologia, resultando em um gênero singular e inquietante.

Sendo assim, é natural que o reflexo do sujeito que praticou o dever cívico e social em sua trajetória de vida seja também evidenciado em sua obra. Ou seja, sua história é a de alguém que viveu intensamente o que escreveu e escreveu eticamente o que viveu. Autores com tal potencialidade têm o poder de produzir o encantamento em quem se propõe a lê-los buscando o entendimento nos níveis mais profundos da escrita. Tudo isso devido à consciência de um projeto literário em que se manteve ativo de modo pretensamente criativo, “tanto no domínio da

expressão literária como no dos desempenhos profissional e cívico” (CARVALHO, 2008, p. 25).

Desse modo, verificamos que o projeto literário em que Ruy Duarte se viu envolvido durante, praticamente, toda a sua vida reflete a profundidade do espírito do próprio autor. Tendo sido um itinerante no espaço geográfico, transportou para o discurso tal característica de sua própria personalidade. O resultado foi uma obra de ficção enriquecida com o conhecimento da antropologia/etnografia e/ou uma obra etnográfica com a sensibilidade da literatura, e, ainda, apimentada com sua crítica social:

A memória do passado colonial será, em todos os casos de figura, e muito particularmente a partir de suas inevitáveis reelaborações e reformulações – que são obrigatoriamente trabalho de elites e logo assim nelas cabendo também a literatura e as outras artes modernas – uma memória de conflito, do conflito. A memória do passado colonial mesmo a constituir-se, por esta via, como memória estruturante. É o conflito colonial que estrutura, justifica e legitima o devir dos estados-nação que a colonização produziu, por mais decepcionante e conflituoso que ele venha a revelar-se, e o poder fará tudo ao seu alcance para que assim seja e continue a ser. É a própria ruptura, que a memória do passado colonial pressupõe e impõe – e isso é muito evidente nos registos da literatura – que cria as condições capazes de assegurar uma insidiosa perpetuação dos códigos de ruptura assim instaurados. (CARVALHO, 2008, p. 71).

O autor direciona sua crítica às políticas culturais que, em Angola, traduzem-se mais “por um processo de aculturação [...] como um quadro admitido de assimilação do que como a garantia de um espaço de revelação para as memórias individuais ou colectivas que integram o território” (CARVALHO, 2008, p. 72). Nesse contexto, Duarte ainda afirma que o país carece de “uma memória histórica comum a toda a nação” (CARVALHO, 2008, p. 72). E, assim, a literatura nacional do país também contribuiu para a manutenção desse quadro, diferente de sua própria produção literária; visto que, conforme relata, tentou “trazer para os terrenos do consumo da escrita, as memórias ‘nacionais’ que não exatamente a das ‘elites nacionais’.” (CARVALHO, 2008, p. 72, grifos do autor).

Por tudo isso, podemos dizer que a obra de Ruy Duarte de Carvalho instaura um novo gênero: híbrido, moderno e despojado das amarras convencionais. Seu compromisso sempre foi com a alteridade, seu projeto literário contribuiu para o estabelecimento de uma nova literatura nacional em Angola, evidenciando vozes e saberes ignorados até então. E, sendo assim, não importa em qual prateleira das

bibliotecas sua obra ocupará: se literatura, antropologia, sociologia; o que importa é que continuará a influenciar e alterar percepções sobre a história africana.

4 VOU LÁ VISITAR PASTORES: E A NARRATIVA ACONTECE...

E ao longe, lá, brilhava a fogueira de um *sambo* distante.
 Seria o pastor da minha ficção ou antes talvez, agora
 e na hora em que o dia raiava, alguém no exercício
 apenas da sua honesta e rude transumância,
 e o resto é poesia?

Ruy Duarte de Carvalho (2000)

A obra *Vou lá visitar pastores*, de Ruy Duarte de Carvalho, é uma narrativa construída pelo contato direto com o outro. Expõe a realidade de um povo em um contexto histórico e geográfico específico, atravessado pela diversidade de etnias, línguas e tradições. Com isso, a guerra não é a única, mas certamente é a principal vilã do cenário de crises e misérias vivido pelos angolanos. Nesse quadro de incertezas e contradições a literatura encontrou seu lugar, tornando-se uma grande aliada no projeto de construção e institucionalização da Nação. Um dos autores contemporâneos que se enquadra nesse grupo é Ruy Duarte de Carvalho, sendo sua obra *Vou lá visitar pastores* um ótimo exemplo disso.

Observamos que essa narrativa constitui-se de um relato apurado, baseado no longo trabalho de pesquisa antropológica realizada por Ruy Duarte, sobre os pastores kuvale, desde meados de 1990. Os dados reproduzidos no texto são selecionados, sistematizados e classificados etnograficamente, revelando um espaço enigmático. Além disso, decifra um universo de percepções, sentimentos, causalidades e relações que mostram um outro modo de estar no mundo. A obra divide-se em quatro partes: *Memórias, colocações / Viagens e encontros: figuras / Etnografias, torrentes / Decifrações, desafios*; o livro também traz um *post-scriptum* e um glossário, além de ilustrações internas e mapas que revelam o esforço do autor em nos apresentar esse mundo desconhecido da maneira mais clara possível.

Desse modo, percebemos que todos os elementos que compõem essa obra são cuidadosamente pensados, o título e cada uma de suas partes antecipa a inquietação confirmada pelo leitor na leitura de cada página do livro. Também se confirma a impossibilidade de catalogação, pois, mesmo após a leitura, continuamos sem conseguir defini-lo por antropológico ou literário. É fato que temos um ensaio antropológico criteriosamente elaborado; contudo, o olhar etnográfico não parece ser a base da narrativa, mas sim a preocupação do autor em ir muito além da simples descrição do outro. Esses pastores foram o foco da atenção de Duarte por toda a

sua vida, e o levaram a produzir diversas publicações. A partir de *Vou lá visitar pastores* (2000) Ruy Duarte começa a introduzir elementos ficcionais em suas narrativas, afastando-se um pouco dos textos produzidos pelas ciências sociais no mesmo período. A força da linguagem poética que emerge em muitas passagens sugere outras dimensões literárias, podendo ser visto como um poético relato de viagens.

O caráter ficcional já pode ser observado logo no início do livro, quando o autor informa que a obra resulta do seguinte fato: "Estava previsto acompanhar-me, para se inteirar da terra e das gentes, e olhar para Angola a partir dali, um amigo meu, fixado em Londres e repórter da BBC." (CARVALHO, 2000, p. 11); no entanto, o amigo acabou se atrasando e Duarte seguiu sozinho, mas, como ainda havia a possibilidade do amigo vir a chegar, resolveu gravar fitas com dados que seriam úteis em seu contato com o espaço a ser visitado. Da transcrição dessas fitas resultou o livro, cujo propósito é orientar a travessia por terrenos há muito percorridos por Ruy Duarte, como podemos confirmar neste trecho:

Fui-lhe por isso deixando cassetes com a gravação do que contava dizer-lhe pelo caminho. Era a maneira de ajudá-lo, mesmo assim, a alargar o contacto com o que buscava. Não chegou a aparecer e mais tarde transcrevi essas cassetes. Divulgo agora os salvados, são a viagem do texto. (CARVALHO, 2000, p. 11).

Em relação à composição do texto, a leitura aparentemente fácil se transforma em armadilhas para o leitor desatento, pois, visto que o texto literário, por ser a representação de um diário de viagem, tem na sua forma o movimento e a aridez do deserto representados na economia e precisão das palavras. Desse modo, as palavras e expressões escolhidas trazem em si a potência criadora de Ruy Duarte, revelando outros sentidos, ou seja, o diário de viagem do antropólogo extrapola a função etnográfica e se abre para a representação artística. Então, para o leitor que deseja se aprofundar na leitura dessa e de outras obras de Duarte, a resposta é desconfiar da simplicidade aparente:

De projetos que se urdem mas é para não cumprir, do meu arsenal consta um longo poema para desenvolver paralelo a esta sinfonia. Ao primeiro acorde do primeiro andamento corresponde o acordar do poeta no meio de tal paisagem, naquela exata encosta. O poeta acorda, possui-se do que vê. As frases musicais constituem-se como referências sólidas, concretas, palpáveis, volumes, acidentes, aquela pedra que eu sei que guarda água,

ao longe aquele declive que eu sei que leva ao sal, aquela escassa sombra que me abrigou na infância, essa remota dobra, na distância, que me ensinou a desdobrar o ser, a experimentar sem estar, ubíquo, perdido para o mundo do tino comum. (CARVALHO, 2000, p. 111).

No belíssimo trecho transcrito o autor propõe a leitura do texto como se fosse uma sinfonia, pois esta possui quatro partes, assim como são quatro as partes do livro. A palavra sinfonia indica a leitura pela musicalidade, pois só os que sabem ouvir poderão ler a poesia nas entrelinhas do texto; o que sugere a necessidade de uma grande sensibilidade. As fitas são transcritas e tornam-se uma das fontes literárias para a composição do ensaio/romance, assim o leitor é convidado a percorrer o Sul de Angola guiado pela palavra, por esse espaço ficcional remodelado pelo olhar do autor/narrador.

4.1 Sobre memórias e colocações...

A primeira parte do livro (*Memórias, colocações*) possui oitenta e três páginas que relatam antecipadamente os pormenores da fase inicial da viagem percorrida por Ruy Duarte de Carvalho, começando no Namibe. Essa viagem, ocorrida no território e no discurso, vai tratar da movência, da transumância. O autor segue rumo ao interior do Sul de Angola, parte territorial completamente esquecida pelo centro urbano.

Duarte considera os possíveis passos da viagem que seu amigo jornalista (Filipe¹⁶) fará desde a sua suposta chegada à cidade do Namibe (centro). Com o objetivo de situá-lo na realidade do povo que irá observar, Ruy Duarte segue descrevendo um panorama geral da paisagem, das pessoas, da geografia. Tudo isso com a intenção de apresentar-lhe os pastores Kuvale, conforme relata: “A viagem que vamos fazer vai revelar-te que os Kuvale constituem uma sociedade pastoril acionada por instituições comuns a muitas outras” (CARVALHO, 2000, p. 22).

Inicialmente, a partir de suas próprias memórias, descreve-os, pois considera que o primeiro contato do jornalista com esse povo ocorrerá na cidade, sendo assim, é preciso que ele esteja preparado para assimilar as primeiras impressões sem se

¹⁶ O autor somente revela o seu nome na obra *Os papéis do inglês*: “Então avante, tenho dez dias à minha frente, fará de conta agora que são e-mails, como foi da outra vez com as cassetes para o Filipe, nos *Pastores...*” (CARVALHO, 2007, p. 24).

deixar influenciar pelas informações locais que ouvirá: “é, evidentemente, redutor e leviano quase tudo o que vais ouvir acerca deles da parte das pessoas com quem contatarás na cidade” (CARVALHO, 2000, p. 24). Ao longo das gravações das fitas o autor vai desenhando o teatro da sua aplicação, segundo ele mesmo afirma na primeira página, intitulada *Namibe (Moçamedes): onde há uns que dão nas vistas*. Cabe a ele, então, descrever o cenário e as personagens.

Conforme aponta Ana Lúcia Tettamanzy, a “complexidade e o movimento da vida contemporânea são capturados a partir de recursos próprios da ficcionalidade, posto que os atores são inscritos em enredos, por sua vez assentados em condicionamentos espaço-temporais.” (TETTAMANZY, 2012, p. 7). Ao descrever o Mercado da Nação, antes de falar dos pastores, Ruy Duarte tenta situar o leitor naquele espaço que não é próprio do cotidiano dos Kuvale. Naquele lugar a miséria dita regras de comportamento àqueles que frequentam o Mercado. Com os pastores não é diferente, pois suas idas ao Mercado geralmente ocorrem para realizar trocas com a carne que destinam para esse fim, principalmente pela farinha (matéria-prima básica à alimentação do grupo). Porém, o comportamento deles geralmente não deixa boas impressões:

Estes são homens quase sempre novos e vais encontrá-los em grupos, passeando muitas vezes de mão dada, frequentemente embriagados e seguidos por mulheres igualmente jovens, gente que dificilmente verás andar com pressa. A passada firme e larga, mas nunca acelerada, está reservada para as impressionantes jornadas que cumprem quando viajam. (CARVALHO, 2000, p. 21).

O autor justifica o comportamento dos pastores, esclarecendo que isso ocorre devido à situação, mas não traduz o que eles são de verdade junto de seu povo, espaço e cultura. É preciso conhecê-los em seu habitat para compreendê-los, pois possuem uma singularidade “que acaba por ser insularidade” (CARVALHO, 2000, p. 22). Isso faz dos Kuvale um povo diferente, e é justamente pela diferença que são discriminados. Para Ruy Duarte “Muitas destas imputações desabonatórias dirigidas aos Mucubais¹⁷ são afinal as que, por todo o mundo e desde a Bíblia, estigmatizam as sociedades pastoris e todas aquelas que se fundamentam na mobilidade as suas estratégias de vida.” (CARVALHO, 2000, p. 25).

¹⁷ O mesmo que Kuvales

A despeito disso, observamos que o autor não se detém apenas na descrição comportamental da sociedade Kuvale, mas aproveita para fazer uma crítica muito perspicaz ao mostrar as razões de eles não serem aceitos pela sociedade civilizada:

Os pastores são unanimemente acusados de independentes, pouco controláveis, pouco dóceis, pouco respeitadores das autoridades, turbulentos, bandidos, preguiçosos, avessos tanto ao trabalho agrícola como ao trabalho assalariado e público, rebeldes à escolarização, vítimas de arcaísmo cultural, de estagnação e de imobilismo, e, sobretudo, estão sempre prontos a roubar gado. De fato, onde quer que existam, eles encostam em vizinhos e acham-se sempre mais ou menos integrados em configurações político-administrativas que de uma maneira geral tendem a contrariá-los, a deplorar a sua existência e, inevitavelmente, a pressioná-los no sentido da alteração do seu modo de vida, da sua mobilidade, da sua fluidez, da sua inapreensibilidade, enfim. Esta atitude por parte da sociedade moderna e sedentarizada é facilmente compreensível. Ela inscreve-se no curso das complexificações e das expansões civilizacionais que dominam e acionam a aventura humana voltada em toda parte para a intensificação localizada do aproveitamento de recursos, naturais ou tecnológicos. (CARVALHO, 2000, p. 26).

No excerto acima percebemos que a lógica da dominação não consegue obter resultados com os Kuvale, assim como ocorreu com inúmeras outras etnias em África. E, pela incapacidade de ocidentalizá-los, estigmatizam-nos e desprezam-nos, transformando-os em figuras exóticas:

Por isso vão ainda assim servindo para ilustrar algumas festividades na capital da Província ou mesmo em Luanda e de vez em quando chega ordem para constituir um grupo folclórico de Mucubais que, acionados a vinho, se irão exhibir perante públicos desdenhosos e complacentes. A televisão filma e é essa a imagem que os Kuvale candidamente permitem que a seu respeito seja divulgada por todo o país. [...] Isto de voluntarismos folclóricos passa a ser também uma violência quando, a coberto de necessidades de afirmação cultural e de cultos políticos que recorrem à tradição, se propõe a reabilitação de um passado quando o que afinal se exhibe é antes a representação viciada a que o presente reduz esse passado. Resulta quase sempre em mascarada. (CARVALHO, 2000, p. 29).

O resultado de tudo isso são sujeitos postos à margem da História, objeto de identificações estereotipadas e superficiais, como no caso descrito. No entanto, o que Ruy Duarte esclarece é que os Kuvale possuem identidade: são pastores da província do Namibe; são Hereros, grupo etnolinguístico originário do banto; são sobreviventes de um longo período de guerras e de marginalização. E que, apesar de tudo isso, conseguem manter vivos os rituais e os costumes de sua cultura

ancestral, o que não os impede de interagir e conviver harmoniosamente com a sociedade angolana dita “moderna” e “civilizada”.

Até essa fase das gravações das fitas cassetes Ruy Duarte está ainda no Namibe, e descreve a imagem do povo Kuvale no contato com a diferença, conforme já deixa pistas no subtítulo “onde há uns que dão nas vistas”. É um povo que se distingue dos demais, e este é também um motivo de exclusão. Porém, podemos observar a superioridade dessa sociedade considerada incivilizada frente à “civilizada”. O autor consegue mostrar claramente essa distinção, e ainda, a suposta ingenuidade dos Kuvale somente agrega mais valor à sua cultura. Isso será ratificado na sequência da análise, pois observaremos que é esse quesito um dos principais mantenedores da riqueza tradicional desse povo.

Também nessa primeira parte do livro o autor sugere que o seu interlocutor, antes de partir para o deserto, passeie no Bero¹⁸ e pelo Kuroka¹⁹ para ensaiar uma colocação dos Kuvale por meio do ponto de vista histórico. Apesar de parecer uma parte um pouco cansativa, pois descreve com detalhes nomes e datas de uma realidade muito distante, veremos que é desse passado que resulta o presente dessa sociedade grupal: “Tudo começa a partir daqui e o mínimo que posso dizer-te é que começa mal.” (CARVALHO, 2000, p. 37).

No Bero a História confirma o porquê da fama que acompanha os pastores até o presente. Eles tiveram suas melhores terras espoliadas, além de terem sofrido toda sorte de punições. Duarte descreve as guerras tribais não como simples atos de incivilidade, mas como consequência da própria intrusão dos brancos, que os influenciavam a formar alianças para proteger seu povo. Segundo o autor, “as populações que hoje se entendem como Kuvale viveram sob uma pressão contínua, que incidia directamente sobre sua forma de subsistência, a sua prática de vida, a sua relação com o meio.” (CARVALHO, 2000, p. 53).

Para entender a viagem, Duarte leva o leitor ao Kuroka para percorrer um trajeto de conhecimento étnico:

É no Kuroka, onde te estou a levar, que tudo isto me desfila à frente como uma super-produção desenrolada num décor que é o de uma paisagem entre todas imemorial. Mas eu quis transportar-te ao Kuroka, insisto, para te

¹⁸ Pequeno vale de potencial produtivo localizado à margem do Rio Bero, parte do território Kuvale.

¹⁹ Vale localizado à margem do Rio Kuroka, parte do território Kuvale. Habitado pelos Kurokas (especificação de um determinado grupo étnico Kuvale).

situar no presente e, não vamos perder de vista, num presente Kuvale. Ora um presente Kuvale não deixa de ser um presente herero, se bem que a maioria das populações actuais de língua e de cultura herero habitem território que é hoje namibiano, com extensões no Bostwana, e tenham vivido processos históricos diferentes do nosso. E no entanto julgo que também a ti, no Kuroka, se tomará evidente que as especificidades históricas não anulam as contiguidades geográficas, que estas determinam equivalentes relações com o meio, e que destas relações resultam ou emergem, a par da incidência de outros fatores, evidentemente, contiguidades culturais que por sua vez confirmam ou estabelecem processos de identificação étnica. (CARVALHO, 2000, p. 68).

É possível perceber a preocupação de Ruy Duarte em preparar quem o lê para a aventura que se abre à sua frente, pois, além de apresentar os protagonistas da narrativa, é preciso que esse interlocutor tenha algum entendimento de suas origens étnicas. Tudo isso é retomado novamente em momentos posteriores, quando o narrador trata especificamente desse assunto; porém, o emprego desse recurso mostra que ele está constantemente tentando envolver o leitor na narrativa. Além disso, os comentários não parecem tentar convencer o leitor, antes buscam situá-lo no contexto da história a ser contada. Para Wolfgang Iser:

Os comentários podem provocar uma variedade de respostas. Podem desconcertar, suscitar oposição, encantar através da contradição e, com frequência, revelar muitos aspectos inesperados do processo narrativo que, sem essas pistas, talvez não fossem percebidos. Assim, esses comentários não fornecem qualquer avaliação dos eventos; antes, oferecem uma avaliação que contém diferentes possibilidades abertas à escolha do leitor. (ISER, 1999, p. 8).

Observamos que essas questões reforçam o aspecto ficcional da narrativa híbrida de Duarte. Segundo Iser essas “reações básicas tornam mais claro o *status* do texto literário: sua principal característica é a sua peculiar posição intermediária entre o mundo dos objetos reais e o próprio mundo do leitor.” (ISER, 1999, p. 9). Apesar das contrastantes diferenças entre a nossa realidade e o mundo de identificações étnicas descrito em *Vou lá visitar pastores*, Ruy Duarte consegue fazer uma ponte que nos liga a eles, como se estivéssemos olhando pelo próprio olhar do autor.

Giraul: onde se aprende a ouvir é a última seção da primeira parte do livro, e, como o subtítulo sugere, traz histórias da “Guerra dos Mucubais”, contadas ora pelo narrador, ora pelos próprios sujeitos: “Morreu muita pessoa. Aqueles que iam sendo

agarrados eram conduzidos presos, aquele que estava cansado era morto, aquele que não andava depressa era morto também.” (CARVALHO, 2000, p. 81). Sobre essa guerra o leitor acessa “um esboço da memória que dela subsiste entre sujeitos que ainda a viveram ou são filhos ou netos dela” (CARVALHO, 2000, p. 80). Aparentemente parece ser apenas uma guerra tribal, contudo, esclarece que “para os Portugueses, terá sido o remate de um processo de eliminação de um obstáculo à sua plena soberania e a um arbítrio que remontava às primeiras questões e acções de razia e contra-razia, sensivelmente a meados do século passado” (CARVALHO, 2000, p. 81).

Segundo Inocência Mata (2003), a literatura anticolonial precisou mobilizar estratégias discursivas que visassem à deslegitimação do discurso colonial. Nesse sentido observamos que o entrelaçamento de histórias pode ser visto como uma estratégia metadiscursiva, empregada por Ruy Duarte, que busca despertar as “vozes e memórias que na utopia político-social não tinham lugar.” (MATA, 2003, p. 59). A autora ainda afirma que:

O contexto discursivo dessas metaficções historiográficas representa possibilidades de releituras do passado, expressões de reinterpretções para, como já foi assinalado, moldá-lo às exigências das interpretações eficazes e iluminar segmentos sociais, ideias e eventos históricos antes na opacidade. (MATA, 2003, p. 60).

No âmbito dessas estratégias contradiscursivas, Ruy Duarte inova com sua forma de escrever e com seu olhar sempre disposto a desvendar silêncios e sombras da História. Estes também são largamente explicitadas pelo autor por meio de críticas ao poder constituído no pós-guerra colonial: “A própria denúncia do colonialismo, que todas as independências tão veementemente brandiram, não terá ido além da condenação dos seus abusos, sem verdadeiramente pôr em causa os seus princípios.” (CARVALHO, 2008, p. 38).

4.2 Sobre viagens e encontros...

A primeira seção (*Pico do Azevedo: onde dá para olhar à volta...*) da segunda parte (*Viagens e encontros: figuras*) do livro *Vou lá visitar pastores é onde somos*

convidados a mergulhar no espaço do presente Kuvale. Porém, para que isso aconteça, é preciso chegar lá, pois, como afirma Ruy Duarte, “não há tempo sem espaço e sem movimento, é essa a condição de todas as percepções e de todas as relatividades.” (CARVALHO, 2000, p. 103). O presente vivido pelo outro é o campo que se abre para adentrarmos na experiência de também estar lá, conduzidos pela lente de Duarte.

Observamos que a opção da passagem pelo Pico do Azevedo acontece por ser um dos lugares que encantam o autor, devido à amplitude da paisagem. Isso pode ser visto pela linguagem poética que ele emprega para falar do lugar:

É este um local, e sobretudo um horizonte, circular perfeito assim, em que inscrevo desde sempre uma boa parte da minha ficção pessoal, aquela que cabe dentro do quadro de que falei atrás. É tudo horizontal e extenso, rasgado, desdobrado em rasgos de visão, é a paisagem que conduz o lugar e há uma leitura só, possível, para uma largueza assim tamanha, tal dimensão alargada: largar o olhar pela esteira oblíqua dos ocres que se cruzam vastos, rasteiros, velozes, sem fim nem começo, uns derramados de outros, depois soltos, a renovar matizes ao sabor do vento. É por assim dizer o umbigo do mundo, para mim, ali. Sento-me ali e decreto o silêncio. (CARVALHO, 2000, p. 110).

A descrição poética da paisagem retoma uma imagem que o autor guarda desde a sua adolescência e que justifica a sua parada no Pico do Azevedo. Ruy Duarte menciona que na área central onde montou acampamento andou, “adolescente em férias, a vigiar [...] os ninhos de avestruz a partir dos quais se haveria de repovoar a paisagem” (CARVALHO, 2000, p. 109). Ele aproveita essa lembrança para mostrar mais uma consequência da guerra colonial: as administrações não coíbiam a caça livre e dizimadora, já que também tiravam proveito da situação. Com isso, após a guerra, o que restou foi a quase extinção desses animais.

Contudo, a beleza daquele espaço sagrado é o que inspira Duarte a criar, por isso ele sempre passa por aquele lugar; como se estivesse recarregando a sua força criadora. De certo modo temos a impressão de que ele está constantemente atualizando suas memórias, não com o objetivo de esquecer a imagem passada e sim para refletir sobre as consequências da mudança. Sobre a questão da imagem Gaston Bachelard esclarece que:

As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira infância. Qualquer imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal põe cores particulares. Assim também, só quando se passou pela vida é que se venera realmente uma imagem descobrindo suas raízes além da história fixada na memória. (BACHELARD, 1988, p. 130).

Podemos inferir que a apreensão da paisagem resulta em um efeito simbiótico entre ela e o autor, tal efeito também ocorre com o povo Kuvale. O espaço geográfico se entrelaça à vida cotidiana e ao passado onírico dessa sociedade permitindo que consigam viver harmoniosamente. Ruy Duarte experimenta essa união como se quisesse sentir o que o outro sente. No mesmo capítulo citado anteriormente ele diz que o poeta possui-se do que vê, ou seja, relaciona-se de modo muito intenso e particular com o espaço do outro.

Podemos dizer que essa experiência é algo reservado ao “poeta”, tanto que em momentos assim ele se autodefine como tal. Duarte iniciou sua aventura literária pela poesia, desse modo, é natural o afloramento da sensibilidade poética ao tratar do tema que dá sentido à sua vida. Ainda, segundo Bachelard, “Mesmo quando um poeta evoca uma dimensão de geógrafo, sabe instintivamente que essa dimensão é lida localizadamente porque está enraizada num valor onírico particular.” (BACHELARD, 1988, p. 230). Observamos que esse valor onírico diz respeito ao modo de viver do povo Kuvale, que transcende os limites da objetividade e da realidade ocidental. Tais questões são singularmente captadas, compreendidas e reveladas por Ruy Duarte na obra *Vou lá visitar pastores*.

O segundo tópico da segunda parte do livro: *Paralelos: e ver luz de noite ao longe* o autor segue ainda descrevendo a paisagem, pois é preciso conhecê-la para entender a ‘lógica das transumâncias’. Para que isso ocorra, segundo o autor, precisamos nos interessar pelas “pastagens, por capins, águas, solos, climas, então a intrusão da poesia resulta imediata.” (CARVALHO, 2000, p. 117). Sendo assim, ele faz uma longa descrição geológica das formações rochosas da região, do clima e da vegetação, terminando por informar o verdadeiro propósito daquele discurso:

Toda essa poesia me serviu para dizer-te, agora, que da Serra da Neve, que nem meio grau é a Norte da Lucira, para baixo e até ao Kuroca, é o território ecológico dos Kuvale. A pastorícia mucubal é aí que funciona combinando estes dois tipos de estepe, a herbácea e a subarbustiva, mas a zona dos bosques secos de mutiatis e as aplanções aluvionais;

agricultáveis, e com extensões transumantes que aproveitam recursos de serra-abaixo e os pastos ocres, quando verdes, do planalto. [...] O pastor que mantém acesa a fogueira que a noite revela sabe de tudo isso, evidentemente. (CARVALHO, 2000, p. 120).

A economia de subsistência do povo Kuvale é poeticamente revelada por Ruy Duarte, sem que restem dúvidas quanto à necessidade da prática transumante. Isto, conforme inferimos, somente é possível por meio do conhecimento tradicional que, sabendo respeitar a natureza consegue extrair dela os recursos necessários à manutenção da vida em grupo, nada além disso. Trata-se de um saber que contraria princípios desenvolvimentistas defendidos, inclusive, por alguns representantes da causa humanitária. Duarte comenta que em muitas ocasiões em que palestrava tentando expor aspectos econômicos, ecológicos e culturais dos Kuvale foi surpreendido por contra-argumentações de supostos “ardorosos militantes do desenvolvimento ou da intervenção humanitária” (CARVALHO, 2000, p. 124).

Para esses representantes da intelectualidade burguesa a errância é tão somente um vício capaz de condená-los à pobreza e à vida selvagem (vagabundos errantes). Porém, o autor consegue sutilmente mostrar que o falso discurso humanitário esconde o preconceito incrustado no “império do lugar-comum e da banalização” (CARVALHO, 2000, p. 124). Duarte credita tais comportamentos à instrução deficiente que recebem compensada pela “cultura de pacotilha”, aceita como modelo. Com isso, observamos que o antropólogo intercala suas experiências na narrativa para orientar seu interlocutor a não incorrer no mesmo erro de julgamento, mas experimente abrir os olhos e ver que:

Esses ‘vagabundos errantes’ não são obrigatoriamente tão pobres assim e eles formam as populações do comum que talvez melhor tenham sabido e podido resistir ao descalabro nacional. E ninguém melhor que eles, porque actuam à sua maneira, saberá extrair rendimento deste deserto, destas estepes sobre as quais aliás se poderá fazer tudo em nome do progresso e do desenvolvimento, inclusive destruí-las, mas não seguramente transformá-las em permanentes ‘campos verdes.’ (CARVALHO, 2000, p. 124-125, grifos do autor).

É possível perceber que o pastor que está ali no deserto não precisa entender de ciência, nem de cálculos econômicos para saber que é “entre a terra, o espaço (território) e a água que tudo se joga na vida dele, comum, cotidiana, verdadeira.” (CARVALHO, 2000, p. 127). Ele só precisa conhecer e interpretar essa imagem que

diariamente se desvela em sua vida. Bachelard (1988) chama isso de “consciência ingênua”, ou seja, é a capacidade que eles possuem de aplicar um método simples e eficiente para resolver seus problemas diários. Conforme registra Ruy Duarte, a viabilidade desse processo é fruto da conexão dessas sociedades com a questão ecológica, posto que, conforme vivem, “o lugar do homem não é necessariamente preponderante ou central, mas lhe atribui uma função relativa de manutenção do equilíbrio geral” (CARVALHO, 2000, p. 130).

Cumprida a tarefa de mostrar a importância do espaço geográfico e a maneira como o povo Kuvale se relaciona com ele, o autor parte para o Virei, o terceiro tópico intitulado *Virei: onde se cruzam figuras...* Trata-se de um pequeno povoado onde há um posto administrativo, um hospital, uma escola e um posto policial, além de algumas lojas comerciais. O autor é recebido pelo Administrador, a quem ele chama I, e que conta algumas histórias sobre a origem do seu povo. Nesse ponto é importante destacar a introdução ao assunto das linhagens, que, conforme afirma Ruy Duarte, “essa descendência é estabelecida através das mulheres.” (CARVALHO, 2000, p. 148).

A partir deste ponto da viagem o autor busca situar seu interlocutor dentro da sociedade Kuvale, sendo que, para isso é preciso entender a lógica dos clans e das linhagens:

Um clan tem a sua origem numa remota velha de cuja barriga saíram as mães das mães das mães, *ad infinitum*, das nossas mães de hoje. Uma linhagem é um segmento de qualquer *clan*, medido para trás e a partir de uma mãe de agora até haver memória que identifique as mães que a precederam. Qualquer homem ou mulher, no caso mucubal porque noutras sociedades a filiação clânica é estabelecida através dos homens, é do *clan* de sua mãe. O seu pai pertence a outro *clan*, ao da mãe dele, portanto. (CARVALHO, 2000, p. 148).

Apesar de observarmos a importância feminina devido à organização da linhagem matrilinear, o poder de decisão é do homem (líder do clan). O descendente direto da linhagem mais antiga (o *soba*) é o responsável por todo o grupo. Duarte, no subcapítulo citado faz uma breve introdução desse assunto para que possamos compreender aspectos ainda mais complexos dessa sociedade que serão desvendados ao longo da viagem e do texto. De acordo com o que se observa o autor reserva as informações mais específicas para momentos posteriores da

viagem; são casos de grupos com contato menos estreito com os costumes ocidentais, legitimando ainda mais as convicções da coletividade.

No último tópico dessa segunda parte ele cumpre seu objetivo de introduzir o seu interlocutor no presente Kuvale. Em *Vitetehombo: e se entra no sistema*, como o próprio subtítulo já esclarece, entraremos de modo mais aprofundado no sistema organizacional da sociedade em questão. Tudo isso “para entender como os Mucubais vivem e funcionam, se resolvem no contexto ecológico, económico, social, cultural, etc.” (CARVALHO, 2000, p. 166). Duarte instala-se no Vitetehombo, ao lado do *sambo*²⁰ do Hamuhapwa para poder conviver no espaço interno do sambo. Isso somente é possível por meio de uma relação estreita entre o visitante e o anfitrião. Contudo, o autor esclarece que um *sambo* é uma residência de passagem, já a *onganda*²¹ é considerada a residência para onde os pastores voltam após longas jornadas transumantes com as suas famílias.

Cabe destacar que, dentro de uma *onganda* há “uma pluralidade de espaços: de trabalho e produção, de relação e de consumo, espaços produtivos, sociais, culturais e políticos” (CARVALHO, 2000, p. 172). Ruy Duarte sublinha que é necessário compreender a lógica interna de uma *onganda* devido ao seu funcionamento como unidade de consumo. Sendo assim, as relações externas estão diretamente relacionadas ao bom funcionamento da *onganda*. O autor ainda descreve sucintamente como os Kuvale mantêm reservas de cereais: fruto de suas próprias produções, ou adquiridos por meio da troca de excedentes animais.

É interessante entendermos que, apesar de viverem em função da lida com os bois, os Kuvale não fazem dele sua fonte principal de alimentação, mas tudo acontece por conta de uma lógica de consumo:

Há um tempo da carne [...], mas de resto, e ao longo de todo o ano, o consumo da carne é esporádico e circunstancial. Podem certas famílias abater um cabrito de vez em quando. Mas apenas quando há de fato muita fome e é só para alguns, para os mais necessitados. [...] Da galinha então

²⁰ *sambos* – “são recintos constituídos para acolher no seu interior rebanhos e pessoas durante lapsos relativamente curtos de tempo e ao sabor dos imperativos que determinam os calendários, os ritmos e os rumos dessa prática que dá pelo nome de transumância.” (CARVALHO, 2000, p. 386).

²¹ *Ongandas* – “do ponto de vista físico uma *onganda* é um grande círculo de ramos de espinheiras ou outras espécies arbustivas. O conceito de *onganda* aplica-se tanto ao terreno doméstico e permanente habitado por uma ou mais famílias Kuvale, como à entidade social que esse grupo de pessoas constitui com todos os seus pertences, móveis e imóveis, vivos e inanimados, materiais e simbólicos, filhos, criados, gado, utensílios do leite e Fogo, por exemplo. *Onganda*, desta maneira, exprime também o conceito universal de ‘casa’.” (CARVALHO, 2000, p. 386).

nem se fala, ninguém abate, é só para aproveitar os ovos que se trocam por sal ou outros pequenos produtos. As crianças, e talvez algum adulto, comem os ovos às escondidas. Mas quem vai matar uma galinha para comê-la sozinho num contexto humano em que tudo se partilha? (CARVALHO, 2000, p. 173).

Percebemos que tudo é pensado de modo coletivo: o trabalho, o alimento e a cultura. Então, pela necessidade grupal os Kuvale fazem do leite a base do seu consumo, o qual representa uma linha de força que fundamenta o sistema socioeconômico dessa sociedade. E como já observamos nos exemplos anteriores, nada é feito sem uma razão “o leite que sai das vacas é sujeito a diferentes destinos e categorizações explícitas e rigorosas que o transformam imediatamente em produto cultural.” (CARVALHO, 2000, p. 175). A produção do leite não pode ser realizada indiscriminadamente, mas é a procedência (a vaca) que determina o destino de produção e consumo.

Essas questões justificam a existência desse povo em condições climáticas aparentemente inviáveis, pois notamos a evidência de um determinado acordo coletivo que mantém o equilíbrio. Entretanto, tudo isso somente toma forma em função do boi, o pivô de todos os acontecimentos e de todas as relações Kuvale. E, conforme mostra o autor, “é através do boi que um Mucubal cresce, casa, faz filhos, prospera e come e bebe, e dança e brinca e sofre e chora e dá sentido à vida.” (CARVALHO, 2000, p. 185).

4.3 Sobre etnografias e torrentes...

A terceira parte da obra segue no mesmo ritmo da anterior: o autor, à medida que viaja, realiza paradas estratégicas em diferentes regiões do deserto do Namibe. Em cada uma dessas paradas desenvolve um tema relacionado à vida do povo Kuvale, sempre com o objetivo de nos introduzir no presente dessa sociedade. No primeiro tópico *Vitivi: pelo avesso do olhar* o autor adentra no universo das relações interpessoais e comunicativas. No desenvolvimento de tais questões, os Kuvale também possuem modos curiosos e particulares de ação, eles fazem *vito-hola*²²:

²² Maneira de trocar informações entre quem se desloca e quem fica, ou se encontra pelo caminho, ou então onde se visita. (CARVALHO, 2000).

*Só não faz vito-hola uma pessoa que não tem juízo, que está fora do mundo e não sabe pedir nem aproveitar as informações dos outros. É uma modalidade que faz parte da gramática das relações num contexto em que a informação só circula por assim dizer de boca-a-orelha, e sabiamente praticada pode ser até um precioso instrumento de estratégia pessoal. A mentira não está prevista e constituiria uma agressão social muito grave, mas uma *vito-hola* pode ser uma maneira de implicar alguém na discussão de um assunto que de outra maneira seria delicado colocar-lhe assim diretamente. (CARVALHO, 2000, p. 193, grifos do autor).*

É importante salientar que há ocasiões no livro em que Ruy Duarte transcreve falas das personagens, como no início do trecho acima (em itálico). Com isso entendemos que ele pretende aproximar ainda mais o leitor dessa realidade e desse povo. Nesse modo de vida, alguns costumes como o *vito-hola* promovem a manutenção da ordem, o respeito mútuo e a harmonia coletiva. O autor também esclarece que o Vitivi é, por assim dizer, um lugar propício para encontros e resoluções de problemas, as chamadas *makas*²³.

Observa-se que as inúmeras viagens empreendidas por Ruy Duarte ao deserto do Namibe lhe conferiram certa experiência em relação à ordem dos acontecimentos entre os Kuvale. Então, valendo-se de seu conhecimento, parou no Vitivi para introduzir seu interlocutor no assunto das complexas relações interpessoais. E, como haveria de se esperar, estava programada uma sessão para resolução de *makas*. Estas funcionam como se fosse um tribunal, todos aqueles que possuem queixas devem trazê-las na sessão para serem resolvidas em grupo. De acordo com a tradição Kuvale, os condenados devem pagar multas em bois, que variam em quantidade conforme a gravidade do caso.

Contudo, a interação com o outro gera mais uma profunda reflexão de antropólogo que, em momentos assim, parece deslocado de seu eixo:

Vito-hola para cá, vito-hola para lá, notícias locais, informações, Fulano como está, aquela maka que continuação teve, disputas, agressões, reconciliações, arranjos, compromissos, casamentos, divórcios, roubos, feitiços, mortes, rendas, nascimentos, sei lá, quando dou conta o centro do mundo é aqui, o quadro de referências a que reporto o que observo e indago passa a ser nem sequer o sistema mas muito mais densamente o da absoluta trama local, perco de vista as estruturas e os processos, mesmo aqueles que eu próprio vou conseguindo identificar e extrair, teorizar, pego mais tarde nas notas pessoais que produzi e verifico que não posso atrever-

²³ Disputa, problema. Organizam-se em sessões, presididas pelo soba, que podem durar horas ou até dias. (CARVALHO, 2000).

me a utilizá-las em pé de igualdade com os dados que recolhi (CARVALHO, 2000, p. 201).

O descentramento que observamos no comportamento do antropólogo pode ser visto, conforme evidencia François Laplantine, como uma revolução epistemológica que começa pela mudança de olhar. Ela “implica um descentramento radical, uma ruptura com a ideia de que existe um “centro do mundo”, e, correlativamente, uma ampliação do saber e uma mutação de si mesmo.” (LAPLANTINE, 2007, p. 22). Sendo assim, é possível dizer que Ruy Duarte foi um intelectual que adotou um olhar diferenciado em relação ao povo Kuvale, contrariando a ideia etnocêntrica que sabemos, ainda prevalece. Pelas palavras do próprio autor, que resume e conclui o subcapítulo – e agora o antropólogo dá novamente lugar ao poeta, pois sugere que irá usar um perigoso e pequeno malabarismo da linguagem do qual nunca aprendeu a furtar-se (ironia) – confirmamos a tese de que a causa do autor era mais humanitária que científica:

Ando a tentar desvendar certos mistérios, e a viver uns mas a poupar outros, porque há mistérios que é preciso preservar. E o inquérito é isto: há o que vi porque mo disseram, há o que vi sem mo terem dito (e às vezes mesmo enquanto me diziam outras coisas), há o que conto e há o que não conto e pronto! (CARVALHO, 2000, p. 206).

Os próximos subcapítulos *Sayona: onde num óbito se fala de bois...*, *Pikona: e num enterro se revelam coisas*, *Bumbo: onde o assunto é casar* e *Evaú: vou lá visitar pastores* o autor continua a tentar nos mostrar aspectos reveladores da vida Kuvale. O primeiro trata da importância do boi na vida dessa sociedade, descrevendo minuciosamente o modo como trabalham em torno da pastorícia; os aspectos culturais, sociais e religiosos – intrinsecamente relacionados ao trato com o boi; e, ainda, como as uniões matrimoniais e de parentesco também resultam disso. São questões complexas e fascinantes que regem todo o sistema de funcionamento da sociedade Kuvale, porém impossíveis de serem explicadas neste curto capítulo.

O segundo subcapítulo conta um evento presenciado por Ruy Duarte ao acompanhar o enterro de uma mulher, tudo para revelar-nos o universo místico que envolve uma morte inesperada. Geralmente tal fato é atribuído a feitiçarias e coisas do tipo, pois “numa sociedade como esta não há desgraça que não seja entendida

como o resultado da intenção ou da acção de alguém, é um dado universal.” (CARVALHO, 2000, p. 233).

Durante sua estada no Vitivi Duarte resolve dar uma passada no Bumbo, lá aproveita o ensejo para relatar a história de um promissor pastor que organiza seu terceiro casamento, esse é assunto do terceiro subcapítulo. Como ocorre em tudo na vida dos Kuvale, casamentos também movimentam negócios:

Os bois destinados a uma prestação matrimonial comum, daquelas que implicam uma mulher que nunca casou antes, não são assim tão numerosos. Acabam por ser quatro ou cinco cabeças ao todo. O trânsito de dezenas de animais só ocorre em situações que envolve mulheres divorciadas ou viúvas. Mas também não será correcto dizer que uma operação de matrimônio só movimenta o gado previsto pela estrita regra da prestação em si. Num contexto como este um casamento não é nunca um trato entre dois sujeitos, um homem e uma mulher, mas antes a expressão de uma plataforma de relação entre dois grupos matrilineares. (CARVALHO, 2000, p. 249).

Desse modo o autor vai desenhando o quadro das realidades do povo Kuvale, e, conforme se pode observar, é um quadro social em que tudo faz parte de uma cadeia de relações e funciona para o bem coletivo. No penúltimo subcapítulo ele aproveita o assunto dos casamentos e estende para a importância feminina nesta sociedade, especificamente. De acordo com a análise do autor, a mulher ocupa “uma posição chave em tudo o que diz respeito à reprodução da sociedade que é a sua: reprodução biológica, social, económica e até simbólica.” (CARVALHO, 2000, p. 260). E, ainda, para Duarte elas não só sabem disso como também estão plenamente conscientes do seu papel, não necessitando que ninguém lhes instrua acerca das estratégias que devem ou não desenvolver nesse contexto.

O último subcapítulo desta terceira parte *Evau: vou lá visitar pastores* possui o subtítulo que dá nome a obra em si. Nessa parte o autor nos apresenta os *buluvulus*²⁴, pois, segundo afirma, o *Evau* é o território deles, “é um lugar bonito de ver, com água à superfície e margens verdes no meio deste sertão onde tudo está e estará seco pelo menos durante mais cinco ou seis meses.” (CARVALHO, 2000, p. 271). São esses jovens dotados de mais saúde e disposição que exercem a arte de pastorear e a cumprem com orgulho e desenvoltura. Ruy Duarte destaca o aspecto

²⁴ São os rapazes, entre os 12 anos e a idade de casar, a quem estão entregues grandes rebanhos constituídos por gado de várias famílias que transumam para longe e no tempo da fartura de pastos e água vêm concentrar-se em áreas próximas das *ongandas*. (CARVALHO, 2000).

comportamental dos *buluvulus* como uma consequência da relação entre as pessoas e o gado iniciada na infância:

Qualquer criatura humana, aqui, desde que começa a andar, passa a estar implicada no manejo dos animais, e cresce, é educada e aprende a viver visceralmente empenhada nisso, até as brincadeiras de rapazes aparecem inscritas nessa relação. (CARVALHO, 2000, p. 277).

A arte da guerra também acaba sendo incumbência dos *buluvulus*, já está presente na educação que recebem desde crianças, é o peso da cultura pela qual estão cercados. O autor esclarece que é o “próprio contexto cultural, educacional, político, histórico e económico, portanto, que implica os jovens Kuvale nas artes da guerra.” (CARVALHO, 2000, p. 289). Isso é um fato que não nos surpreende, pois a guerra e as consequências dela permaneciam vivas e latentes na realidade do povo angolano; e não haveria de ser diferente com os Kuvale, apesar de povoarem regiões distantes e áridas. Basta o fato de conseguirem sobreviver em condições tão desfavoráveis para já despertarem o interesse exploratório, porém, conforme afirma Ruy Duarte em todas as suas publicações, nunca lograram proveito nas tentativas de exploração empreendidas com toda espécie de tecnologias e persuasões aos pastores.

4.4 Sobre decifrações e desafios...

Chegamos à última parte da obra, aqui o autor produz muitas reflexões sobre a vida da sociedade Kuvale, levanta questões, expõe fatos relacionados às tentativas de intervenções externas. Apesar de ser a parte menor, é dividida em pequenos subcapítulos: *Kahandya: do outro lado do olhar*, *Malola: onde se joga ao sistema e o sistema se joga...*, *Tyhelo: e se resume...*, e *Muhunda: e se desgasta e o futuro vem aí*. Como são divisões muito pequenas, analisaremos toda a parte em conjunto, visto que os assuntos estão relacionados entre si.

A narrativa da vida do povo Kuvale é composta nesta obra por um entrelaçamento de histórias individuais e fatos coletivos. O autor à medida que viaja vai situando o seu interlocutor pelo caminho, através das paisagens e dos acontecimentos, no mundo especial da sociedade Kuvale. Observamos que esse foi

o seu modo singular de construir a narrativa não apenas como um simples relato, mas ensaiando a viagem, como se estivéssemos percorrendo os caminhos junto com ele:

Situei-te os Kuvale primeiro em relação ao que pensa quem lida e cruza com eles, ao que a documentação histórica permite extrair do seu passado e ao que a sua própria memória acrescenta, esclarece ou propõe. Introduzi-te a seguir no meio ecológico em que se movem e esbocei o sistema produtivo que os garante. Instalamo-nos depois na sua quotidianidade. Aí, rememorando o que te terei dito, afluímos este universo local acompanhando sobretudo os movimentos de jovens adultos, homens e mulheres. (CARVALHO, 2000, p. 302).

Nesse contexto, o autor faz um balanço do desenrolar da narrativa, concluindo que falta ainda “ensaiar uma travessia da sociabilidade Kuvale encarando o desempenho dos homens-feitos e dos velhos.” (CARVALHO, 2000, p. 302). Para isso descreve a história do Mwatyipula, um homem relativamente próspero que mantém essa condição atuando de modo a conservar a prosperidade, “seja ela aplicada à gestão dos recursos naturais, à dos bois, à do seu lugar nas grelhas institucionais” (CARVALHO, 2000, p. 310). Contudo, Ruy Duarte esclarece que a prosperidade para os pastores Kuvale não possui a mesma conotação que a educação, a ideologia e a cultura etnocêntrica quiseram nos inculcar.

Do mesmo modo, é uma sociedade na qual a fórmula de que “tempo é dinheiro” não prevalece, pois conforme ainda enfatiza Duarte “o dinheiro, neste sistema, de forma alguma constitui valor padrão por onde aferir os resultados da produção e da produtividade.” (CARVALHO, 2000, p. 312). A partir dessa premissa pode-se dizer que tais modos de ser contribuem para a formação de juízos de valor que conferem às sociedades pastoris a condição da “irracionalidade primitiva”. Para o autor:

A tendência para acumular gado sem visar os benefícios financeiros que adviriam da sua venda no mercado, ainda quando lhes são feitas aliantes propostas de montantes em dinheiro e a exploração dos animais orientada para a valorização de factores com um interesse mercantil nulo, como a cor da pelagem e o tamanho ou o feitio dos cornos, ocorrem aos olhos do senso comum envolvente e dominante como marcas inequívocas dessa irracionalidade. (CARVALHO, 2000, p. 312).

O autor capta a subjetividade que move a vida do povo Kuvale, ela está presente na simplicidade do modo como veem o mundo e se relacionam com ele. Também pela astúcia em não dar muita explicação ao seu algoz, em mantê-los à distância com a ajuda do espaço geográfico:

Eles estão a agir muito inteligentemente, muito racionalmente, porque afinal para além das escarpas das margens dos rios se lhes oferece um território imenso, cuja aridez, vastidão e mistério intimida os Brancos mas que para eles constitui uma geografia familiar e propícia à manutenção e à reprodução dos seus rebanhos. (CARVALHO, 2000, p. 319).

Para finalizar Ruy Duarte descreve detalhadamente a realização de uma *Kutonda*²⁵, oportunidade única para se observar o jogo das representações sociais Kuvale. Nesse ritual os homens e as mulheres são chamados para desenvolver várias tarefas, e cada um possui uma função distinta: “preparar a thifa²⁶, abater o animal, esfolá-lo, dividir-lhe e cozinhar-lhe a carne, prover aos fornecimentos da água e da lenha necessárias.” (CARVALHO, 2000, p. 326). Tudo isso seguindo rigorosos critérios de “pureza”, somente quem for considerado Mucubal “legítimo e afiançado” poderá lidar com a carne. Ainda, conforme Duarte, a distribuição das partes da carne a serem comidas pelos presentes também segue regras rigorosas, não se pode comer indiscriminadamente qualquer parte. E, além disso, tudo é aproveitado: a carne, os ossos e a pele, sendo que para tudo há um ritual específico. Constatamos a presença de uma unidade sem igual nesse sistema sociológico; de modo semelhante, o autor destaca que:

Tudo decorre pelo melhor e dentro de um clima de gratificante respeito, cada um assume a sua autoridade e as suas responsabilidades e a coisa engrena como numa máquina bem ajustada e oleada. Sabendo que na vida corrente, comum e tantas vezes adversa, nem sempre é assim, não pode deixar de ocorrer que estamos na presença de um empenho colectivo que assume a feição de uma representação concertada. De uma actuação geral ritualizada. (CARVALHO, 2000, p. 337).

²⁵ Espécie de cerimônia, situações que disponibilizam muita carne para consumo, em ocasiões de sacrifício de animais, e constituem a principal expressão de redistribuição dentro do sistema econômico local, porque beneficiam praticamente toda a população de uma área, e também de ostentação, de exibição de riqueza. (CARVALHO, 2000).

²⁶ Paliçada de paus verticais que num *elao* (conjunto de pedras e de paus deitados no chão, arrumados de forma a constituírem um retângulo de troncos paralelos) estabelece o seu topo mais avançado em relação à porta da casa e onde são entaladas e permanecem expostas as armações de certos animais sacrificados. (CARVALHO, 2000).

A análise da realidade observada evidencia o comprometimento social de Ruy Duarte, seu modo pessoal de captar a realidade vivida e transformá-la em narrativa; vislumbramos, assim, a sua aderência à causa desse povo. Isso diz muito em relação a seu caráter e seu modo de lidar com a alteridade: “Estou sempre pronto a esclarecer no que puder, mas não me peçam nem que ajude a domesticá-los nem que pugne pela causa da preservação dos seus modelos e sistemas, que de qualquer maneira não seria a deles.” (CARVALHO, 2000, p. 374). Contrário a qualquer tipo de intervenção, Duarte passou mais de dez anos, visitando os pastores Kuvale, no deserto da Namíbia. Pelo que inferimos, o autor esteve lá mais para aprender com eles que para influenciá-los de algum modo. Esse aprendizado é o que também obtemos ao longo da narrativa. O resultado é algo muito maior, assim como ele mesmo confirma nas últimas palavras do último capítulo: “Não é só a salvação dos Kuvale que está em causa, é a minha também...” (CARVALHO, 2000, p. 375).

5 A VIDA REINVENTADA: E SE ENTRA NO JOGO...

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível reinventada.

Cecília Meireles

Reinventar significa recriar a partir do que já existe, transformar a si, a algo ou a alguém. Quando reportamos esse conceito para a vida a poesia se instala e o encanto renova o conceito, assim como percebemos no poema de Cecília Meireles. Além disso, o uso poético imprime um outro significado à reinvenção da vida, como se fôssemos todos personagens de nós mesmos. E, assim, como bons profissionais de Letras que somos, aprendemos cedo a desconfiar da verdade absoluta, enxergando em tal conceito não apenas uma definição, mas a possibilidade real de autoafirmação de identidades que se modificam constantemente.

Quem se propõe e dispõe a entrar neste jogo – mergulho no mundo do outro para aprender com ele – poderá vislumbrar uma realidade, por vezes, surreal, pois tendemos a criar o mito de que a margem é vazia e não é capaz de produzir nada. Ruy Duarte de Carvalho foi um dos poucos escritores que se dispôs a olhar para a margem (os povos do Sul de Angola) e viver a realidade deles para poder evidenciá-la com propriedade. Nesse sentido, Duarte foi capaz de reinventar-se também como personagem de si mesmo. Nesse processo, mostrou o infinito potencial do “outro” para também reinventar-se, adaptando-se a um mundo que insiste em tentar excluí-lo.

Foi justamente essa característica do autor que me causou identificação imediata, quando iniciei minha pesquisa para este trabalho. Isso, porque tive a oportunidade de viver uma experiência semelhante durante a Graduação em Letras (2008-2012), nesta Universidade. Tal experiência consistiu na realização de trabalho de campo no bairro Restinga²⁷, em Porto Alegre (Projeto de Pesquisa²⁸ *A vida*

²⁷ Um bairro distante do centro da capital gaúcha, criado intencionalmente em função de um projeto que visava livrar os bairros centrais (ou limpá-los) daqueles pobres que “impediam” o crescimento metropolitano.

²⁸ O Projeto **A vida reinventada: pressupostos teóricos para análise e criação de acervo de narrativas orais** (2008-2013) possui uma dupla orientação: propõe-se tanto a construir espaços de arquivamento e divulgação de narrativas orais registradas em áudio ou em vídeo como a propor recortes teóricos e metodológicos interdisciplinares que viabilizem o tratamento e a interpretação do material produzido. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/vidareinventada/site/>>.

reinventada: pressupostos teóricos para a criação e análise de acervo de narrativas orais), em que tínhamos contato com alguns narradores orais que se disponibilizaram a nos contar histórias. Sendo assim, a experiência norteará este capítulo: a de Ruy Duarte de Carvalho e a minha.

5.1 Quando as histórias se cruzam...

E quem narra não há de ter-se, ele também,
que dar-se a contar?

Ruy Duarte de Carvalho (2007)

A ideia da realização dessa dissertação não surgiu do acaso, mas pode ser entendida como sendo a continuação do Trabalho de Conclusão de Curso²⁹, apresentado em 2012. Neste, procurei mostrar os porquês de considerarmos os narradores orais da Restinga legitimamente autores. E, ao evidenciar esses narradores, observei que minha participação ativa no projeto também precisava ser mostrada, não de modo que apagasse a presença deles, mas como forma de compreensão da relação estabelecida entre pesquisadores e narradores. Tal experiência, vivida com a intensidade que somente a situação real proporciona, resultou em mais uma narrativa, a minha como mediadora que entrou na história sem saber ao certo como ela acabaria.

Sobre a “História” Walter Benjamin afirma que “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.” (BENJAMIN, 2011, p. 224). Fixar no presente o passado de um grupo é o modo de reconhecer esse passado e justificar acontecimentos que, em alguns casos, não passam de fruto de uma herança dolorosa. Contudo, a maioria dos registros, realizados pela História e também pela Literatura, são tendenciosos, pois partem da visão das classes dominantes sobre o outro. Com isso, aos principais protagonistas da história só resta assistirem à versão estereotipada e folclorizada que a sociedade cria a seu respeito.

Conscientes dessa realidade, no grupo de pesquisa mencionado anteriormente, buscamos fazer o caminho inverso: deixar o ‘outro’ dar a sua própria

²⁹ Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56159/000859960.pdf?sequence=1>

versão sobre a história vivida, tanto particular quanto coletiva. Não nos colocamos como exploradores, mas como mediadores dispostos a ajudar os colaboradores (narradores que se propuseram a contar histórias)³⁰ no processo de reconstrução da história do bairro Restinga. Dessa parceria surgiu um trabalho com uma dimensão não prevista anteriormente, pois, além de contar histórias, também foram nos trazendo suas produções pessoais: poesias, contos, esculturas, manifestos. Isso nos gerou um grande dilema: como manipular todo o material que eles nos disponibilizavam sem que ocorresse algum tipo de apropriação? A manifestação de tal preocupação vai ao encontro do que Ruy Duarte de Carvalho também defendia:

Certas elites, assim, parece não se aperceberem de que, actuando como actuam em relação à produção e à rentabilização da memória, estão não só a fazer o jogo dos poderes nacionais centrais, que apenas se viram para as expressões culturais com vista a cristalizá-las em curiosidades, exotismos e folclores para melhor se servirem ou desembaraçarem-se delas, mas também a do domínio hegemónico de um certo ocidente que usa os próprios ocidentalizados como seus agentes. (CARVALHO, 2008, p. 58).

E, tal qual Ruy Duarte em Angola, aderimos a uma causa, um tanto quanto solitária, que visava abrir espaço na academia para que aqueles de quem se costuma falar pudessem falar por si mesmos. Considerando a hegemonia dos poderes constituídos, realizar tal trabalho exigiu muito esforço e persistência, visto que os “poderes actuais herdaram dos poderes coloniais não só o lugar da decisão mas também o ângulo da visão.” (CARVALHO, 2008, p. 43). Nesse sentido, a experiência adquirida pelo contato com o ‘outro’, buscando modos de dar visibilidade à sua história e negociar reciprocamente subjetividades e identidades, permitiu também observar que muitos autores também defendem esse ângulo de visão.

Segundo José Jorge de Carvalho (2001, p. 120) a “condição da subalternidade é a condição do silêncio”. Nesse contexto o autor retoma a discussão antes proposta por Gayatri Spivak em seu clássico texto *Pode o subalterno falar?* para refletir sobre a perspectiva de um olhar pós-colonial. Em tal perspectiva aquele que se encontra na condição da subalternidade precisa, de algum modo, representar-se para conseguir adentrar espaços de poder e enfim ser ouvido. Contudo, o autor esclarece:

³⁰ Os principais narradores foram: José Carlos dos Santos (conhecido como Beleza), Jandira Consuelo Brito, Alex Pacheco e Marco Antonio de Almeida (conhecido como Maragato).

No momento em que o subalterno se entrega, tão somente, às mediações da representação de sua condição, torna-se um objeto nas mãos de seu procurador no circuito econômico e de poder e com isso não se subjetiva plenamente. No capitalismo, o indivíduo que não controla os meios de produção se faz representar, não enquanto sujeito, mas enquanto um valor de troca. (JORGE DE CARVALHO, 2001, p.120).

Nesse tipo de ocorrência, conforme também afirma o autor, há o que podemos chamar de transmutação (de re-presentação para a-presentação), que é a principal causa do surgimento de imagens distorcidas sobre o outro. Nesse caso ele deixa de ser representado como sujeito para ser apresentado como produto. Essa prática tornou-se comum após o período colonial e difundiu-se globalmente, de modo que até aqueles que sofrem o abuso contribuem para a manutenção desse sistema universal. Isso porque, de acordo com essa lógica redutora, como critica Frantz Fanon (1975, p. 26) “um indivíduo deve tender a assumir o universalismo inerente à condição humana”.

Sendo assim, a consciência de tais fatos nos levou a elaborar estratégias que assegurassem o protagonismo dos colaboradores do projeto. Viabilizamos a publicação de um livro³¹ com as poesias do Alex e da Jandira, produzimos DVDs com as histórias contadas, realizamos exposições temáticas em conjunto com eles em diferentes escolas da Restinga. Essa parte visava a envolver a comunidade no reconhecimento das origens do bairro. Além disso, sempre que surgia uma oportunidade, em eventos na Universidade, os convidávamos para falarem do projeto e da importância do trabalho para o fortalecimento da identidade coletiva do bairro.

Estabelecemos com eles um relacionamento motivado pela troca de conhecimentos e respeito. De modo semelhante Ruy Duarte baseou seus estudos em Angola:

A minha atividade de antropólogo em busca não de sobrevivências culturais ou universos ‘primitivos’, ou ‘arcaicos’, mas sim dos termos da prática social de comunidades bem do presente, e das respostas económicas, culturais e até políticas que elas produzem para confrontar-se a um presente que não as ouve e nem as poupa, tem-me permitido recolher testemunhos que dão

³¹ Lançado na Feira do Livro de Porto Alegre, em 2009: PACHECO, Alex. **Poemas em versos aos corações**. Porto Alegre: Evangraf: Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, 2010.

voltas surpreendentes ao uso da língua portuguesa, os quais gravo e transcrevo com hesitações, silêncios e tudo. (CARVALHO, 2008, p. 187).

Observamos o cuidado que Duarte empreendia para manter a fidelidade dos relatos, pois, de algum modo, acreditava no poder que esses testemunhos poderiam ter para uma possível “hipótese de intervenção na revitalização da língua portuguesa a partir de Angola.” (CARVALHO, 2008, p.187). Assim como Ruy Duarte, nós acreditamos que a margem pode contribuir para a formação de uma consciência social coletiva, despida de preconceitos e lugares comuns. Suas vozes ficarão vivas nos dvds produzidos na pesquisa, nos Trabalhos de Conclusão de Curso, nas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado que alguns alunos participantes do projeto produziram.

Desse modo, também teremos contribuído para uma nova tomada de consciência em relação às formas de representação de discursos outros, mesmo que os resultados efetivos somente sejam percebidos posteriormente. Tomemos como exemplo Ruy Duarte de Carvalho, que produziu um extenso acervo sobre o povo Kuvale. Esse trabalho, resultado de uma vida inteira de dedicação, somente de alguns anos para cá passou a ser explorado. Hoje, sabe-se que muitos pesquisadores de diferentes áreas e países, motivados por seu trabalho, viajam ao deserto do Namibe para percorrer os caminhos que ele percorreu.

5.2 Quando a vida e o espaço se entrelaçam...

A paisagem está lá, para dizer que o mundo exterior existe
e nos escapará sempre um pouco, à revelia dos
nossos desejos e dos nossos talentos.

Ruy Duarte de Carvalho (2005b)

Uma das coisas que a minha experiência de campo no bairro Restinga permitiu perceber foi que há uma ligação muito forte das pessoas entre si e das pessoas com o espaço vivido. Neste subcapítulo veremos que tal relação de pertencimento resulta no entrelaçamento dessas vidas. Sendo assim traçaremos um paralelo entre as observações que presenciei no trabalho de campo da pesquisa mencionada anteriormente, e as observações feitas por Ruy Duarte de Carvalho em

seu trabalho no deserto do Namibe, incluindo também a relação do autor com o espaço da sua aplicação.

O imbricamento entre o espaço geográfico e a vida daqueles que o ocupam fica evidente na obra de Ruy Duarte de Carvalho, pois, conforme aponta, para os Kuvale a vida e o meio ambiente eram indissociáveis. Em relação a isso, Duarte faz uma leitura do espaço Kuvale tendo o cuidado de:

Trabalhar todo o aspecto da matéria acumulada pela via de uma especulação que lidasse com as cargas semânticas e simbólicas da terra, da água, do ar e do fogo. A terra e a água associadas a questão do meio e do sistema produtivo, o ar (o espaço) à mobilidade económica e sociológica, o fogo à substância dos códigos e da cultura. (CARVALHO, 2000, p. 127).

Conforme depreendemos do trabalho do autor, para o povo Kuvale a terra, a água, o fogo e o ar representam a própria vida do grupo. A manutenção desse sistema acontece devido ao cultivo de tradições que renovam e conservam seus costumes e rituais. E, até mesmo para esse intento contam com a ajuda do meio em que vivem, pois o desinteresse pela região desértica, habitada por essa sociedade, deve-se ao fato de ser um ambiente inóspito para os ocidentais. O pastor que Duarte descreve está integrado ao seu meio porque o conhece intimamente, sabe interpretá-lo como ninguém. Isso pode ser verificado no seguinte trecho de *Vou lá visitar pastores*:

Não leu Cruz de Carvalho nem fez as contas que este apresenta a partir de suas experiências e de outras comprovadas pela África fora sobre índices de rentabilidade que dão vantagem à pastorícia sobre a pecuária, mas está ciente que as técnicas que utiliza são as mais aptas a aproveitar os recursos naturais e a extrair-lhes o mais equilibrado rendimento energético. E sabe tudo do gado que tem. Que ele é o exacto gado que lhe convém ter para actuar sobre o terreno que explora, diverso e extenso, a dar uns pastos aqui, outros lá, uns agora, os outros mais depois, e maximizar-lhe as potencialidades sem ter tido jamais acesso, todavia, a qualquer tratado de zootecnia. Ele sabe que o gado que tem é que sabe andar, tem pernas, tem cascos grandes e duros, pode resolver sem dificuldade grandes deslocções diárias tanto para beber quanto para comer, e se for preciso bebe só de dois em dois dias, resiste bem ao calor e à sede, moderado de bossa mas generoso de pele, e essa é a sua qualidade primeira. (CARVALHO, 2000, p. 128).

Verificamos a descrição de um sistema baseado na harmonia e no respeito pela natureza, e isso faz com que os recursos não se esgotem, mas sejam

renovados. Tal modo de vida somente se mantém porque visa “mais o equilíbrio do que o crescimento” (CARVALHO, 2000, p. 133), em oposição a todos os sistemas ocidentais e capitalistas. Essa questão é também a que faz com que os ditos “civilizados” os considerem “selvagens”, pois que tipo de ser humano dotado de “inteligência” seria capaz de dispensar o lucro?

A constatação de que há uma ligação sobrecomum entre os pastores e a terra não nos surpreende, pois é algo constantemente observado nos romances pós-coloniais africanos em língua portuguesa. Contudo, o que é sobrecomum é a ligação de Ruy Duarte com a terra africana, visto que não nasceu na África, mas em Portugal. E, no entanto, isso não impediu que passasse parte de sua infância e adolescência a percorrer o deserto africano, junto de seu pai, caçador de elefantes; sua relação de pertencimento àquela terra nasceu dessa experiência, assim como podemos inferir no seu texto autobiográfico³²:

Elaborações e rumações, teoria ajudando, foi quase sempre só depois. Não me lembro de ter vindo ao mundo, evidentemente, mas em compensação lembro-me muito bem de ter mudado inteiramente, tanto de alma como de pele, uma meia dúzia de vezes ao longo da vida. De que havia uma matriz geográfica e de enquadramento existencial que essa é que era a minha, dei conta aí pelos 12 anos a comer pão e com um ataque de soluços no meio do deserto de Moçâmedes, por alturas do Pico do Azevedo. Isso continua a vir-me sempre à ideia de cada vez que ainda por lá passo e se calhar é para isso mesmo que ando sempre a ver se passo por lá. (CARVALHO, 2005b, s/n).

Observamos que Duarte se reconhecia naquela paisagem, se sentia parte dela. Nesta foi nutrindo, desde criança, a substância do seu imaginário. A conjugação da vida com a paisagem a ditar os rumos da existência; para o autor, é disso “que se faz a emoção. Conjugação de dados, ou de acasos, não dá para inventar” (CARVALHO, 2007, p. 115). Desse modo, são compreensíveis suas constantes crises de consciência, pois se encontrava na situação do sujeito externamente fora de lugar aos olhos de todos, devido a sua cor e nacionalidade. Apesar disso, afirma que “sem nunca ter pedido desculpa a ninguém por ser branco, eu viro é muito preto por dentro.” (CARVALHO, 2007, p. 107).

³² Publicado no site BUALA, coordenado por Marta Lança, em 12 de agosto de 2010, e, conforme indicação do site, retirado na Editora Cotovia.

A sua condição de angolano por opção, por amor àquela terra, àquelas paisagens, àquele deserto que o seduziu desde a infância, fez com que se tornasse a figura única capaz de olhar o mundo de forma tão singular. Após muitas viagens, estudos... vidas, voltou para Moçâmedes para penetrar num mundo 'outro' a fim de empenhar-se em uma busca incerta. Ousou, arriscou, perdeu-se, para então encontrar-se e, enfim, nos presentear com o vasto deserto do Namibe. Deserto esse que compôs o panorama de sua existência, e para onde, a seu pedido, suas cinzas foram lançadas em 2010... Seu último reduto.

A minha experiência não atingiu proporções tão profundas quanto às de Ruy, o que pode ser compreensível pelo fato de ter ocorrido em contexto diferente: o ambiente urbano. Nesse caso não há a poeticidade da paisagem a compor versos, mas a imagem da rudeza da sobrevivência em ambientes sem planejamento e infraestrutura. O que aproxima essas histórias é a vida das pessoas que habitam esses dois lugares. O deserto, apesar de ser belo, não apresenta condições fáceis de sobrevivência: "A seca é um drama que ciclicamente se repete nas calcinadas vastidões desses dilatados suis." (CARVALHO, 2008c, p. 29). Nas periferias das grandes cidades, como a Restinga, as pessoas precisam conviver com o esgoto saindo na rua, as drogas consumindo as crianças e jovens e a violência decorrente delas, além de outros flagelos.

Em ambos os casos há a iniciativa do poder constituído de desagregá-los da esfera representativa do Estado e de colocá-los numa condição subalterna (fora do ângulo de visão do mundo). Essa elite prima pela beleza, pela limpeza (mascaramento da imperfeição) e despreza tudo quanto represente o seu oposto (o fedor da pobreza). Rodolfo Kusch, em sua *America Profunda*, faz um esboço dessa questão:

La categoría básica de nuestros buenos ciudadanos consiste en pensar que lo que no es ciudad, ni prócer, ni pulcritud no es más que un simple hedor susceptible de ser exterminado. Si el hedor de America es el niño lobo, el borracho de chicha, el indio rezador o el mendigo hediento, será cosa de internarlos, limpiar la calle e instalar baños públicos. La primera solución para los problemas de America apunta siempre a remediar la suciedad e implantar la pulcritud. (KUSCH, 2000, p. 13).³³

³³ A categoria básica dos nossos bons cidadãos é pensar que aquilo que não é cidade, nem herói, nem asseio não é mais que um fedor suscetível de ser exterminado. Se o mau cheiro da América é a criança lobo, o bêbado, o rezador indiano ou o mendigo fedorento, será caso de interná-los, limpar as

Como afirma Kusch, a solução é a limpeza, e se isso não for possível, então, mascarar e enfeitar a pobreza/sujeira, fazer dela um produto exótico para o deleite dos turistas. Para Ella Shohat e Robert Stam tal situação acontece porque o mundo apenas substituiu o controle colonial por um “neocolonialismo” assistido, “ou seja, uma conjuntura na qual o controle político e militar deu lugar a formas de controle abstratas, indiretas, em geral de natureza econômica, que dependem de uma forte aliança entre o capital estrangeiro e as elites locais.” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 42).

Contudo, esquecem-se do imenso potencial daqueles que vivem à margem. No caso da Restinga isso se confirma, pois as histórias narradas pelos moradores que colaboraram com o projeto eram povoadas de lutas e resistência. O Beleza, morador do bairro desde a sua fundação, é um agitador assumido que sempre liderou e representou a comunidade em defesa dos direitos coletivos. Alessandra Bittencourt Flach, em sua tese de Doutorado³⁴, descreve com fidelidade esse sujeito carismático que “constrói para si a imagem do homem que sabe pouco, que tem pouco estudo, mas, apesar disso, principalmente nas suas narrativas, consegue superar, com astúcia e tática, os infortúnios.” (FLACH, 2013, p. 12).

Tal protagonismo de Beleza se concretiza em contato com o espaço urbano, cada conquista representa uma alteração no panorama. Isso significa melhorias para todos, mudança de direção no destino coletivo. Desse modo, o sujeito se subjetiva e torna-se personagem de si mesmo, pois os outros acabam criando expectativas em relação ao seu comportamento. Sendo assim, ele assume o papel do herói, do defensor dos fracos, o representante da minoria. A força de seu discurso, conforme Paul Zumthor, “funda definitivamente a sua realidade.” (ZUMTHOR, 1997, p. 285). E, assim, o espaço urbano adquire um sentido supervalorizado, visto que é a razão de existência da coletividade e seu território de lutas.

Cada lugar do bairro: praças, terrenos baldios, vielas, esquinas, becos era carregado de memórias, conforme as descrições de Beleza nos momentos em que nos mostrava fotos ou enquanto realizávamos caminhadas pelo bairro. Ele sempre lembrava que as crianças precisavam saber dessas coisas para que esse passado

ruas e instalar banheiros públicos. A primeira solução para os problemas da América sempre aponta para remediar a sujeira e implantar o asseio. (KUSCH, 2000, p. 13, tradução nossa).

³⁴ Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2013.

não terminasse por ser esquecido e também para não serem manipuladas. A preocupação de Beleza partia do seu conhecimento sobre as relações de poder que estão implicadas no controle político do espaço geográfico. Este, para Ruy Duarte, é o “lugar privilegiado da expressão de um conjunto de processos [produtivos, apropriativos, disputativos] que exprimem a realização de múltiplas práticas determinadas por um conjunto de estruturas” (CARVALHO, 2008, p. 100).

Em relação a essa questão, Beleza comentava que ainda havia muitas áreas abandonadas na Restinga, servindo apenas como depósito de lixo. Mas quando os moradores se reuniam e limpavam para transformar em uma área de lazer para as crianças jogarem e brincarem, enquanto os pais se juntavam para tomar um chimarrão, logo aparecia o dono (geralmente a prefeitura ou algum herdeiro que nunca sequer tinha pisado no bairro). Quanto a isso, o narrador bem-humoradamente acrescentava: “Quando o filho é bonito todo o morro é pai”. Observa-se que os interesses dos moradores em relação aos espaços do bairro eram diferentes dos interesses daqueles que o viam apenas como empreendimento imobiliário.

Ruy Duarte de Carvalho, no ensaio “A casa, o domicílio e a residência como expressões de território social, produtivo e simbólico” (apresentado na Escola de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto, em 2002), traz uma definição que se aplica bem ao que foi mencionado:

Quando uma porção de meio geográfico [...] adquire os contornos de um espaço económico, social, político ou de representação, afecto também, portanto, ao domínio do simbólico, passa assim a constituir-se como um espaço geográfico controlado, explorado, vivido e pensado, isto é, como uma porção do espaço social politicamente produzido. (CARVALHO, 2008, p. 100).

No ensaio o autor se refere aos contornos da ocupação do espaço urbano em Angola, após a colonização. Contudo, observamos que pode ser aplicado ao caso da Restinga porque, ao que tudo indica, as relações de poder em relação à apropriação da terra parecem iguais em toda a parte. Desse modo, fica evidente a política de exclusão que relega aos pobres às áreas mais remotas (periferias) e morros (que viram favelas). Os pastores do deserto do Namibe, conforme depreendemos da obra de Ruy Duarte, também foram vítimas desse tipo de apropriação: as áreas mais férteis lhes foram, lentamente, sendo tomadas pelos

brancos (mercadores e exploradores), restando-lhes migrar para o interior do deserto árido, a fim de assegurar a sobrevivência da etnia.

Cabe ainda sublinhar, conforme pôde ser observado, que a magia da paisagem fascina o seu interlocutor, projetando significados únicos. Rogério Haesbaert (2013, p. 148) comenta que a imaginação nos permite “expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo.” O caráter libertador e lírico da poesia autoriza o sujeito a criar e a transgredir as fronteiras da racionalidade. Ruy Duarte de Carvalho foi seduzido pelo Sul e expressou seu encantamento com uma poesia que também seduz o leitor:

Estas baías

O que há aqui
 é ter-se a justa percepção do espaço
 e as importantes coisas que o sustêm:
 o exacto norte que o temor encerra;
 a votiva escravidão que o mar inspira;
 o leste e o som remoto de uma extinta glória;
 o sul magnético
 e a festa que anuncia.
 (CARVALHO, 2005, p. 59)

Com isso, é possível inferir que as paisagens naturais parecem ser dotadas de um poder capaz de suscitar o arrebatamento, diferentemente das imagens que povoam o imaginário dos que habitam as periferias das grandes cidades. Somente uma alma sensível de poeta poderia ver através de suas “imagens desvisualizadas”. E, assim como Duarte cantou o Sul de Angola, Alex Pacheco, tímido morador da Restinga, cantou a essência do seu espaço com toda a inspiração da imaginação:

EM VIAS DE UMA URBE (quase humanas)

Se eu vagueio por inúmeras vias
 De uma urbe dentro de sua negrura
 Tão insólita...quase solita.
 Se eu vagueio por essas vias
 Não visualizo um fulgor dardejante;
 Há sombras
 Há imagens desvisualizadas
 Em uma urbe em corpos amorfos
 Há pensamentos mórbidos

Há sentimentos álgidos
[...]
Há passos aqui
Há passos acolá
Todavia em horizontes que trilhamos
Será que devemos deflorar
Nossa própria essência?
Na Urbe tantas
Vias onde fulgores lúcidos;
Porém tão longínquo do âmago.
(PACHECO, 2010, p. 15)

O poeta extravasa o seu sentimento de pertencimento se subjetivando na poesia que explora a sensibilidade e a profundidade das sensações: sombras, imagens desfiguradas, corpos disformes, etc. Tal relação do sujeito com a poesia explica-se, segundo Gaston Bachelard, porque “a imaginação se coloca no lugar onde a função do irreal vem seduzir ou inquietar – sempre despertando – o ser adormecido em seus automatismos.” (BACHELARD, 1988, p. 107). Reconhecemos, na poesia do Alex, os traços de sua personalidade comedida e introspectiva. Contudo, isso não significa passividade, pois seus relatos revelam um sujeito crítico e consciente de seu papel social.

Essas relações entre sujeitos completamente diferentes (Beleza e Alex) – mas unidos pela mesma causa, o bem estar coletivo da comunidade – geram a fundação de uma história coletiva que precisa ser observada dentro de seu contexto. Isso se torna importante para a compreensão da sociedade contemporânea, pois, falar desses grupos sem estar em contato direto com o seu mundo, sem “estar lá”, como sempre argumentou Ruy Duarte de Carvalho, pode acarretar leituras distorcidas e enganosas. É preciso viver a experiência, sentir o outro, para, assim, compreender as suas relações pessoais e espaciais. Com isso, poderemos fazer jus à verdade que nos permitirá representá-lo de modo a não haver apropriação.

5.3 Quando se aprende a ouvir...

Escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo,
sua voz que vem de outra parte.

Paul Zumthor (2007)

O ato de ouvir é uma questão primordial para qualquer antropólogo ou sujeito que pretenda penetrar na vida de sociedades, a fim de tentar entender seus modos de ser e estar no mundo. Contudo, a difícil arte de ouvir o outro é o grande desafio nessa interação. Para Zumthor, a partir do momento em que eu me disponho a ouvir, “Essa voz, dirigindo-se a mim, exige de mim uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta.” (ZUMTHOR, 2007, p. 84). Infelizmente, não estamos habituados a ouvir, só a falar. Esse fato é o reflexo da sociedade moderna, que nos impulsiona a agir, a fazer, a lutar e a correr contra o relógio todos os dias. A ansiedade é estimulada por esse ritmo frenético, que nos aprisiona e impede de desenvolver o aprendizado da escuta.

Receio que por muito tempo estive nessa prisão, mas a consciência de estar nesse estado foi o primeiro passo para a liberdade. Com isso aprendi que, para ser um bom ouvinte, é preciso ter paciência, disposição e, sobretudo, aprender a cultivar o silêncio. Além do mais, não se desenvolve essa capacidade apenas com a leitura, precisa-se da presença do outro. O trabalho da pesquisa *A vida reinventada*, desenvolvido na Restinga, foi a minha primeira fonte de inspiração para o aprendizado da escuta. À medida que eu ouvia as histórias que eles contavam aumentava o meu desejo de ouvir, pois também me sentia representada, como se fosse o eco da minha própria voz. Talvez porque, de acordo com Zumthor, a voz possua uma forma única “ligada para nós ao sentimento de sociabilidade.” (ZUMTHOR, 2007, p. 86).

A outra fonte de inspiração eu encontrei na realização desta dissertação: Ruy Duarte de Carvalho. A sua produção literária me fez refletir profundamente sobre a minha própria experiência, pois Duarte, além de ter sido um grande escritor, foi um ser humano fora do comum. Seu jeito singular no trato com a alteridade me fascinou desde as primeiras leituras. Tal comportamento do autor pode ser verificado no

excerto³⁵ abaixo, em que ele descreve uma conversa sua com um “mais-velho”, chamado Trindade:

..... estamos a falar só entre nós, disse-me então o Trindade e disse-me ainda coisas que eu agora até nem escrevo, seguindo um critério cá meu, não porque entenda que excedem o que também eu sei e já terei dito e escrito noutras ocasiões, antes porque aquilo sobre o que o mais-velho discorreu a seguir me convence que contar tudo quanto ele me estava a dizer seria afinal estar a trair-lhe, porque ele estava a contar essas coisas ali só entre nós, e eu agora estou a escrevê-las para um leitor comum qualquer..... (CARVALHO, 2009, p. 218).

O que observamos é um quadro que mostra a habilidade de Duarte na arte de ouvir, demonstrando que nem tudo o que ouvimos durante a contação de histórias deve ser reproduzido, ou transcrito. Há coisas que o narrador nos revela no calor do momento, amparado no pacto de confiança estabelecido entre ele e nós pesquisadores, de carácter muito particular. Por isso, precisamos, a exemplo de Ruy Duarte, ser sensíveis a essas questões. E, quando isso acontece, nós entramos no jogo, transformando-nos em parte do enredo; afinal, todos nós temos as nossas motivações para “estar lá”.

O Ruy tinha as suas, nunca as revelou de todo, mas, como era de seu feitio, deixou-nos insinuações, suposições... para que pudéssemos tirar as nossas próprias conclusões. Aliás, ele transpôs para a escrita seu jeito de nunca dizer tudo, as marcas da oralidade: os muitos pontinhos que demarcam os espaços do pensamento, no texto, e exigem de nós uma participação mais ativa. Um exemplo disso encontra-se no magnífico diálogo entre ele e o seu fiel companheiro de viagens Paulino³⁶:

..... já andei um tanto e tal por essa Namíbia fora, até hoje, [...]a ponto de a gente agora, Paulino, já não termos a mesma idade que era a nossa então o tempo do princípio desta estória pertence já a um passado que é nosso também tem passados, sim, que não acabam nunca ou então não tem passado que não exista só, feito, num qualquer presente que o pré-faz sempre de novo, e diferente mas isso é outra conversa e para as conversas que eu quero ter com você

³⁵ Retirado do seu último livro publicado (*A terceira metade*), o terceiro da trilogia *Os Filhos de Próspero*. Os dois anteriores foram *Os papéis do inglês* e *As paisagens propícias*, respectivamente.

³⁶ Companheiro de viagens de Ruy Duarte desde o início de suas deambulações pelo deserto. É um personagem que está presente em, praticamente, todas as narrativas do autor.

agora, o que a mim mais me espanta e andarmos assim ainda a trabalhar juntos e a esquiar de jipe pelas dambas felinas destes desertos todos, sempre a falar do mesmo mas nunca, jamais, da mesma maneira, porque afinal falamos não é de um qualquer passado, nosso ou alheio, mas de um processo em curso falamos antes, de cada vez de novo, é mais para garantir devir à história..... e é para encerrá-la, a essa longa história, desta vez agora? e isso é coisa para saber mais como? (CARVALHO, 2009, p. 14).

A história referida acima faz parte da trilogia *Os Filhos de Próspero*, mencionada antes, e diz respeito aos papéis do inglês (história iniciada no livro que também possui esse nome), cujo rastro Duarte vem perseguindo desde lá. A pretexto dessa busca a história acontece, e nós vamos desvendando o cenário das deambulações de Ruy Duarte e Paulino. Este, a essa altura, manifesta o seu protagonismo, sendo que tal destaque vai acontecendo naturalmente, pois à medida que sua presença vai se insinuando nas narrativas, ele vai passando a compartilhar o mesmo espaço que o narrador. Outra coisa que chama a atenção sobre esse personagem é a sua disposição para ouvir. Ruy Duarte, ao andar sozinho por aquelas veredas, acabou criando um grande laço de amizade com ele, tendo-o, inclusive como confidente.

Por fim, a experiência de ouvir o outro é, sobretudo, um exercício humanizador e transformador. Walter Benjamin (1994, p. 114) afirma que “as ações da experiência estão em baixa”. Nesse caso o autor se refere à fragilidade trazida pela guerra, mas observamos que, apesar de não termos mais tal situação, a experiência continua em baixa. É uma das razões é que as pessoas não têm mais tempo para “ouvir”, especialmente aqueles “mais-velhos”, como refere Ruy Duarte, os legítimos detentores do saber. Nas sociedades em que os valores tradicionais são cultivados e mantidos, como os pastores Kuvale, esses mais velhos são considerados sábios. Contudo, nas sociedades em que prevalece a cultura ocidental, eles nem sequer encontram lugar, quanto mais alguém para ouvi-los. Com isso estamos vivendo uma séria crise da experiência, conforme explica Benjamin:

A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo (BENJAMIN, 1994, p. 118-119).

Sendo assim, o descrédito pela experiência demarca também o seu fim, levando igualmente à extinção da arte de narrar, pois “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores.” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Com isso, podemos acrescentar que a arte de “ouvir” também está em baixa, pois Benjamin (1994, p. 213) afirma que quem “escuta uma história está em companhia do narrador”, no entanto, as tribulações da vida contemporânea nos impelem para o isolamento da leitura solitária. Nesse sentido, tanto o projeto de Ruy Duarte quanto o trabalho de pesquisa desenvolvido na Restinga vêm estimular esses valores e, além disso, tentar contribuir para a reversão dessa crise que afeta as sociedades ditas “civilizadas”.

...E A HIPÓTESE DE UM DESFECHO.

Cresceu a noite, alimentando o brilho da fogueira
e projectando o eco do silêncio muito para além
das vozes, a soar em círculo. À noite e ao fogo,
às vozes e ao silêncio, devo esta graça
de me sentir inteiro e dilatado
em vento, espaço e luz.

Ruy Duarte de Carvalho (2008c)

A epígrafe acima, retirada do livro *Como se o mundo não tivesse leste*, traduz, poeticamente, a personalidade do sujeito que se dilui no espaço vivido. Essa questão, como se pôde observar ao longo deste trabalho, perpassa toda a produção literária de Ruy Duarte de Carvalho. Rita Chaves afirma que nessa “espécie de simbiose, a relação com a terra faz-se como um ritual de aprendizagem” (CHAVES, 2005b, p. 130). Relativo a isso, no decorrer deste estudo percebemos que a terra assume uma representação simbólica, englobando todos os elementos que a envolvem: paisagem, pessoas, geografias, etc.

Desse modo, a relação do autor com o espaço vivido foi o mote para o desenvolvimento da pesquisa apresentada neste trabalho. Apesar de a proposta inicial se referir, basicamente, à obra *Vou lá visitar pastores*, identificamos a necessidade de incluir outras obras do autor nesse mesmo contexto analítico. Contudo, essa participação ocorreu apenas como uma contribuição à proposta inicial, já que em larga escala não caberiam neste estudo. Com isso, constatamos que o “espaço”, para Ruy Duarte, revela-se em duas dimensões: o geográfico – os locais de suas deambulações e experimentações físicas, e o subjetivo – o espaço da escrita e da ficção.

Para confirmar as observações em relação ao terreno da escrita do autor Marta Lança atesta que:

Ruy Duarte de Carvalho fundou, junto com o contar dos outros, escritores, poetas, viajantes que se encontram numa mesma inquietação, nas paisagens da vida e nas paisagens literárias, o seu contar único, por oposição à escrita “sopa de letras liquidificada pelas tecnologias de mediatização” ou a “propostas literárias de talentos jornalísticos assim”. Uma escrita generosa e rigorosa que ajudou sempre à tradução das diferenças de ordem económica, cultural, sexual, ofícios, luz na paisagem,

animais (por vezes mais interessantes que o tão prematuro animal homem), poderes e contra-poderes, trazendo as referências literárias mais estimulantes, a ousadia dos que abrem caminhos, a poética da terra, a cadência da oralidade e o rigor científico na descrição. (LANÇA, 2010, p. 226, grifos da autora).

As palavras da autora vêm ratificar as constatações feitas neste trabalho, pois já na análise da obra *Vou lá visitar pastores* observamos a inserção do autor no espaço da narrativa. Em inúmeros momentos ele demonstra sua inquietação e oposição a determinados discursos formatados, feitos por encomenda para atender interesses políticos. E, ao analisar outras obras subsequentes de Duarte percebemos que tal traço de irreverência o acompanhou durante toda a vida, sendo, também, o responsável pela característica única de sua escrita.

Cabe ainda destacar que ao pesquisar a trajetória da vida do autor verificamos uma espécie de trânsito, não apenas no espaço físico, mas também no nível dos discursos. Estes são oriundos das muitas profissões que exerceu ao longo de sua existência: regente agrícola, cineasta, antropólogo, professor, escritor. Contudo, todas o levaram ao mesmo lugar: o deserto do Namibe, o “teatro de suas aplicações”. É relevante frisar a importância que esse espaço teve para Ruy Duarte, conforme ele mesmo enfatiza:

Todas essas paisagens, vazias para quem as atravessa e vazias na maior parte das expressões artísticas ou descritivas em que têm sido traduzidas, correspondem a um espaço febril, animado, fervilhante de vida. Há insetos por aí a bolinar por toda a parte, até mesmo na mais mineral das plantas quando já é mesmo quase o deserto total. As dobras deste espaço estão para além dos eixos que estas estradas são. Há homens e assentamentos de homens escondidos pelas dobras dos relevos e pelos contornos do chão. Há outros eixos, que são os rios, o leito de rios secos onde nos cantos aflora a água ou onde escavando tem água que dá. E aonde houver água vai dar para ter gado e aonde der para ter gado, nesta geografia, vai ter gente lá. (CARVALHO, 2005, p. 131).

A tradução da paisagem pelas lentes do autor nos revela um lugar carregado de significado e de vida, desconhecidos para o mundo que somente conseguia enxergar o vazio do deserto. Com isso, inferimos que essa capacidade de Duarte de ver além do óbvio resultou da sua incessante busca pelo conhecimento, a qual ele perseguiu por meio de seus inúmeros ofícios, de sua sensibilidade poética e de sua experiência. Aliás, do início ao fim deste estudo, esteve claro que Ruy Duarte, por toda a vida, foi sempre um poeta a escrever ensaios e ficção. Essa sua afinidade

com a poesia deu-lhe a incrível percepção de ver o mundo com outro olhar, diferente do senso comum.

Ainda, sobre a questão da inserção de Duarte na paisagem, Ana Lúcia Tettamanzy (2012, p. 12) afirma que é essa “consustanciação da paisagem num tipo particular de escrita, que remete ao coletivo por conta da experiência de ter estado junto, na situação interativa”. Isso reforça a ideia defendida neste estudo sobre a relevância da experiência vivida por Ruy Duarte para o desenvolvimento de seu estilo próprio de escrita. E, conforme se observou ao longo destas páginas, esse estilo teve a influência direta da Antropologia e da Literatura, tornando-se completamente híbrido e diferente de tudo o que conhecemos. Cabe ainda esclarecer que foi a obra *Vou lá visitar pastores* (2000) que inaugurou tal estilo, embora Duarte já tivesse se aventurado no gênero narrativo escrevendo *Como se o mundo não tivesse leste*, em 1977.

Um dos objetivos aqui desenvolvidos foi ver como se processava essa relação interdisciplinar na narrativa do autor. Assim como assevera Tettamanzy (2012, p. 15) “Do ponto de vista temático, aproximam-se os dois campos pelo interesse comum em intervir na ‘substância humana’ que a vida implicou”. O seu desejo de poder intervir positivamente nos processos de autoafirmação de identidades das sociedades com as quais teve contato foi uma de suas motivações para a realização de seu projeto literário. A outra foi o seu gosto pela literatura, desenvolvido a partir de suas leituras de Guimarães Rosa, Euclides da Cunha e José Luandino Vieira, entre outros.

É fato que a Literatura constitui-se da subjetividade, da invenção, da criação de mundos e personagens; e que a Antropologia funda-se na objetividade, na realidade, na observação de sujeitos e mundos reais. A união desses opostos resultou na ficção de Ruy Duarte, um texto que explora os limites da criação. Sendo assim, podemos supor que, além das motivações pessoais do autor (explicitadas no parágrafo anterior), houve um terceiro elemento que contribuiu significativamente para que a fusão entre esses dois saberes acontecesse de forma tão simétrica, a sua experiência com a poesia. Tal afirmação pode ser conferida no seguinte trecho:

A estória verdadeira, neste caso a viagem, vivida como ficção. [...] Disponível para deixar-se repescar do caminho afundado e solitário que sempre há-de ser o da escrita, pelas escritas que o mundo captado expressivo porque imprevisto e ‘novo’, lhe convida a inscrever como ficção

na ficção da sua própria narrativa e na expectativa, sempre, de que daí resulte, aí se dissimule, qualquer coisa que exceda a intenção, o contexto e o labor da escrita, alguma parte daquilo que o comum do dia-a-dia impede de ver, a sobreposição lenta de camadas finas e transparentes da própria ficção do mundo. (CARVALHO, 2005, p. 13).

Quanto à ação da experiência, tínhamos nos proposto, também, a confrontar a minha breve prática realizada na Graduação com a extensa prática de Ruy Duarte. Essa parte do trabalho, um pouco peculiar, revelou que a realização de projetos que nos fazem cruzar fronteiras (reais e subjetivas) deixam marcas (tanto nos sujeitos envolvidos, quanto na história). No que se refere às marcas pessoais, a ação da experiência vivida desperta em nós pesquisadores um sentimento de humanidade consciente e realista. Do mesmo modo, os sujeitos envolvidos experimentam um protagonismo que se traduz por empoderamento. Em relação às marcas na história, as ações pessoais geram mudanças graduais capazes de mudar o seu rumo. Sendo assim, o confronto de duas histórias tão distintas, como foi a minha e a do Ruy, revelaram que, em longo prazo, os resultados podem ser semelhantes, apesar de retratarem contextos tão diferentes.

Por fim, partimos de um objetivo inicial que concentrava a análise na obra *Vou lá visitar pastores*, contudo, como já mencionamos, vislumbramos a necessidade de estender o estudo às narrativas posteriores de Ruy Duarte. Com isso nos damos conta de que elas funcionam como uma espécie de diário da vida do autor. Ele se inscreve nas narrativas e segue sua trajetória transumante pelos espaços de suas deambulações. Assim, a viagem de sua história pessoal vai sendo escrita. Nesse sentido, tal investigação nos permitiu ver a influência que a ação do tempo produziu em sua própria personalidade. Como era de se esperar, suas atitudes e pensamentos intervencionistas em relação à alteridade só se intensificaram.

Cabe ainda levantar uma questão que, apesar de extrapolar o escopo deste estudo, serviu como subsídio para as proposições feitas ao longo do trabalho. Ao analisar as últimas obras de Duarte observamos que um personagem teve uma trajetória semelhante à do narrador, ou seja, foi crescendo à medida que se tornava mais atuante. Paulino, fiel companheiro de Ruy em suas aventuras pelo deserto, compartilhando sonhos e frustrações. Em determinado momento o autor chega a ver-se como “D. Quixote com o Paulino atrás, a tentar dizer coisas ao governo e à intervenção humanitária” (CARVALHO, 2007, p. 41).

Essas últimas percepções também demonstraram que há um vasto campo de análise a trilhar na obra de Ruy Duarte de Carvalho, especialmente na trilogia *Os Filhos de Próspero*, quando o protagonismo do Paulino vai se acentuando. Mas isso é questão para ser tratada em outra ocasião. Para as discussões propostas aqui basta termos a ciência de tudo isso, tão somente para reforçá-las. E, sem ter “certezas” a propor, tão somente “fluidas hipóteses”, pois estive mais a viver uma aventura – atrás do Ruy e do Paulino – que a me preocupar com asserções. Já que “A aventura tem destas coisas. Caso contrário não tinha aventura nenhuma. E nem estórias haveria.” (CARVALHO, 2007, p. 43).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Antropologia e literatura**: a propósito e por causa de Ruy Duarte de Carvalho. *Jornal do Ciclo Ruy Duarte de Carvalho*. Lisboa: Centro Cultural Belém, Fevereiro, 2008. Disponível em: <<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/CCB/Documents/Ruy%20Duarte%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2014.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico; A poética do espaço**. Tradução de Remberto Francisco Kuhnen, Antônio da Costa Leal, Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana L. de Lima Reis; Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BENJAMIN, WALTER. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CARDOSO, Claudia Fabiana de Oliveira. **A jornada do herói em dois poemas de Ruy Duarte de Carvalho**. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, v.1, n. 4, p. 81-91, jul. 2011. Disponível em: <http://setorlitafrika.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_4_7.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CARVALHO, José Jorge de. **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, ano 7, n.15, p. 107-147, jul. 2001.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Aviso à navegação**: olhar sucinto e preliminar sobre os pastores Kuvale da província do Namibe com um relance sobre as outras sociedades pastoris do sudoeste de Angola. Luanda: INALD, 1997.

_____. **Vou lá visitar pastores**: exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1992-1997). Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

_____. **Actas da Maianga... dizer das guerras, em Angola...** Lisboa: Edições Cotovia, 2003.

_____. **Lavra**: Poesia Reunida 1970-2000. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

_____. **Uma espécie de habilidade autobiográfica.** Lisboa: Jornal de Letras, 2005b. Republicado em BUALA (site): Cultura Africana Contemporânea. Coord. Marta Lança, 2010. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/uma-especie-de-habilidade-autobiografica>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

_____. **As paisagens propícias.** Lisboa: Edições Cotovia, 2005c. (segundo livro da trilogia Os Filhos de Próspero).

_____. **Os papéis do inglês** ou o Ganguela do Coice. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (primeiro livro da trilogia Os Filhos de Próspero).

_____. **A câmara, a escrita e a coisa dita...** fitas, textos e palestras. Lisboa: Cotovia, 2008.

_____. Tempo de ouvir o 'outro' enquanto o "outro" existe, antes que haja só o outro... In: **Podemos viver sem o outro?** Vários autores, Lisboa: Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008b. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/tempo-de-ouvir-o-outro-enquanto-o-outro-existe-antes-que-haja-so-o-outro-ou-p>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

_____. **Como se o mundo não tivesse leste.** Lisboa: Biblioteca Escritores Independentes, 2008c.

_____. **A Terceira Metade.** Lisboa: Cotovia, 2009. (terceiro livro da trilogia Os Filhos de Próspero).

_____. **Desmedida:** Luanda - São Paulo - São Francisco e volta. Crônicas do Brasil. Rio de Janeiro: Língua geral, 2010.

CHAVES, Rita. **Literatura e identidade(s):** algum percurso de Ruy Duarte de Carvalho. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel35/RitaChaves.pdf>>. Acesso em: 01 mai.2014.

_____. **Ruy Duarte de Carvalho:** antropologia e ficção na representação do mundo. Africa Review Of Books, Moçambique, p. 7-8, 2005. Disponível em: <http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-05-28T132018Z-2526/Publico/Marcia%20%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2014.

_____. A poética de Ruy Duarte de Carvalho: Memória e Cumplicidade. In: CHAVES, Rita (org.). **Angola e Moçambique:** Experiência Colonial e Territórios Literários. São Paulo: Ateliê Cultural, 2005b.

_____. **Desmedida:** o Brasil, para além da paisagem, em Ruy Duarte de Carvalho. Remate de Males – 26(2) – jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3315/2790>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. A propósito da narrativa contemporânea em Angola: notas sobre a noção de espaço em Luandino Vieira e Ruy Duarte de Carvalho. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvío Renato (org). **África: Escritas Literárias**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/UEA, 2010.

_____. A viagem. In: LEITE, Ana Mafalda, [et al] (org). **Nação e narrativa pós-colonial: Angola e Moçambique**. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

_____. A Desmedida de Ruy Duarte de Carvalho: a viagem como síntese e invenção. In: LEITE, Ana Mafalda, [et. al] (org.). **Nação e narrativa pós-colonial: Angola e Moçambique**. Lisboa: Edições Colibri, 2012b.

CLIFFORD, James. **A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In. DALCASTAGNÈ, Regina (org). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FANON, FRANTZ. **Pele negra, máscaras brancas**. 2 ed. Porto: Paisagem, 1975.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **A voz e o sentido: poesia oral em sincronia**. São Paulo: UNESP, 2007.

FLACH, Alessandra Bittencourt. **Vozes da Memória: o contador de histórias em narrativas orais urbanas**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88415/000906480.pdf?sequence=1>>. Acesso em 09 jan. 2015.

GEERTZ, Clifford. Descoberto na tradução: a História Social da Imaginação moral. In: **O saber local – Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 7 ed. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ISER, Wolfgang. **A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção**. Tradução de Maria Ângela Aguiar. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS/Série Traduções. Porto Alegre: Editora PUCRS, v.3, n.2, mar. 1999.

KINGLER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KUSCH, Rodolfo. America Profunda. In. **Obras completas** – Tomo II. Córdoba: Editorial Fundación Ross, 2000.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos).

LANÇA, Marta. **A viagem em Ruy Duarte de Carvalho**. São Paulo: Revista Via Atlântica Nº 17, JUN/2010.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares comuns. In. LEÃO, Ângela vaz (org). **Contatos e Ressonâncias**: Literaturas Africanas de língua Portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003

NASCIMENTO, Márcia dos Santos. **Por uma geografia poética**: paisagem e escrita em Ruy Duarte. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte: CESPUC - MG, v. 14, n. 27, p.63-79, 2º sem. 2010. Disponível em: <http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_4_7.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2014.

PACHECO, Alex. **Poemas em versos aos corações**. Porto Alegre: Evangraf: Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Atravessamento de temporalidades ou alguma poesia de Ana Paula Tavares e Ruy Duarte de Carvalho**. Revista CERRADOS, Brasília: UNB, n. 20, ano 14, p. 53-61, 2005. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/viewFile/11339/pdf_75>. Acesso em: 19 ago. 2014.

_____. **Veredas ao sul**: a escrita ficcional de Ruy Duarte de Carvalho. Revista IPOTESI, Juiz de Fora: UFJF, v. 14, n. 2, p. 159 - 167, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/13-Veredas-ao-sul.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

_____. Romances como diários de viagem – o caso de Angola. In: LEITE, Ana Mafalda, [et al] (org). **Nação e narrativa pós-colonial**: Angola e Moçambique. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

QUINTAIS, Luís. Escolher o deserto. In. **Dei-me portanto a um exaustivo labor**. Lisboa: Jornal RDC, 2008. Disponível em: <<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/CCB/Documents/JornalRDC.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SANCHES, Manuela Ribeiro. Outros lugares, outros tempos. Viagens pela pós-colonialidade com Ruy Duarte de Carvalho In. **Dei-me portanto a um exaustivo**

labor. Lisboa: Jornal RDC, 2008. Disponível em: <<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/CCB/Documents/JornalRDC.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando o lugar do nacional no comparatismo. In. SCHMIDT, Rita Terezinha (org). **Sob o signo do presente**: intervenções comparatistas. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

SILVESTRE, Osvaldo. **Notas sobre a paisagem e o tempo em Ruy Duarte de Carvalho**. In. Setepalcos n. 05, Coimbra: Cena Lusófona, julho de 2006.

SOUZA. Marli Paz. **Do sul de Angola ao Nordeste brasileiro**: um itinerário poético. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2007. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/MarliPaz.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SOUZA. Roberto Acízelo de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Ana Paula. Escrever a nação – A propósito de e sobre Ruy Duarte de Carvalho: A Câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras. In: LEITE, Ana Mafalda, [et. al] (org.). **Nação e narrativa pós-colonial**: Angola e Moçambique. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

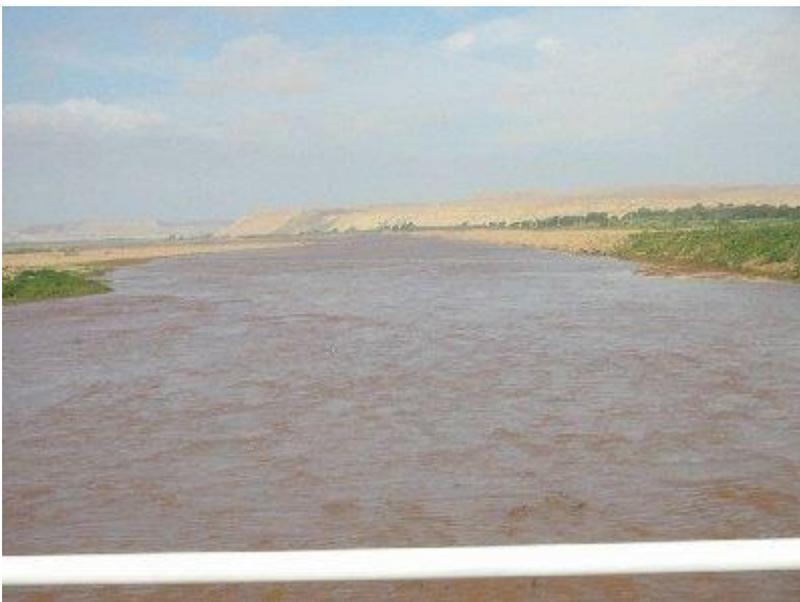
TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Ficções de si**: auto-etnografia em Ruy Duarte de Carvalho. Mulemba, Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n.7, pp.4519, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_7_1.php>. Acesso em: 15 ago. 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. **Performance, recepção, leitura**. 2.ed. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXOS

Anexo 01: Rio Bero

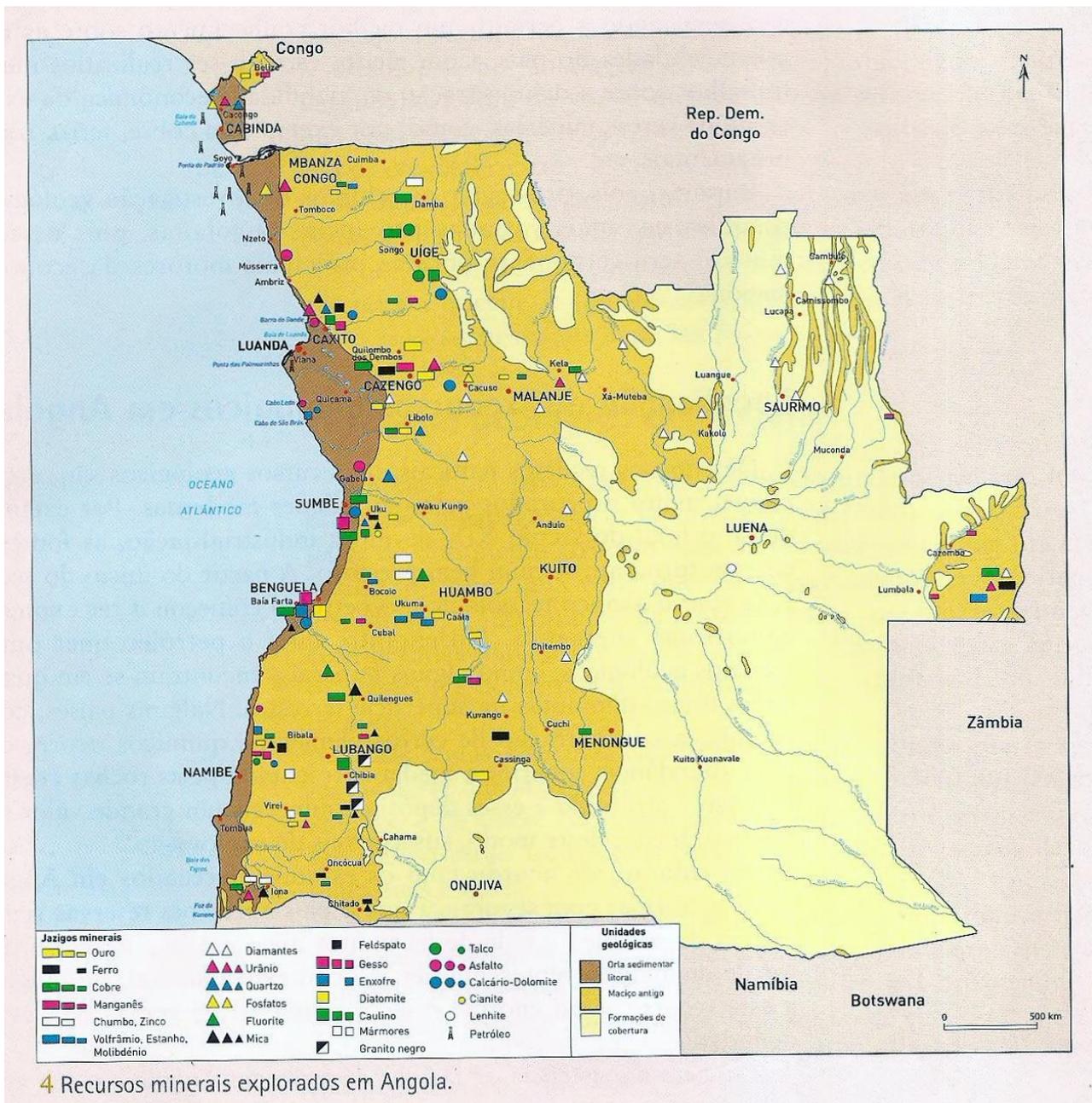


Fonte: <http://tudosobreangola.blogspot.com.br/2010/09/fundacao-de-mocamedes-namibe-no-sul-de.html>

Anexo 2: Mapa de Angola



Anexo 3 – Mapa geológico de Angola



Fonte: <http://ciencias-geologia.blogspot.com.br/search/label/Mapas>